

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**ESTIGMAS, GUETOS E GENTRIFICAÇÃO:  
A SEGREGAÇÃO HOMOSSEXUAL EM BRASÍLIA**

**Autora: Cristina Monteiro de Queiroz**

Brasília, 2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**ESTIGMAS, GUETOS E GENTRIFICAÇÃO:  
A SEGREGAÇÃO HOMOSSEXUAL EM BRASÍLIA**

Dissertação apresentada ao  
Departamento de Sociologia da  
Universidade de Brasília/UnB como  
parte dos requisitos para a obtenção do  
título de Mestre.

Brasília, agosto de 2008

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**ESTIGMAS, GUETOS E GENTRIFICAÇÃO:  
A SEGREGAÇÃO HOMOSSEXUAL EM BRASÍLIA**

Autora: Cristina Monteiro de Queiroz

Orientador: Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes

Banca: Prof. Dra. Deis Elucy Siqueira (Sol/UnB)  
Prof. Dra. Antonádia Monteiro Borges (Dan/Unb)  
Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira (Sol/UnB, Suplente)

Brasília, agosto de 2008

## AGRADECIMENTOS

Escrever, para mim, é ao mesmo tempo um processo doloroso e instigante e que, por isso, traz consigo desafios e angústias. E os agradecimentos não se fazem uma exceção.

Agradeço inicialmente ao professor Eurico por me ter dado o tempo suficiente e a liberdade para me encontrar enquanto estudante e pesquisadora de sociologia e ao professor Brasilmar Nunes, meu orientador, que aceitou o desafio de orientar uma pesquisa que começava do zero já estando na metade do curso de mestrado e que - acima de tudo - me fez entender o que significa, de fato, orientar. Professor, obrigada.

À minha família, que sempre soube o quão importante para mim é estudar e sempre me deu todas as ferramentas e oportunidades para tanto. À minha “equipe de abordagem”, em especial: Flávia, José, Paulo, Berenice, Ednea e Berlim, que fizeram um trabalho incrível. À Gisela pela disposição de percorrer Brasília comigo com uma máquina fotográfica na mão e ao Marconi pela transcrição das entrevistas. Aos meus colegas e chefes de trabalho – tanto do Senado quanto do MDS – pela compreensão dos prazos e necessidades: Solange, José, Othília e Renato.

Pelas constantes conversas e compartilhamento das angústias de se querer seguir a vida acadêmica (ou não) agradeço à Layla, Carlos, Danusa e Sara, pois apesar de alguns estarem distantes fisicamente – do outro lado do Atlântico – sempre se fizeram bastantes presentes na minha vida.

Agradeço à Renata e ao Bento pelo convívio diário e por me fazerem lembrar, às vezes a contragosto, de que existe vida além do mestrado.

Agradeço ao Departamento de Sociologia nas figuras de Abílio, Márcia e Evaldo que sempre foram muito prestativos e, por fim, agradeço a todos que se fizeram presentes na minha vida durante esses mais de dois anos e torceram por mim. Obrigada.

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo entender a segregação homossexual nos espaços de lazer na cidade de Brasília, abordando os conceitos de segregação espacial - especialmente os de guetos e gentrificação - e a noção de estigma. A intenção é compreender como os próprios homossexuais entendem e percebem os lugares que freqüentam. Para tanto, foram estabelecidas três hipóteses na pesquisa: i. Hipótese do gueto afirmando que a segregação social nas metrópoles - neste caso, Brasília -, produz uma articulação entre espaço social e espaço físico que qualifica certas áreas da cidade como guetos e não como áreas gentrificadas; ii. Hipótese do estigma inferindo que a imposição ou voluntarismo de certos grupos a guetos está intimamente ligada ao tipo de estigma (desacreditado ou desacreditável) sofrido pelos integrantes desses mesmos grupos; e iii. Hipótese do voluntarismo classificando os homossexuais como desacreditáveis e, portanto, a sua segregação a certos tipos de espaços é tida como voluntária por eles mesmos. Durante a pesquisa de campo realizada em três espaços da cidade reconhecidos por sua freqüência homossexual - bar Barulho, bar Beirute e Café Savana - verificou-se que esses espaços freqüentados por homossexuais na cidade se aproximam mais do conceito de gueto do que de áreas gentrificadas. Da mesma forma, também foi verificado que a maioria dos entrevistados se posiciona como desacreditável, uma vez que muitos deles pontuam a existência do preconceito como uma consequência de atos individuais e, portanto, passíveis de serem encobertos. Já a hipótese do estigma foi evidenciada a partir da contraposição dos estudos de Louis Wirth e Loic Wacquant acerca do gueto judeu e negro, respectivamente. Constatou-se, ainda, durante o estudo, como Brasília - enquanto palco da pesquisa - exerce influência sobre os comportamentos sociais em razão de sua arquitetura particular, evidenciando o reflexo das relações espaciais da cidade nas relações sociais de seus habitantes.

**Palavras-chave:** Sociologia urbana, segregação social, guetos, gentrificação, estigma, homossexualidade, espaços urbanos.

## **ABSTRACT**

The research aims at understanding the homosexual segregation at the leisure spaces in the city of Brasília. In this sense, it articulates the spatial segregations' concepts - especially those of ghetto and gentrification - with the idea of stigma. The purpose is to comprehend how the homosexuals understand and perceive the places they go to. For that, three hypothesis were established: i. Ghetto hypothesis affirms that the social segregations in urban areas - in this case in Brasília, generates an articulation between social and physical spaces which qualifies certain areas of the city as ghettos and not as gentrification areas; ii. Stigma hypothesis infers that the voluntarism or imposition of certain groups to the ghetto is closely related to the kind of stigma (discredited or discreditable) suffered by the group integrants; and iii. Voluntarism hypothesis classifies the homosexuals as discreditable and, thus, their segregation to certain spaces is perceived by them as voluntary. During the field research in three leisure spaces of the city known by their homosexual frequency - Barulho bar, Beirute bar and Savana Café - it was verified that the homosexuals' spaces are more similar to the concept of ghetto rather than the one of gentrification. In the same way, it was also observed that the great majority of the interviewed people put themselves as discreditable, since most of them see the prejudice as a consequence of individuals acts and, because of that, it is possible to be hidden. The stigma hypothesis was evidenced by the contraposition of Louis Wirth and Loic Wacquant's studies about the Jewish ghetto and the black ghetto, respectively. It was also noticed, how Brasília - as the research's stage - has some influence on the social behaviors in reason of its peculiar architecture, evidencing the impact of the city's space relations on the social relations of its inhabitants.

**Key words:** Urban Sociology, social segregation, ghettos, gentrification, stigma, homosexuality, urban spaces.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>VIII</b>
<b>2. Metodologia</b> .....	<b>14</b>
<b>3. A cidade de Brasília</b> .....	<b>21</b>
<b>4. Segregação Espacial</b> .....	<b>43</b>
4.1. O “gueto” para Wirth .....	44
4.2. O “gueto” para Wacquant .....	48
4.3. O conceito de gueto para os entrevistados .....	50
4.4. Gentrificação .....	54
4.5. Gentrificação, guetos e estigmas .....	59
4.6. Segregação Sexual .....	63
4.7. Guetos ou áreas gentrificadas em Brasília .....	69
5. Estigma .....	84
5.1. O estigma dos entrevistados .....	88
5.1.1. Preconceito .....	89
5.1.2. O beijo na boca ou o motivo de freqüentar locais gays .....	93
5.1.3. Ser ou não ser? .....	96
<b>6. Conclusão</b> .....	<b>100</b>
<b>7. Referências Bibliográficas</b> .....	<b>109</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>117</b>

## 1. Introdução

A homossexualidade é tida como um estigma em nossa sociedade, por essa razão práticas preconceituosas contra os homossexuais são vistas cotidianamente. Neste sentido, Almeida<sup>1</sup> (2007) mostra que 89% da população entrevistada em pesquisa realizada no Brasil no ano de 2002 afirma ser contra o sexo entre dois homens e 88% contra o sexo entre duas mulheres, ou seja, são contrários à homossexualidade. Além disso, a homossexualidade – no livro tratada como homossexualismo – é o único quesito das perguntas quanto às práticas sexuais que não mostra grande variação quando são introduzidas as variáveis de idade, escolaridade, região. Em outras palavras, a condenação da homossexualidade, segundo a pesquisa de Almeida, é uma prática comum e constante em toda a população brasileira.

Para se entender o estigma da homossexualidade é necessário desconstruir muitos conceitos que são tidos pela nossa sociedade como “naturais”. E é exatamente o que Michel Foucault e Judith Butler fazem, cada qual a sua maneira.

Foucault (1988) em seu trabalho tem a preocupação de mostrar como foi instituído, como surgiu o dispositivo da sexualidade que fez com que o sexo passasse a ser a grande verdade de nossas vidas. De maneira geral, ele mostra como a partir da burguesia do séc. XVII houve uma constante incitação do falar sobre o sexo, de caracterizá-lo, detalhá-lo, etc. E juntamente com essa proliferação do discurso sexual ocorreu a patologização de inúmeras condutas sociais e sexuais que até então entravam num grande grupo de práticas que eram consideradas somente ilícitas.

Todas essas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo (Foucault, 1988, p.39).

Também é nesse exato momento que surge a figura do homossexual como personagem que necessita ser medicalizado, cuja sexualidade precisa ser regulada e controlada:

um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, como uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa.

---

<sup>1</sup> Estatísticas sobre homossexualidade são bastante escassas e essa pesquisa utiliza as que estavam disponíveis durante a pesquisa.



Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular ( Foucault, 1988, p.43).

Ou seja, a naturalidade de certos conceitos é desconstruída a partir do momento em que se mostra como determinados modos de pensar “apareceram e aparecem” em uma dada sociedade. Pois se algo “surge” não pode ser algo natural no sentido de dado, imutável e eterno, como muitas vezes nos fazem crer.

Um ponto importante da obra de Foucault que deve ser ressaltado é como as noções de saber e poder estão intimamente ligadas. Novos saberes geram novos tipos de poderes e vice-versa. No caso da homossexualidade, o fortalecimento da medicina como saber institucionalizado é o que gera um enorme poder sobre aqueles que passam a ser marginalizados: não só os homossexuais, mas também os loucos, e os demais que são considerados desviantes.

Butler (2003), por sua vez, ao fazer uma crítica a diversos autores que tentam fazer uma análise do social como Lévi-Strauss, Freud, Lacan e mesmo o próprio Foucault, revela como há uma convicção da existência dada como certa e natural de uma matriz heterossexual.

O que Butler pretende neste livro e com uma revisão crítica de diversas teorias é mostrar o quão forte está arraigada em nossa sociedade a norma da heterossexualidade; a matriz heterossexual, como ela mesma chama, que até mesmo autores interessados em desconstruir muitos dos conceitos tidos como naturais simplesmente “se esquecem” de questionar a heterossexualidade.

Uma das grandes questões abordadas por Butler é sua crítica à concepção de sexo e gênero como duas categorias distintas. Butler critica incisivamente a noção do sexo como natural sobre o qual o gênero atuaria, ou seja, o sexo não é natural, algo dado. Para ela, pode-se dizer de maneira simplificada que sexo é uma categoria tão social quanto gênero: “Em outras palavras, o ‘sexo’ impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo. Como discurso e perceptivo, o ‘sexo’ denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modificando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos” (p. 166).

Neste sentido, Butler e Foucault chegam ao mesmo ponto quando afirmam que o sexo – principal característica estruturante das pessoas e da sociedade, para Foucault – é uma categoria construída socialmente e, portanto, não natural. Foucault explica a criação do sexo como categoria e como recipiente para construção de regimes de verdades que, uma vez construídos, são dados como naturais. Butler, por sua vez, afirma que sexo e gênero são duas categorias históricas que se retroalimentam.

Berenice Bento (2006) também demonstra a força que a heterossexualidade tem mesmo quando se abordam sexualidades periféricas. Explicando melhor: Bento em seu livro tem como foco os transexuais.

Entre seus relatos encontra-se uma passagem digna de ser ressaltada sobre o que seriam os transexuais verdadeiros. Nesse momento ela descreve um transexual verdadeiro como aquele que nasce no corpo errado, ou seja, é uma mulher, sente-se como uma mulher aprisionada num corpo de homem, ou o contrário, um homem aprisionado num corpo de mulher. A cirurgia seria feita para adequação do corpo ao verdadeiro gênero desta pessoa.

Entretanto, é de extrema importância ressaltar um ponto: neste caso o ser mulher e o ser homem estão intimamente ligados ao desejo sexual pelo sexo oposto. Ou seja, “A” nasceu como homem, mas apesar de ter o sexo masculino, sente-se como uma mulher e, por ser mulher, sente-se atraída por outros homens. Este caso é um transexual verdadeiro e a cirurgia é mais do que recomendada, uma vez que irá proporcionar uma adequação e a volta a heterossexualidade:

O/a verdadeiro/a transexual, para Benjamin, é fundamentalmente assexuado e sonha em ter um corpo de homem/mulher que será obtido pela intervenção cirúrgica. Essa cirurgia lhe possibilitaria desfrutar do *status* social do gênero com o qual se identifica, ao mesmo tempo em que lhe permitiria exercer a sexualidade apropriada, com o órgão apropriado. Nesse sentido, a heterossexualidade é definida como a norma a partir do qual se julga o que é um homem e uma mulher de verdade (Bento, 2006, p. 151).

Pode-se indagar neste momento se a homossexualidade não é um estigma tão grande em nossa sociedade, que as mais poderosas ciências admitem uma intromissão naquilo que é tido como o mais natural e, portanto, o mais sagrado nas pessoas: o seu sexo, a fim de que haja uma readequação à heterossexualidade. Sob este ponto de vista, é muito fácil enxergar o transexual como uma patologia que deve ser corrigida e deve ser corrigida para voltar à normalidade da existência dos corpos, onde homens sentem-se atraídos por mulheres e mulheres atraídas por homens.

Neste sentido, a força da matriz heterossexual na nossa sociedade se faz presente também na transexualidade, pois para terem direito à cirurgia os transexuais devem afirmar essa heterossexualidade, sendo que muitas vezes a necessidade da cirurgia para os transexuais não é para ter relações com o sexo oposto. Ou seja, a heterossexualidade é o que legitima, em última instância, o transexual verdadeiro.

Os padrões de masculinidade e feminilidade construídos socialmente refletem-se nas definições do que seja um/a transexual de verdade. É nesse sentido que esta experiência põe em funcionamento os valores que estruturam os gêneros na sociedade. São essas concepções que orientam os médicos e os profissionais de saúde quando se aproximam das/os transexuais. Se a sociedade afirma que o normal é a heterossexualidade, quando se afirma sou 'homem/mulher', é como se a heterossexualidade estivesse sendo evocada como um dado natural, que determina a coerência e a existência dos corpos sexuados. As cirurgias seriam, então, para possibilitar-lhes exercer a heterossexualidade (Bento, 2006, p.156).

A partir destes breves relatos pode-se ver como a figura do homossexual foi construída e como foi instaurada em nossa sociedade de uma forma bastante forte uma matriz heterossexual. Essa matriz é o que dá inteligibilidade aos sujeitos e os que se encontram à margem desta matriz, são estigmatizados, sofrem diversos tipos de preconceitos, sendo muitas vezes, segregados.

A importância de se estudar a homossexualidade e a sua conseqüente segregação, independentemente do nível em que esta ocorra, nos permite mostrar as adversidades vividas por este grupo de pessoas e, ao mesmo tempo, entender de que forma lidam com o estigma que sofrem e por quais processos reafirmam a sua identidade seja pessoal, seja grupal.

Ou seja, como os homossexuais enxergam os espaços que frequentam? Como guetos, como opções voluntárias de entretenimento? Existe uma visão única e uniforme? E o que essa visão diz acerca dos estigmas que eles vivenciam, caso eles próprios acreditem que tenham experiências deste tipo. Há uma vontade de sair destes espaços majoritariamente homossexuais, ou a existência destes espaços sugere a ilusão de um pertencimento e de segurança? São essas as perguntas que instigam e movem essa dissertação, não que respostas foram dadas especificamente a cada uma delas, mas tentou-se elucidar melhor a percepção desses espaços por seus frequentadores.

Tendo como base o que foi exposto acima, a pesquisa tem como objetivo entender a segregação homossexual em certos tipos de espaço, mais especificamente, os espaços de lazer, na cidade de Brasília, podendo-se fazer as perguntas: que tipo de relação os

freqüentadores de lugares majoritariamente homossexuais estabelecem com os espaços que freqüentam? E a sua freqüência se dá por opção ou por poucas alternativas disponíveis? Nesse último caso, a ida a esses espaços poderia ser caracterizada como uma imposição social? Com esse objetivo, a pesquisa trabalhará com a constante relação entre dois temas principais: estigma sexual e segregação do espaço.

A tentativa de articular segregação homossexual e espaço urbano coloca de imediato a discussão dessas duas dimensões em si e, na seqüência, as possíveis interações que possam se apresentar. A sexualidade, e especialmente, as práticas sexuais diferenciadas do padrão hegemônico já são bastante discutidas nas Ciências Sociais. Nosso intuito, com esta introdução, foi recuperar de maneira bastante breve nos estudos de dois autores consagrados no tema - Michel Foucault e Judith Butler - que nos auxiliaram na construção de um referencial mínimo de análise, para que este sirva como base para o resto da pesquisa de forma a deixar claro que determinadas práticas sociais decorrem de práticas sexuais específicas. Em outros termos, procuramos delimitar os aspectos pertinentes à segregação sócio-espacial decorrentes da segregação sexual.

Já sobre o tema de segregação espacial, trabalharemos basicamente com dois conceitos presentes nos estudos sociológicos do espaço urbano: o de guetos e de gentrificação. Em relação aos guetos começar-se-á por analisar o trabalho de Louis Wirth, representante da Escola de Chicago, para então compará-lo aos estudos mais recentes de Loic Wacquant – um dos atuais teóricos sobre o gueto - que tem se dedicado intensamente ao estudo do que é popularmente chamado de gueto. A análise desses dois autores – distantes no tempo – poderá nos esclarecer sobre a mutação do conceito de gueto ao longo do século XX, particularmente sobre as novas modalidades territoriais e sociais que vêm surgindo nas metrópoles contemporâneas. Estamos propondo ainda que o fenômeno de gentrificação acaba se apresentando como uma nova modalidade de segmentação do espaço da cidade produzindo áreas culturais específicas a certos grupos, sendo nosso intuito estudar o sentido que grupos homossexuais dão aos seus espaços de sociabilidade na cidade.

No que concerne a gentrificação, trabalhar-se-á com uma gama de autores que abordam este processo em diversas cidades (européias, latino-americanas e norte-americanas) absorvendo desses autores sobretudo a reflexão teórica sobre o fenômeno e

procurando perceber a sua aplicabilidade ao nosso tema de pesquisa. É importante ressaltar que a gentrificação em si não é objeto de nosso estudo, mas uma forma, ou melhor, teoria, para que nos aproximemos de nosso objeto – a segregação homossexual em espaços de lazer na cidade de Brasília – com o intuito de melhor compreender o fenômeno.

Estamos considerando três hipóteses que orientarão nossas reflexões e pesquisa empírica são elas:

- 1 *Hipótese do gueto*: afirma que a segregação social nas metrópoles - neste caso, Brasília -, produz uma articulação entre espaço social e espaço físico que qualifica certas áreas da cidade como guetos e não como áreas gentrificadas.
- 2 *Hipótese do estigma*: infere que a imposição ou voluntarismo de certos grupos a guetos estão intimamente ligados ao tipo de estigma (desacreditados ou desacreditáveis) sofrido pelos integrantes desses mesmos grupos.
- 3 *Hipótese do voluntarismo*: classifica os homossexuais como desacreditáveis e, portanto, a sua segregação a certos tipos de espaços é tida como voluntária por eles mesmos.

## 2. Metodologia

Inicialmente é importante esclarecer que esta é uma pesquisa qualitativa, tendo em vista que se pretende descrever a complexidade de um problema: a segregação homossexual em Brasília. Como colocam Dielh e Tatim (2004): “Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (p.52). Assim, podemos definir o problema da pesquisa como: a segregação homossexual em Brasília e as variáveis da pesquisa como: a existência ou não do banimento forçado, o tipo de estigma sofrido pelo grupo, e a qualificação do espaço físico isolado e apropriado pelo grupo social em questão (guetos ou áreas gentrificadas).

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser dividida em duas partes principais. A primeira majoritariamente teórica e a segunda, prática, envolvendo o trabalho de campo. Para a parte teórica realizou-se pesquisa bibliográfica sobre os temas segregação espacial - especialmente gueto e gentrificação - e estigma onde se pretende verificar a relação entre esses três conceitos e de que forma a literatura os tem abordado. A segunda parte envolveu o trabalho de campo e o procedimento utilizado foi o estudo de caso, que segundo Dielh e Tatim (2004) “pode ser definido como um conjunto de dados que descrevem uma fase ou a totalidade do processo social de uma unidade, em suas diversas relações internas e em suas fixações culturais, quer essa unidade seja uma pessoa, uma família, um profissional, uma instituição social, uma comunidade ou uma nação” (p. 61).

O estudo de caso parece ser o procedimento técnico mais apropriado para a compreensão de nossa questão, pois o que se busca entender é como os próprios homossexuais percebem os espaços que eles frequentam e não apenas as características externas desses lugares ou de seus frequentadores. Não que essas últimas informações não tenham sido utilizadas, elas foram, porém como variáveis agregadoras e não como determinantes para o processo de segregação espacial.

Podemos legitimar nossa opção metodológica a partir de uma reflexão de Palmeira – citado por Goldemberg -, para quem:

Diferente da 'neutra' sociologia das médias estatísticas, em que as particularidades são removidas para que se mostre apenas as tendências dos grupos, no estudo de caso, as diferenças internas e os comportamentos desviantes da média são 'revelados', e não escondidos atrás de uma suposta homogeneidade. Moacir de Palmeira mostra que a pesquisa quantitativa pressupõe uma padronização e se ilude com a idéia de que questões formalmente idênticas tenham o mesmo significado para indivíduos diferentes (Goldemberg, 1997, p.34).

Apesar de muitas vezes os homossexuais serem tratados como um grupo homogêneo, sabemos que uma essencialização de suas características não passa de uma forma de estereótipo e que diversas divergências existem neste grupo. Gays, lésbicas, travestis e transexuais não vivenciam o estigma ou mesmo a experiência da segregação da mesma forma e, portanto, essas divergências apareceram nas entrevistas.

Deve-se destacar que, no estudo de caso, é preciso ter cuidado com as generalizações, entretanto, seu potencial explicativo não se torna, por isso, diminuto. Nas palavras de Bourdieu:

É ele (o estudo de caso) que permite mergulharmos completamente na particularidade do caso estudado sem que nela nos afogemos, como faz a idiografia empirista, que é a própria ciência, não pela aplicação de grandes construções formais e vazias, mas por essa maneira particular de pensar o caso particular que consiste pensá-lo verdadeiramente como tal. Este modo de pensamento realiza-se de maneira perfeitamente lógica pelo recurso ao método comparativo, que permite pensar relacionalmente um caso particular constituído em caso particular do possível (Bourdieu apud Goldemberg, 1997, p. 35).

Neste sentido, os dois principais conceitos utilizados nas hipóteses que se relacionam com a segregação espacial – gueto e gentrificação – foram utilizados mais como categorias típicas ideais do que como conceitos que devem ser encontrados objetivamente na realidade estudada, a exemplo do que cita de Wacquant:

É útil pensar o gueto e o conglomerado étnico como duas configurações ideal-típicas situadas em extremidades opostas, em um contínuo em que diferentes grupos situam-se ou pelo qual transitam, dependendo da intensidade com que as forças do estigma, do limite, do confinamento espacial e da duplicação e completude institucional coalescem-se mutuamente e impõem-se sobre eles. A 'guetização' torna-se então uma variável de níveis múltiplos para a análise comparativa e especificação empírica (Wacquant, 2004, pp.161 2 162).

Entretanto, devemos enfatizar que essa pesquisa não tem a pretensão de elaborar nenhuma teorização sobre o comportamento homossexual no território urbano, mas somente vislumbrar possibilidades de entendimento das relações que homossexuais estabelecem com espaços de lazer que eles próprios frequentam na cidade de Brasília.

Assim, a partir do objetivo da pesquisa - entender a segregação homossexual nos espaços de lazer na cidade de Brasília -, algumas considerações devem ser feitas.

Inicialmente, é importante definir o que queremos dizer com espaços de lazer. Como pontuam Almeida e Gutierrez (2004) em seu artigo sobre o lazer e as políticas públicas, existem vários conceitos para definir essa palavra. Adotaremos aqui o conceito clássico – segundo esses mesmos autores – do conceito de lazer que foi dado por Dumazedier: “o conjunto de ações escolhidas pelo sujeito para diversão, recreação e entretenimento, num processo pessoal de desenvolvimento” (Almeida & Gutierrez, 2004, p.51). Ainda explicando esse conceito clássico de lazer, os autores esclarecem que esse conceito “tem caráter voluntário e é contraponto ao trabalho urbano-industrial” (Almeida & Gutierrez, 2004, p.51). Ou seja, são espaços destinados à sociabilidade e à diversão freqüentados pelos indivíduos em seu tempo livre.

Entretanto, ao se pensar numa cidade moderna como Brasília esses espaços podem variar desde parques públicos até *shopping centers*. Nesse sentido é que a segunda delimitação é importante: nosso interesse são os espaços de lazer que possuem uma freqüência homossexual que é reconhecida na cidade. A partir daí o rol de estabelecimentos destinados ou que comportam esse público é muito mais reduzido.

O sítio Mix Brasil ([www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br)) – um sítio voltado para o público homossexual de abrangência nacional – contém um espaço chamado de “roteirão” que se destina a esboçar uma espécie de roteiro de locais voltados a esse público específico ou interessantes de serem visitados em dez cidades do Brasil, incluindo Brasília. Os dezoito estabelecimentos listados aparecem divididos em quatro categorias: Clubes – para quem está a fim de se jogar na noite brasiliense -, Bares e Restaurantes – roteiro de bares e restaurantes da capital federal - cinemão – filme e sexo, essa é a combinação – e Saunas e Sex Clubes – para quem procura diversão *hard*.

Além de ter que ser um espaço freqüentado por homossexuais, outro critério foi utilizado na pesquisa: de que seriam espaços onde não há a necessidade de se pagar para entrar, na tentativa de se ter espaços mais democráticos possíveis. Deste modo, boates, saunas, cinemas, estão automaticamente fora da nossa amostra, restando, principalmente, bares e restaurantes.



Nesta categoria do Mix Brasil existem sete estabelecimentos listados. Entretanto, é importante ressaltar que nem todos são voltados para o público homossexual ou possuem claramente essa frequência. Tirando esses locais que citamos anteriormente, teríamos em Brasília, segundo o Mix Brasil, quatro estabelecimentos que atualmente são voltados para o público gay ou homossexual e/ou amplamente freqüentados por esse mesmo público.

Esses quatro estabelecimentos listados pelo sítio são o Barulho, o Beirute, o Café Savana e a tapiocaria Maria Bonita. Dentre esses quatro locais foram escolhidos para a presente pesquisa três deles: Barulho, Beirute<sup>2</sup> e Café Savana. Foram escolhidos porque são os mais conhecidos na cidade e, de acordo com o próprio sítio, esses três são identificados como pontos de encontro para o público GLS ou especificamente voltados a esse público, ao contrário da tapiocaria Maria Bonita que é “bem freqüentada pelo público GLS<sup>3</sup>”.

Uma vez estabelecido quais os lugares que farão parte da análise da pesquisa, é preciso caracterizar como a pesquisa propriamente foi conduzida. O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista com roteiro semi-estruturado<sup>4</sup>.

Por ter um roteiro semi-estruturado, a intenção das entrevistas é deixar que o entrevistado fale ao máximo, utilizando as perguntas como balizadores da conversa. Desse modo, uma entrevista nunca é cópia de outra, pois a relação entrevistado-entrevistador cria uma dinâmica própria, que varia bastante de entrevistado para entrevistado. Neste sentido, nem todas as perguntas foram feitas em todas as entrevistas e também não foram feitas na mesma ordem ou seguiram exatamente o roteiro apresentado.

O roteiro foi construído de forma a tentar captar do entrevistado a relação que ele estabelece com o local freqüentado. As perguntas foram elaboradas com um propósito específico, podendo as dividir da seguinte forma: variáveis de controle; saber se a frequência ocorre por opção ou imposição; possibilidade de gentrificação; conceito de gueto; estigma e Brasília.

As variáveis de controle têm o intuito de caracterizar de uma maneira geral os entrevistados. As variáveis de controle no roteiro estão no bloco de identificação e na

---

<sup>2</sup> Tanto o Beirute da Asa Norte quanto o da Asa Sul.

<sup>3</sup> A descrição dada pela página eletrônica do Mix Brasil será apresentada no capítulo 3 juntamente com a caracterização desses mesmos lugares.

<sup>4</sup> O objetivo é entrevistar pessoas nos locais selecionados tendo como base o roteiro da entrevista dividido em seis blocos (Relação com o espaço físico; Brasília; Movimento Social; Homossexualidade e Preconceito; Homossexualidade e *Self* e Identificação) que se encontra no anexo I.

primeira pergunta do bloco de movimento social (você participa de algum movimento político?).

Algumas perguntas são bastante óbvias em relação ao que realmente querem captar, como “o que é um gueto para você?” para saber o conceito de gueto dos entrevistados. Outras não têm essa possibilidade, como a que tenta identificar se os locais passam ou já passaram por um processo de gentrificação e a classificação dos entrevistados em relação às categorias de estigma elaboradas por Erving Goffman.

A gentrificação foi incluída no roteiro por meio de uma única pergunta “Você acha que esse lugar sempre foi freqüentado por essas pessoas?”, enquanto que para tentar entender o estigma foram usadas várias perguntas: todo o bloco de homossexualidade & *Self*, a segunda pergunta do bloco de homossexualidade e preconceito (você já foi vítima de preconceito), e a segunda pergunta do bloco de movimento social (o que você acha da militância LGBT?).

Para tentar saber se as pessoas freqüentavam os lugares selecionados por imposição ou opção foram feitas duas perguntas bastante semelhantes, porém, em pontos distintos da entrevista. A pergunta “porque você freqüenta esse bar?” era feita logo no começo da entrevista, enquanto que “o que freqüentar lugares homossexuais significa para você?” era feita perto do final da entrevista.

Como a pesquisa tem como foco a cidade de Brasília, um bloco de perguntas foi destinado à caracterização da cidade e dos estabelecimentos voltados para o público homossexual. Com a pergunta “Você acha que existe preconceito contra homossexuais em Brasília”, do bloco homossexualidade e preconceito, foi possível ter a percepção de como os entrevistados enxergam a relação da cidade de Brasília com essa sexualidade específica. A pergunta “que outros lugares gays em Brasília você conhece?” foi feita com o intuito de saber se os três locais escolhidos como palco das entrevistas eram espaços legitimamente reconhecidos como locais homossexuais ou de freqüência homossexual.

Um ponto importante de ser ressaltado sobre o bloco de identificação é que nas primeiras quatro entrevistas ele era o primeiro bloco de perguntas. Entretanto, foi percebido que as pessoas entrevistadas se sentiam incomodadas com uma série de perguntas identificatórias neste primeiro momento. Desse modo, decidiu-se colocar este bloco como o

último a ser feito com o intuito de estabelecer um diálogo e uma relação mínima de confiança com o entrevistado para se passar a essas perguntas.

Procurou-se realizar as entrevistas de uma maneira informal, quase que como uma conversa e, neste sentido, a primeira pergunta do roteiro “Há quanto tempo você frequenta esse lugar?” é feita mais com a intenção de estabelecer um diálogo harmônico do que de saber realmente o tempo de frequência da pessoa naquele estabelecimento. De qualquer forma, ainda com essa estratégia algumas pessoas optaram por não responder algumas perguntas, principalmente, as do bloco de identificação.

Como não se sabe ao certo a população homossexual de Brasília, utilizamos como critério para estabelecer o número de entrevistas que iriam ser feitas os limites temporais, um número aproximado de homens e de mulheres, e que um número semelhante de entrevistas fossem feitas em cada um dos locais selecionados. Ao todo foram realizadas 27 entrevistas (um entrevistado optou por não gravar sua entrevista) entre os meses de novembro de 2007 e abril de 2008, concentrando-se, principalmente, nos meses de março e abril de 2008.

Foram feitas duas visitas a cada local selecionado, entrevistando-se uma média de quatro a cinco pessoas por noite. As 27 entrevistas tiveram no total a duração de três horas e cinquenta e dois minutos, sendo que a média de duração de cada entrevista foi de aproximadamente nove minutos. Não houve um critério para a seleção das pessoas que iriam ser entrevistadas, entretanto, optou-se por entrevistar pessoas que estivessem sozinhas por considerar que estariam mais “aptas” a concederem uma entrevista, entretanto, também foram entrevistadas pessoas que estavam com grupos de amigos ou somente com parceiro ou parceira.

Das 27 entrevistas, oito foram realizadas no Café Savana – três mulheres e cinco homens -, nove entrevistas no Bar Barulho – quatro homens e cinco mulheres -, e dez nas duas filiais do Bar Beirute. Sendo que no Beirute da Asa Sul foram entrevistadas três mulheres e dois homens e no Beirute da Asa Norte foram dois homens, duas mulheres e uma *drag queen*.

As entrevistas são o principal material de análise dessa pesquisa, entretanto, também foram utilizadas informações de dois sítios voltados para o público homossexual. O sítio Mix Brasil, já citado anteriormente, e o sítio Paroutudo ([www.paroutudo.com.br](http://www.paroutudo.com.br)) voltado,

especialmente, para os homossexuais de Brasília e da região Centro-Oeste. Desses sítios foram tiradas reportagens, enquetes com a participação de leitores e a descrição de alguns estabelecimentos voltados ao público homossexual na cidade de Brasília.

Todas as entrevistas foram transcritas e, posteriormente, foram inseridas no *software* Nvivo, um programa voltado para análise de dados qualitativos, que tem como principal característica a fácil codificação e organização dos dados. Para essa codificação e organização dos dados foram criadas seis grandes categorias que se referem aos seis tópicos principais do roteiro da entrevista e, dentro de cada tópico foram criadas subdivisões que, de maneira geral, se referem a cada pergunta específica do roteiro de entrevista.

Esta pesquisa está estruturada em capítulos, cada qual discutindo um dos três grandes temas abordado pela pesquisa: Brasília, segregação espacial e estigma, capítulos que seguem abaixo. As análises das entrevistas encontram-se diluídas ao longo destes três capítulos, não existindo um capítulo específico para a apresentação de seus resultados. As falas dos entrevistados são analisadas conforme cada item do roteiro, pois, como já foi explicitado anteriormente, cada bloco de perguntas e/ou grupos de perguntas tinha a intenção de captar um determinado aspecto do discurso. Na verdade, há uma tentativa de sistematização dos dados das entrevistas na conclusão, entretanto, as análises mais detalhadas encontram-se ao longo do texto.

### **3. A cidade de Brasília**

O intuito deste capítulo é fazer uma análise sobre a cidade de Brasília procurando caracterizar pontos desta cidade que é palco da pesquisa. Deste modo iremos pontuar algumas de suas peculiaridades e, principalmente, abordar a percepções dos entrevistados sobre esta cidade e da relação Brasília-homossexualidade, seja por meio de perguntas sobre o preconceito, ou pelas opções que Brasília oferece à sua população homossexual.

Iremos, ainda, apresentar mais detalhadamente os três bares nos quais foram realizadas as entrevistas, assim como algumas percepções dos entrevistados sobre os locais que freqüentam. Veremos que apesar de terem em comum a presença homossexual - em alguma medida -, são realidades bastante distintas entre si.

Brasília foi inaugurada no ano de 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek que tomou para si a responsabilidade e o desafio de construir a nova capital federal. Entretanto, segundo Marília Machado (2007) “a idéia de mudar a capital do Brasil era antiga (...) desde o período colonial falava-se em sua interiorização, principalmente por razões de segurança, tendo em vista que algumas cidades litorâneas brasileiras foram invadidas e saqueadas” (Machado, 2007, p.51).

Logo que assumiu a presidência em 1956, o então presidente Juscelino Kubitschek iniciou as discussões para viabilizar a construção da nova capital federal. Em 18 de abril do mesmo ano, o presidente assinou a Mensagem de Anápolis que apontava o desejo de que o Congresso Nacional compartilhasse da vontade da construção de Brasília e tomasse as devidas providências para tanto. Segundo Machado, a grande relevância da mensagem era o projeto de lei que “autorizava o executivo a constituir uma sociedade a ser o principal agente e detentor do poder de agilizar o processo de construção de Brasília, a denominada Companhia Urbanizadora da Capital Federal – Novacap, e determinava a realização de estudos para a implantação de vias de transporte em direção ao novo território, fatos que implicavam em uma vontade política que dificilmente encontraremos em outro governo brasileiro” (Machado, 2007, p.52). Além de ser, no início, um projeto quase que pessoal do presidente, a construção de Brasília era, ainda, uma tentativa de diminuir as desigualdades sócio-espaciais existentes no país:

A construção de Brasília passou a representar a meta síntese da integração social, com o objetivo de minimizar o isolamento das diversas áreas do país e vencer os limites sociais decorrentes desse isolamento. A necessidade de reforçar o simbolismo de se construir no coração do país uma nova capital levou a Novacap a divulgar um cartão postal em que mostra a posição de Brasília, no Planalto Central, com as distâncias a que se achava das capitais dos Estados e Territórios brasileiros à época (Machado, 2007, p. 52).

Figura 1: Cartão postal da Novacap



Vale pontuar que a Novacap era presidida, nesta época, por Israel Pinheiro que designou Oscar Niemeyer como diretor do departamento de arquitetura – departamento responsável pelos projetos dos prédios administrativos e governamentais. A construção de Brasília se deu majoritariamente por interesse do poder público, em especial, do executivo que centralizou as principais decisões acerca da nova cidade.

Apesar das grandes decisões terem sido tomadas pelo governo, este abriu a possibilidade da participação da sociedade, ou pelo menos de um grupo específico dela, ao publicar um edital em 30 de setembro de 1956 para um concurso nacional destinado à escolha do Plano Piloto de Brasília.

O projeto escolhido em março de 1957 foi o de Lúcio Costa, pois segundo a Comissão Julgadora, era o “que melhor integrava os elementos monumentais na vida cotidiana da cidade como Capital Federal, apresentando uma composição coerente, racional, de essência urbana – uma obra de arte” (Machado, 2007, p.53).

Lúcio Costa foi um dos líderes do movimento modernista no Brasil e Machado faz uma ampla análise de sua produção – tanto arquitetônica quanto acadêmica – para captar a essência do pensamento de Lúcio Costa e, conseqüentemente, do modernismo brasileiro. Em suas palavras: “No conjunto, seus textos nos permitem compreender o modo pelo qual a sociedade e a elite intelectual brasileira incorporam os princípios do Movimento Moderno, principalmente no caso da construção de Brasília, tendo como ponto de partida um projeto desenvolvimentista nacional” (Machado, 2007, p.54).

As construções de Lúcio Costa, anteriores à Brasília, já anunciavam o seu pensamento sobre a unidade de habitação e o papel social do arquiteto. Para ele:

a missão primordial do arquiteto seria propiciar uma vida harmoniosa para o homem e sua família. Com tal fim, nada melhor do que a adoção da unidade de habitação, conforme concebida por Le Corbusier, ou seja, uma habitação conjunta a ser concebida e construída para o bem da estar da sociedade (Machado, 2007, p.56).

Ainda segundo Machado, Le Corbusier foi um dos expoentes modernistas que mais influenciou os arquitetos brasileiros. Ele considerava cinco pontos essenciais para seus projetos arquitetônicos: planta livre, fachada livre, terraço-jardim, pilotis e janela em fita. Pontos que certamente têm muita semelhança com a cidade de Brasília.

De fato, o objetivo de Lúcio Costa com o projeto para o Plano Piloto de Brasília com as superquadras era de criar áreas de vizinhanças: “ao longo de seu relatório, encontramos preocupações com diversos serviços e equipamentos que estruturariam as superquadras. Para Lúcio Costa, as quadras contíguas ao eixo rodoviário seriam naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitiria as ‘gradações próprias do regime vigente; contudo, o agrupamento delas (das superquadras), de quatro em quatro, propiciaria num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação” (Machado, 2007, p. 59). Ou seja, as superquadras poderiam ser diferentes entre si, entretanto, as escolas, igrejas, clubes, os locais públicos – as áreas de vizinhança – proporcionariam “o convívio das diversas classes sociais (...) evitando a divisão da cidade em *bairros ricos e bairros pobres*” (Machado, 2007, p. 60).

Na verdade, os blocos das superquadras brasilienses se assemelham aos conjuntos habitacionais, especialmente os alemães - as *siedlungen*:

Uma das principais características dessas *siedlungen* da década de 20 era o conceito de lâmina em construção no espaço, em oposição aos quarteirões fechados – uma

inversão de figura e fundo da cidade tradicional, com sua malha sólida entremeada por ruas (Colquhoun, apud, Machado, 2007, p. 38).

Ponto importante a ressaltar sobre esses conjuntos habitacionais é que foram desenhados com a intenção de serem habitações sociais e, antes de tudo, novas formas de habitação, “tendo por premissas o abandono da residência isolada e a adoção da solução canônica para a habitação modernista – o conjunto habitacional constituído por unidades semelhantes, idealmente erigidas em um sistema construtivo que permitisse sua produção em série” (Machado, 2007, p.40).

O propósito desses conjuntos habitacionais e das superquadras do projeto de Lúcio Costa para Brasília era que fossem estruturas auto-suficientes, com seus comércios próprios, as chamadas áreas de vizinhança. Além disso, preocupavam-se com questões sociais como o cuidado com as crianças, o preparo dos alimentos que deviam ser tiradas do privado e destinadas à coletividade, ou seja, eram todas características que estavam “comprometidas com o sonho socialista de um viver comunitário” (Machado, 2007, p. 37).

Tanto é que a presença do pilotis era justificada por promover uma maior integração entre a área do térreo ao espaço urbano, permitindo a circulação dos pedestres e sendo uma área de domínio público. Entretanto, o conceito de pilotis e de seus desdobramentos como as projeções “gera uma série de confusões, apesar de ser largamente utilizado, desde a criação da cidade, principalmente pela indefinição de domínio público e privado que ele carrega, resultante da liberação do solo no pavimento térreo das edificações, principalmente pela circulação de pedestres” (Machado, 2007, pp.92 e 93).

Na realidade, essa não é a única confusão entre a idéia original do Plano Piloto de Brasília e o uso que foi e está sendo feito pela população que aqui vive. Apesar de todo o esforço de Lúcio Costa em fazer com que Brasília se assemelhasse a um “viver comunitário”, Brasília pode ser considerada uma das cidades que mais segregam no Brasil.

Brasilmar Nunes (2004) aborda o projeto para o Plano Piloto de Lúcio Costa como sendo pensado exclusivamente para a burocracia que veio do Rio de Janeiro, ressaltando ao longo de sua obra, Brasília como cidade-Estado por sua íntima (e, talvez incestuosa) relação com o poder federal:

O projeto original da cidade pensou as edificações oficiais e as moradias para a burocracia estatal. Sobre esta proposta existem interpretações variadas que analisam a lógica ou o significado daquilo que foi aprovado como modelo de cidade e que serviu de base para a construção. A procura de racionalidade entre



trabalho e residência nos deslocamentos cotidianos e na garantia de uma infraestrutura urbana de qualidade que atendesse demandas por educação, saúde, lazer, transporte, e evidentemente, habitação procura estabelecer padrões urbanos de excelente qualidade. Isto de fato foi atingido. Com um desenho original, a cidade jardim que se constrói apresenta um padrão médio de qualidade de vida urbana absolutamente superior às demais cidades brasileiras, voltado para atender à cúpula da burocracia estatal, uma demanda que se considerava sofisticada (Nunes, 2004, p.157).

Sob este ponto de vista, o Plano Piloto foi planejado para uma população específica – fato que é respeitado até os dias de hoje – dessa forma, os candangos, ou seja, aqueles que construíram a cidade foram deslocados para as cidades satélites. Nunes alia à sua linha argumentativa a estimativa dos habitantes para ser levada em consideração no edital para os projetos pra o plano piloto: 500 mil habitantes. Com base em dados apresentados pelo autor sobre a população do Distrito Federal (DF), no ano de 2000, já existiam dois milhões de habitantes em todo o DF, entretanto, se considerarmos somente a população presente no Plano Piloto, no ano de 1997, esta ainda estaria longe do número apontado no edital: 204.907 pessoas.

Esses números corroboram o raciocínio que indica que o projeto do Plano Piloto não foi feito para todos que poderiam almejar a vinda para a nova capital, mas somente para aqueles que o Estado gostaria que viessem:

Parece óbvio que Lúcio Costa pensava no funcionalismo público e nada fez para a multidão que se dirigia para o Distrito Federal a partir de expectativas criadas pelo próprio projeto, seguindo à risca as exigências do edital. Essa população do Distrito Federal, quatro vezes maior do que aquela prevista para o Plano Piloto, foi atraída para a cidade desde o momento em que se dá início as obras de sua construção. São brasileiros vindos de praticamente todo o território nacional, mas, na fase inicial, durante a construção, composta em sua grande maioria por nordestinos do sertão, região tradicionalmente castigada por secas e que em razão de uma elevada taxa de crescimento populacional e de uma estrutura social arcaica constituiu-se uma das principais fornecedoras de trabalho vivo para o restante do país e para Brasília. É exatamente ela que será literalmente expulsa do Plano Piloto, uma vez inaugurada a nova capital, fato que se repete, cotidianamente, ao longo destes 40 anos de existência da cidade (Nunes, 2004, pp.58 e 59).

Ainda neste sentido, Nunes aponta a especificidade dessa população para quem o Plano Piloto foi pensado e que chega de fato a Brasília em sua inauguração. É neste momento em que ele apresenta uma caracterização desta população que habita o Plano Piloto: (nova) classe média, *service class* ou, simplesmente, a burocracia do estado.

Conforme Bidou-Zachariasem, a maioria dos autores tomaram a consciência da necessidade de renovar os estudos e as análises das camadas sociais que tiveram forte crescimento nos últimos anos: os ‘técnicos administrativos e profissões

intelectuais superiores' e 'profissões intermediárias' dos setores privados e públicos, e que tiveram um papel central nas mutações econômicas e sociais das sociedades industriais avançadas. Para designar estas 'novas classes médias', os sociólogos britânicos empregam com frequência o termo 'service class' (Nunes, 2004, p.125).

De fato, é a nova classe média e sua relação com o Estado – o funcionalismo público - com seus desdobramentos que são utilizados por Nunes para explicar as relações sociais que caracterizam Brasília como “cidade distante, fria, solitária, ilha da fantasia” (Nunes, 2004, p.126). Pelo pouco tempo de existência de Brasília, o autor argumenta que os laços de solidariedade são bastante fragilizados nesta cidade, fazendo com que a relação mercadológica – fator primordial que trouxe as famílias para cá – ultrapassem a esfera do trabalho atingindo a vida social como um todo, sendo fortemente caracterizada pelo individualismo. “Há uma transposição da racionalidade do mundo do trabalho pra o espaço coletivo da cidade, onde os dois mundos se complementam” (Nunes, 2004, p.148).

Importante ressaltar que o espaço físico de Brasília corrobora esses efeitos. Ou seja, pelo fato de ter sido planejado, o Plano Piloto, já teve todos os seus usos pensados *a priori*. A isso se acresce o fato do Plano Piloto ter sido tombado em 1987 como patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO o que impossibilita qualquer modificação espontânea em sua estrutura, forçando “a anarquia urbana, que fatalmente se implantaria no Plano Piloto, (ser) deslocada para áreas isentas deste controle institucional rígido das leis de zoneamento e do patrimônio (...)” (Nunes, 2004, p.95).

Na realidade, esta era mesmo a intenção do movimento modernista da arquitetura da qual Brasília é produto. Le Corbusier queria que Paris “se tornasse uma cidade mais racional e funcional, conseqüentemente, mais saudável. Paris e tantas quantas fossem as cidades que trouxessem as marcas de uma espacialidade pré-moderna como ferida a ser sanada em seus corpos e suas almas” (Silva, sem data, p.5). A Carta de Atenas – um dos documentos mais importantes do movimento modernista da arquitetura – serviu quase que como um manual para a edificação de Brasília:

Além do mais, esta percepção de *caos urbano* deixa antever a possibilidade de intervenção no intuito de cura de um corpo doente, mas de uma doença crônica e não aguda. E se este manual (Carta de Atenas) pode ser traduzido literalmente para Brasília foi sobretudo porque se tratava de uma cidade nova, um espaço no qual uma vida social não tinha ainda se firmado e onde, portanto, a propriedade privada do solo podia ser absolutamente controlada. Este é o pressuposto mais importante para a concretização de 'Atenas'. De fato, não há casos no mundo em que, sem essas condições, se tenha aplicado tão ao pé da letra receitas de planejamento urbano, mesmo pontualmente, como é o caso de Brasília (Nunes, 2004, p. 51).

De fato, o caos está longe do Plano Piloto, entretanto este planejamento esquadrihado da cidade faz com que os usos dela estejam limitados, pois já estão previamente traçados e, na maioria das vezes, traçados não pelos habitantes, mas por especialistas da cidade. Deste modo, Brasília como cidade planejada não possui espontaneidade, “os indivíduos e os grupos estão radicalmente segmentados nos espaços da cidade que, em nome de um urbanismo racional ao extremo, retira do cotidiano toda possibilidade do inesperado, essência mesma da vida urbana” (Nunes, 2004, p.150).

Inaê Silva (sem data) ressalta a segmentação da cidade de Brasília. Existem os setores comerciais, residenciais com a “segregação espacial das funções urbanas de habitação, lazer, trabalho e circulação -, segregação espacial de veículos e pedestres, eliminação da rua-corredor e separação dos conjuntos de edificações por meio de áreas verdes projetadas em escala monumental (...)” (Silva, sem data, p.15). Ou seja, Brasília é acima de tudo uma cidade setorizada.

E, como chamamos atenção acima, há o reflexo das relações espaciais nas relações sociais e vice-versa, Silva argumenta:

(...) a setorização da cidade e a inexistência de espaços liminares de convergência concorreriam, também, segundo os entrevistados, para o insulamento das relações sociais locais em grupos fechados, formados, em geral, no interior das instituições de trabalho, estudo, esporte, religião. Sendo uma cidade setorizada – que extingue o centro urbano, segrega os locais de trabalho, moradia, lazer e consumo, e substitui bairros por unidades de vizinhança auto-suficientes – Brasília teria conformado um padrão muito particular de urbanidade: uma urbanidade atomizada em círculos fechados, grupos de pares, ‘guetos’ (Silva, sem data, p.10).

Ou seja, a sociabilidade brasiliense, segundo a autora, ocorre em pequenos círculos de amizade, seja ele originado no trabalho, escolas ou igrejas e não transparece no dia a dia da cidade, ou mesmo para aqueles que passam pela cidade e não conseguem captar as suas peculiaridades.

Nunes também aponta para essa direção – da existência de agrupamentos em Brasília – entretanto sem qualificá-la como um tipo particular de interação. Em dois momentos de seu texto ele relata que alguns locais de Brasília podem ser identificados por uma certa homogeneidade de seus moradores. Num primeiro momento destaca uma concentração de origem identificando que há uma porcentagem maior de mineiros no Lago Sul, Lago Norte, Brasília, Taguatinga e São Sebastião. Já os piauienses e baianos estariam

mais concentrados nas cidades satélites com menor poder aquisitivo. Mais adiante no texto relata que muitas superquadras se destinavam a ocupações específicas, “assim aparecem as quadras do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do Itamaraty e dos diferentes ministérios e autarquias” (Nunes, 2004, p.158).

Certamente são visões distintas tratadas por Nunes e Silva, pois morar em uma quadra que possui conterrâneos ou pessoas do mesmo local de trabalho não significa necessariamente que o seu círculo de amizades será aquele. Entretanto, o que os dois autores pontuam é a ausência de ampla interação entre pessoas de diferentes classes, interesses e até mesmo idades. Sendo que as interações se limitam aos seus iguais, sendo a territorialidade da cidade grande responsável para que isso ocorra.

Silva em seu artigo “Utopia e silêncio: itinerários pedestres abortados em Brasília” - que é na verdade um capítulo de sua tese sobre a cidade – procura explicar o fato das pessoas não terem o hábito de caminhar pela cidade, o que a autora chama de *flanêrie*. Inicialmente, a autora busca na arquitetura da cidade essa resposta e encontra muitos elementos para que isso de fato ocorra:

A combinatória destes elementos – padronização das construções e separação por meio de amplas áreas verdes, zoneamento funcional, segregação entre pedestres e veículos, eliminação da rua-corredor, e limitação da densidade e do tamanho das cidades -, paralelamente às propriedades inerentes à cultura moderna em sua expressão metropolitana, tais como, individualismo, impessoalidade e consumismo, resultou, não involuntariamente, na aniquilação da possibilidade da *flanêrie* tradicional em Brasília, substituindo-a, se possível for, por uma variante ‘modernizada’ dessa prática, qual seja, a contemplação do mundo urbano através das janelas dos carros ou, o que mais se coaduna ao componente mercadológico da *flanêrie*, a contemplação da mercadoria no anonimato dos *shopping centers*, das galerias ou das feiras (Silva, sem data, pp.5 e 6).

Entretanto, ao longo do seu texto, Silva pontua que a escolha de andar de carro em vez de andar a pé é feita pela maioria das famílias de classe média não sendo uma exclusividade de Brasília. Ainda pontua que existe a possibilidade de se caminhar pela cidade, ou seja, apesar do projeto do Plano Piloto realmente ter tido a intenção de se ter vias de circulação e fazer com que as funções de locomoção sempre ocorram com um objetivo (casa –trabalho-casa), a cidade permite o caminhar desinteressado,

com exceção, evidentemente, da zona central do Plano Piloto que (...) é entrecortada por amplas vias de circulação de veículos e canteiros centrais monumentais, ambas estruturas comprometedoras da atividade pedestre, parece evidente não haver maiores dificuldades em se caminhar nas outras áreas da cidade, seja nas alamedas arborizadas, calçadas, planas e seguramente isoladas do contato com os automóveis das superquadras residenciais, ou nos passeios planos que

abundam na maior parte das áreas destinadas ao trabalho, a exemplo dos Setores Comerciais, Bancário e de Autarquias Norte e Sul, da Esplanada dos Ministérios e dos comércios locais (Silva, sem data, p.16).

E, seguidamente, lança a pergunta: de onde vem essa idéia presente no imaginário social de ser impossível de se andar a pé na cidade de Brasília? A resposta encontra-se, mais uma vez, na arquitetura de Brasília, mas não nos detalhes de seu projeto, mas na sua premissa básica: a orientação conceitual da arquitetura racionalista que tira das ruas todas suas “dimensões sociais, culturais, simbólicas e emocionais” (Do Rio *apud* Silva, sem data, p.17).

A autora busca nas ruas de Paris, principalmente, mas não exclusivamente, do século XIX o motivo do andar desprezioso, sem objetivo. E assim ela as descreve “seus bulevares arborizados, as vitrines da Champs Elysées, o interior das grandes galerias, os pequenos comércios que se misturam aos estúdios destinados à residência temporária ou permanente, os magníficos jardins, os monumentos e sua história, os bistrôs com seus aromas peculiares e suas cadeiras voltadas para a rua, as ruas estreitas e aconchegantes, com calçadas, esquinas e vida, e, sobretudo, as pessoas que nelas se acumulam, com seus interesses, seus atrasos, seus trajés, seus charmes individuais, sua sonoridade cosmopolita, seu colorido particular” (Silva, sem data, p.4).

O quadro descrito acima é bastante distinto do que encontramos em Brasília. Por ser uma cidade setorizada, sem um centro propriamente dito – onde normalmente esse encontro de pessoas ocorre – qual o estímulo para se perambular pela cidade? Brasília tem outro agravante, segundo a própria autora – a repetição da paisagem:

Brasília, de sua parte, silencia-se em alguns pontos – ordenando espacialmente o som e sua ausência -, homogeneiza-se em outros, organiza as misturas, setoriza as estéticas e faz da efervescência social uma reminiscência que habita a memória do migrante e do turista. Por que flunar, afinal, quando se tem a impressão de que, a despeito da locomoção, a paisagem atual é exatamente igual à que passou? quando as pessoas parecem ser, elas próprias, tipos indistintos entre si? Em que espécie de sentido estético, ritual e social pode residir o prazer de flunar por um espaço que aparenta artificialidade, carece de efervescência, é repetitivo, vazio de diversidade, vazio de pessoas, vazio de alternativas? (Silva, sem ano, p.18).

E a partir dessa análise a autora explica também a percepção de algumas pessoas que vão ao encontro das imagens já citadas anteriormente de Brasília como uma cidade fria, sem gente, cidade fantasma, quase um não-lugar, nas palavras da própria autora.

De maneira geral, tanto Nunes quanto Silva tentam explicar – cada um a sua maneira – a peculiaridade de Brasília enquanto cidade. Peculiaridade que reside no fato de ser quase uma cidade *blasé* e um ponto em comum que destacam é a ampla segregação proporcionada pelo espaço físico da cidade.

Segregados ou não, os habitantes da cidade de Brasília usam de seus espaços para outros fins além do empregatício e do habitacional. Em maior ou menor grau, a cidade oferece locais de entretenimento para a sua população seja através de *shopping centers* ou de bares. Neste sentido, vale a pena ressaltar o estudo de Gilberto Barral (2006) que aponta como uma prática típica da juventude brasiliense o lazer em bares – conceito que de certa forma engloba os três locais selecionados para serem feitas as entrevistas<sup>5</sup>. Para ele:

A prática de lazer em bares, forma privilegiada e cotidiana de sociabilidade entre determinados jovens do Plano Piloto, consiste em reunir em torno de mesas um público disposto à bebida e conversação, sendo a bebida o motor e a conversa do percurso (Barral, 2006, p.83).

Em Brasília parece ser o bar quem ocupa o lugar da praia como espaço público de lazer e de encontro. Espaço de encontro dos indivíduos no tempo livre para uma inversão da ordem social por formas de sociabilidades mais prazerosas, leves e divertidas (id., ibidem, p.132).

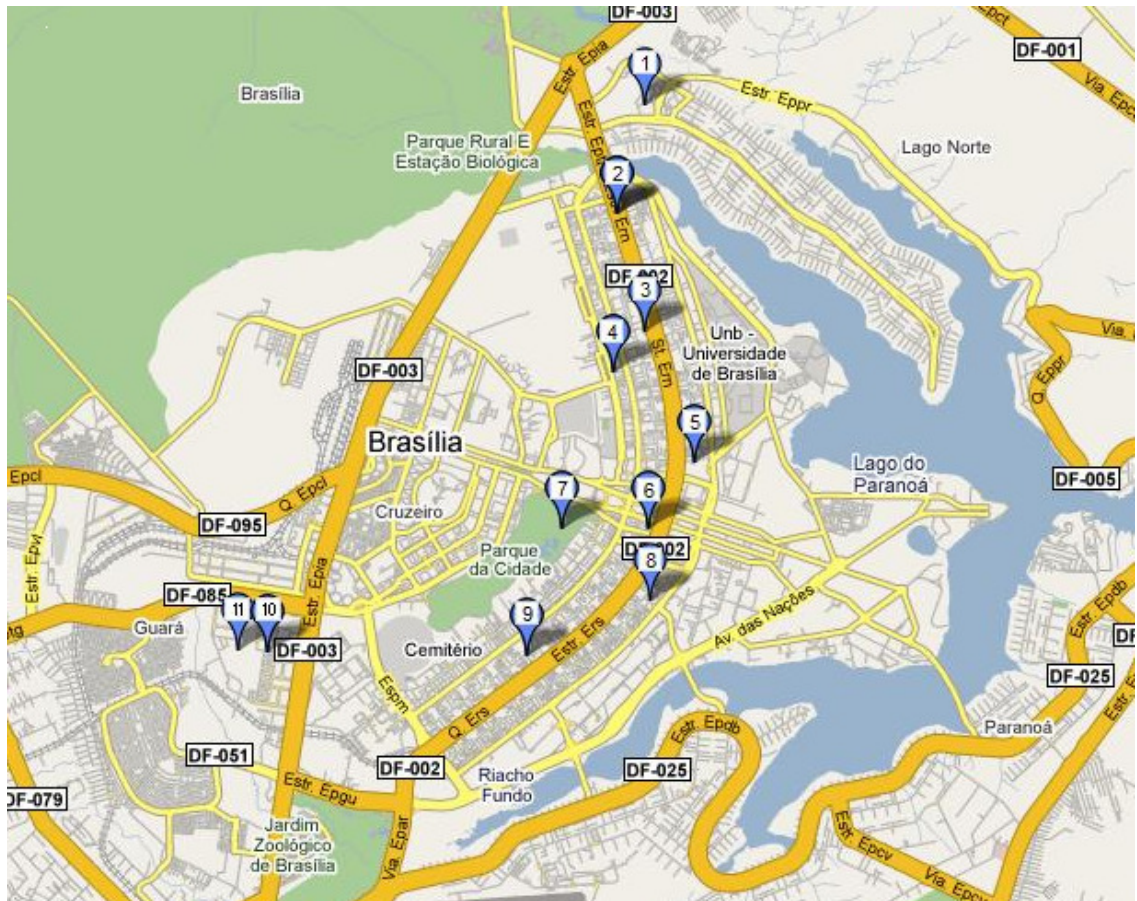
Ou seja, apesar de estarmos trabalhando com um segmento específico da população de Brasília: os homossexuais - e a sua relação com os espaços de lazer, esses espaços são bastante representativos do típico lazer brasiliense.

Dessa forma, nosso olhar volta-se agora para a percepção dos entrevistados sobre Brasília e para os locais de Brasília voltados para o público homossexual ou por eles utilizados. Na figura 2 temos o mapa de Brasília com esses espaços identificados. Apesar de existir uma pequena variedade desses estabelecimentos, iremos nos dedicar somente aos três locais utilizados nessa pesquisa: o Bar Barulho, o Bar Beirute (tanto o da Asa Norte quanto o da Asa Sul) e o Café Savana.

---

<sup>5</sup> De fato, tanto o Bar Barulho quanto o Beirute são bares, propriamente dito, talvez com uma pequena ressalva ao Bar Barulho por conter também um espaço para dançar. O Café Savana, apesar de não ser um bar propriamente dito e sim um café, também se assemelha bastante ao propósito dos bares, como já explicitado anteriormente, de se sentar em torno de uma mesa com amigos para conversar e beber.

Figura 2: Espaços no Plano Piloto identificados como gays ou homossexuais pelos entrevistados.



Legenda: 01 – Landscape Pub; 2 –Café Savana; 3- Bar Beirute da Asa Norte; 4 – Restaurante Manara; 5 – Café Balaio; 6 – Espaço Galeria no Conic; 7 – Bar Barulho; 8 – Gates Pub; 9 – Bar Beirute da Asa Sul; 10 – Boate Oficina Cub; 11 – Boate Blue Space.

Fonte: Mapa criado pela autora no Google Maps [online] Disponível na Internet via <http://maps.google.com/>

Apesar de Nunes (2004) argumentar em sua pesquisa que os moradores do Plano Piloto tendem a ser, normalmente, mais tolerantes que os demais habitantes do Distrito Federal, dos 26 entrevistados no Plano Piloto 24 responderam que consideram que existe preconceito contra homossexuais em Brasília. Ou seja, 92% dos entrevistados homossexuais ou simpatizantes afirmaram existir preconceito em Brasília. Somente duas pessoas responderam que não acham que existe preconceito na cidade, entretanto, ao longo de suas entrevistas relataram que conhecem pessoas que já foram vítimas de preconceitos – o que pode relativizar suas afirmações. Há aqui uma clara identificação de valores preconceituosos quando recortamos nosso universo a partir da orientação sexual.

Mesmo assim, um dado interessante de ser apontado é que dessas 24 pessoas que consideraram Brasília como uma cidade preconceituosa, oito fizeram algum tipo de ressalva no sentido de considerar que em Brasília, apesar de existir preconceito, ele é menor do que em outras cidades. O que transparece na fala desses entrevistados é que Brasília por ser uma cidade nova, com uma mistura de pessoas vindas de várias regiões e locais do Brasil, com um nível de escolaridade maior do que a média brasileira há uma tendência das pessoas aqui serem mais tolerantes e, conseqüentemente, o preconceito ser menor ou mais velado do que em outras cidades.

Entretanto, apesar dessa ser uma visão interessante sobre a cidade ela não é a que prevalece nas entrevistas, pois 50% dos entrevistados que disseram que Brasília é uma cidade preconceituosa não fizeram nenhum tipo de ressalva, apenas pontuaram que existe preconceito em Brasília. Neste sentido, a fala de Mauro<sup>6</sup> é interessante porque vai de encontro à percepção dos oito entrevistados que fizeram ressalvas quanto à cidade:

*Eu não sei, a gente às vezes pensa assim que é capital, as pessoas são mais esclarecidas e tudo. Acho é puro preconceito, todas.... preconceito existe enquanto existir pessoas e pessoas existem no mundo todo, então o preconceito está espalhado pelo mundo[sic].*

Outras duas entrevistadas ressaltaram que o preconceito existe, apesar de ser menor do que era antigamente, não estabelecendo uma relação direta com a cidade de Brasília.

Quando perguntados se Brasília oferece boas opções para o público homossexual, a grande maioria dos entrevistados respondeu que não tem boas opções, reclamando, principalmente, do número escasso de locais voltados para esse público. Em outras palavras, aproximadamente 73% dos entrevistados<sup>7</sup> consideraram que não existem boas opções para o público homossexual em Brasília.

Independentemente da resposta dada acima, foi perguntado para todos os entrevistados quais seriam os locais homossexuais em Brasília que eles conheciam e/ou freqüentavam, os locais citados nesta pergunta<sup>8</sup> se encontram organizados na tabela abaixo:

---

<sup>6</sup> Os nomes dados aos entrevistados são fictícios

<sup>7</sup> Os que indicaram não existir boas opções para o público homossexual em Brasília foram 16 entrevistados. O total de entrevistados que responderam a essa pergunta foram 22, isso porque tiramos dessa amostra os que se declararam como heterossexuais – três entrevistados – e outro por ter afirmado que não saberia responder a essa pergunta pois havia passado muitos anos fora de Brasília.

<sup>8</sup> Importante ressaltar que, apesar de alguns entrevistados nesta resposta terem feito uma distinção entre lugares gays e lugares alternativos, na tabela foram listados todos os locais citados pelos entrevistados na pergunta “Que outros lugares gays você conhece e/ou costuma ir?”.



Tabela 1: Lugares gays citados pelos entrevistados<sup>9</sup>

Lugares gays citados pelos entrevistados	
Nome do lugar	Número de citações
Armazém	1
Balaio	1
Barulho	10
Beirute	14
Blue Space /Garagem	11
Café Savana	11
Espaço galeria no Conic	3
Festa da Lili	1
Gates	6
Landscape	2
Manara	1
Oficina Club	3
UTI Beer	1
Fonte: A autora	

Também foi perguntado aos entrevistados que outros locais de entretenimento eles tinham o hábito de frequentar. As respostas foram bastante variadas e em muitas vezes eles não especificavam o nome do lugar dando respostas genéricas: barzinhos, museus, cinemas, restaurantes etc. Entretanto, alguns entrevistados deram de fato nome a esses lugares e alguns destes também haviam sido citados na pergunta anterior.

Esses locais de intersecções são o Café Savana, o Beirute e o Balaio. Uma possível interpretação para este fato e que iremos retomar mais adiante na pesquisa é que não há um consenso, de fato, se estes locais, especialmente o Café Savana e o Beirute – os locais das entrevistas – são lugares homossexuais. Transparece na fala de alguns dos entrevistados que estes são lugares que “abrigam” também os homossexuais, mas não fazem deles a sua clientela específica – diferentemente do Barulho.

Já entrando um pouco mais nas especificidades de cada um dos locais onde foram realizadas as entrevistas, iremos caracterizá-los um pouco mais com informações reveladas pelos próprios entrevistados que os frequentam, por informações disponibilizadas na página eletrônica do Mix Brasil e por descrições dos próprios sítios destes locais quando existentes.

O Bar Barulho localiza-se no Parque da Cidade Sarah Kubistchek e funciona desde o ano de 1995. Apesar de estar localizado numa área que é considerada central na cidade, não é muito conhecido em Brasília fora da cultura GLS e nem muito fácil de ser encontrado

<sup>9</sup> Percebe-se que os três locais onde as entrevistas foram realizadas estão entre os quatro lugares mais citados.

no Parque da Cidade, uma vez que se encontra atrás do kart e não às margens do Parque como alguns outros quiosques.

Ao se passar de dia em frente ao Barulho ele não se difere dos demais quiosques do Parque da Cidade, entretanto é o seu funcionamento à noite que o destaca dos demais. O Barulho é um bar simples que contém uma parte coberta que abarca o balcão onde é realizada a venda de bebidas, o local para pista de dança e algumas mesas e cadeiras e a parte descoberta onde existem mais algumas mesas e cadeiras.

As pessoas se dividem entre esses espaços e se aglomeram, principalmente, na pista de *cooper* que passa na frente do bar – sendo que nos momentos de pico aos domingos é quase impossível transitar por ali – e também vira parte do Barulho o Parque que o circunscribe, seja por intermédio de seus gramados, seja pelas suas próprias instalações voltadas para uso público como os banheiros e os chuveiros.

A iluminação no Barulho não é muita, sendo possível – se esta for a intenção – permanecer à sombra das árvores e em outros locais onde a identificação se torna mais difícil. Apesar de haver mesas para sentar, a maioria das pessoas prefere ficar em pé, pois o intuito de frequência do Barulho é qualquer coisa, menos ter uma boa refeição, apesar de o bar servir petiscos e afins.

No Barulho, em comparação aos outros dois bares visitados, é maior a incidência de pessoas desacompanhadas, majoritariamente homens que se posicionam às margens do bar, muitas vezes na grama, com uma cerveja na mão e ficam observando e sendo observados pela multidão que povoa o bar aos domingos à noite – dia mais movimentado. As mulheres encontradas no bar normalmente estão em grupo – seja com namoradas/parceiras ou com amigas – e preferem ficar sentadas às mesas.

A sensação que se tem ao ir ao Barulho num domingo à noite é de entrar numa realidade diferente da encontrada no dia a dia em Brasília. A primeira pergunta que se faz é: por onde essas pessoas se escondem de dia? No Barulho há a efervescência muito reclamada por alguns moradores de Brasília, no Barulho há vida, há mistura, tanto é que a sua definição no sítio Mix Brasil é a seguinte:

Situado no Parque da Cidade, o Barulho é o point GLS mais popular e democrático da cidade. É um botequim com espaço para dançar. A ferveção acontece às 5as de noite e aos domingos, com frequência quase 100% GLS (Sítio Mix Brasil, 02/06/2008).

Essa mistura de pessoas também é verificada na fala dos entrevistados, três dos nove entrevistados falam que o Barulho é um bar diversificado que tem todo o tipo de gente, outros, entretanto, ressaltam – quando perguntados se existe um grupo específico que frequenta o Barulho – que são os “menos favorecidos”, os “gays ralé”, a “galera que não tem dinheiro”. Ou seja, essa democracia da definição do Barulho remete a um encontro de várias classes no Barulho, encontro esse que não é proporcionado voluntariamente pela arquitetura da cidade<sup>10</sup>.

Talvez esse fato se relacione, também, com a localização do Barulho: ele está, conforme já foi dito anteriormente, no interior Parque da Cidade. O Parque é um local aberto, de uso público e, apesar de estar no Plano Piloto, seu uso é visto com um direito de todos e não só dos habitantes do plano:

Como a infra-estrutura coletiva das superquadras não é utilizada pelos moradores – salvo crianças e aí há toda uma perspectiva de uma cultura original em formação - tem-se aquela permanente sensação de ociosidade desses equipamentos que, apesar de públicos, transmitem uma sensação de privados, não sendo tampouco utilizados pelos moradores das satélites. A única exceção é o Parque da Cidade, onde multidões já têm o hábito de frequentá-lo para o lazer (Nunes, 2004, p. 163).

Por ser um local onde ninguém habita, um local destinado simplesmente ao lazer e sobretudo a um lazer não pago, o Parque da Cidade talvez ainda não tenha sido capturado exclusivamente por nenhuma classe em si, dessa forma, acaba por proporcionar ao Barulho o acesso tanto de pessoas de baixa renda como as mais favorecidas economicamente.

O Barulho talvez tenha conseguido fugir da lógica totalitarista da arquitetura de Brasília, ao estabelecer em um parque, o encontro de uma diversidade gay não encontrada em outros estabelecimentos – porque a diversidade é apontada como um elemento forte no Barulho, pois o contexto já deixa claro que estamos falando de um local gay, homossexual, o contexto é tão óbvio que muitos entrevistados sequer o citam – produzindo um encontro do inesperado que é a qualidade da maioria dos centros urbanos do qual Brasília carece:

O centro é inseguro, sujo, barulhento. O centro é, enfim, o coração da cidade, o local de todos os contatos, todas as misturas, o ponto máximo da efervescência social urbana, o lugar mais urbano da cidade (Silva, sem data, p.9)

Na fala de alguns dos entrevistados, transparece essa efervescência em relação ao Barulho e na discussão que será apresentada mais adiante sobre o fechamento temporário

---

<sup>10</sup> A questão das classes sociais aparecem mais de uma vez na pesquisa, entretanto, não será aprofundada por não ser objeto de análise do presente estudo.

deste bar, iremos perceber que algumas pessoas são favoráveis a este fechamento justamente por essas características: a sujeira, a mistura, o contato com todo o tipo de gente, que vão de encontro ao espaço tabulado, asséptico do Plano Piloto.

Entretanto, apesar de ser um local democrático, de ser um local de fácil acesso, no “centro” de Brasília, o bar também oferece anonimato aos seus freqüentadores. Ele não fica na beira da rua – como o Café Savana e o Beirute - e apesar do Parque ter uma alta densidade de freqüentadores, o Barulho se torna um estabelecimento homossexual propriamente dito à noite, quando já não há tantas pessoas no Parque.

Durante a pesquisa pudemos notar esse fato também, pois o Barulho foi o bar em que ocorreu o maior índice de recusas a participar da entrevista e foi o local onde entrevistamos a única pessoa que, apesar de se relacionar afetivamente com outra pessoa do mesmo sexo, afirmava não revelar a sua sexualidade para ninguém e via o Barulho como um local onde não ia ser identificada e que poderia ser livre pelo menos por algumas horas.

Diferentemente do Barulho, o Beirute, por sua vez, é um dos bares mais tradicionais e conhecidos na cidade, funcionando quase como um ponto de referência da capital. Foi fundado em 1966 na 109 sul. Já a sua filial na Asa Norte tem menos de um ano de funcionando – foi inaugurada em outubro de 2007 - e está localizada na quadra 107 norte. O bar foi fundado por dois libaneses, mas em 1971 foi comprado por dois irmãos cearenses que trabalhavam no bar como garçons. Tanto na Asa Norte quanto na Asa Sul, o Beirute está localizado na ponta da quadra o que permite que as mesas avancem para a área verde e para as calçadas públicas, ultrapassando as áreas destinadas ao bar.

O Beirute tem um público bastante diversificado como pontua a reportagem do Jornal Tribuna do Brasil do dia 16 de outubro de 2007:

Inaugurado em 1966, o Beirute se tornou um dos bares mais conhecidos da cidade. Nas décadas de 70 e 80, foi palco de manifestações políticas e artísticas. Com freqüentadores realmente assíduos, a casa ganhou fama por reunir no mesmo lugar pessoas de diferentes tribos, adquirindo um espírito de diversidade que é ressaltado até hoje pelos admiradores do local” (Vilela, 2007).

Como destacam alguns entrevistados, o que caracteriza o Beirute é a diversidade de tribos, como pontuado pela reportagem acima, entretanto, diferentemente da diversidade do Barulho que é de renda, a diversidade do Beirute é de “tipos” de pessoas, ou seja, são as várias tribos, sendo a população homossexual, uma delas, todas mantendo entre si um nível de renda semelhante ou próximo.

Contudo, essa diversidade do Beirute que varia desde famílias com crianças até *drag queens* é encontrada em períodos diferentes do bar. Por exemplo, é muito pouco provável que se encontre uma família no seu sentido tradicional de mãe, pai e filhos, numa sexta-feira à noite, dia de frequência majoritariamente homossexual – entretanto é quase regra encontrá-los domingo em horário de almoço.

O sítio do Mix Brasil descreve o Beirute da seguinte forma:

Primeiro ponto de encontro da galera gay de Brasília. São mais de 30 anos servindo pratos árabes. Lá se encontra de tudo: gente nova, gente velha, mauricinhos, largadinhos, bonitinhos, drogadinhos, tudo. O Beirute sempre foi o termômetro político da cidade. Muitas manifestações da cidade se iniciaram ou terminaram ali. Para saber que festas rolam na cidade é só passar lá e sair com uns 200 flyers. Só tem um porém: às vezes rola um estresse quando os mais animadinhos resolvem exagerar e se beijar dentro do bar (Sítio Mix Brasil, 02/06/2008).

A partir dessa descrição, podemos perceber que o Beirute não foi criado com a intenção de ser um bar voltado para o público homossexual, mas foi apropriado por homossexuais como um ponto de encontro, seja porque o bar sempre foi freqüentado por pessoas que se diziam mais liberais ou por uma decisão arbitrária. A fala da entrevistada Cássia faz transparecer essa questão:

*Eu não sei explicar isso a você (o fato de no Beirute ter aumentado a frequência da homossexuais ao longo do tempo). Talvez, penso eu, por Brasília não ter os guetos. Vamos dizer, porque, uma sociedade, principalmente como a nossa (...) queira ou não queira as pessoas discriminam. Então, o homossexualismo por não ser aceito com naturalidade, com normalidade, por ser visto como doença, as pessoas têm que procurar seus espaços. Acredito que o Beirute, em Brasília, pelo seu, sua forma, assim, diversidade natural da cidade, e o Beirute por ser um espaço também altamente diverso, tem ocorrido isso [sic].*

De fato, o Beirute já foi palco de protestos do movimento gay de Brasília por um casal de lésbicas ter sido impedido de se beijar no estabelecimento por que o garçom informou que “não serviria esse tipo de gente, porque o bar era de família”, segundo consta na reportagem de João Rafael Torres da equipe do Correio Braziliense em artigo publicado no dia 04/10/2003.

Em outra matéria<sup>11</sup> do Correio Braziliense, Freddy Charlson tinha como tema relatar o aniversário de um dos mais antigos garçons do Beirute que afirmou que “só sei que acho ridículo homem beijar homem”. A reportagem continua “conta o garçom, católico

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO\\_20020328/vid\\_mat\\_280302\\_58.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020328/vid_mat_280302_58.htm)

fervoroso, que até usa broches de anjos e de Nossa Senhora da Aparecida na lapela e trabalha basicamente na área do Beirute conhecida como Gayrute, mais perto da rua”.

De fato, apesar do Beirute ser um restaurante, nas noites de maior movimento, muitas pessoas ficam em pé, nas proximidades da rua, seja sozinhas ou em grupos. Nas mesas, normalmente, encontram-se casais – homossexuais e heterossexuais – e grandes grupos de amigos. À medida que o Barulho se contrapõe à lógica do Plano Piloto, sendo um lugar democrático, o Beirute pode ser considerado a própria contradição de Brasília. Pois chega até ser cômico pensar que um dos bares mais tradicionais da cidade é também muito conhecido pela sua alta frequência homossexual.

E por mais que a escolaridade dos habitantes Plano Piloto seja maior do que a média brasileira, este fato por si só não é significativo para fazer com que o preconceito contra homossexuais não exista. Almeida (2007) já ressaltou isso indicando que os índices de rejeição da homossexualidade não se alteram significativamente quando variáveis de renda, escolaridade, idade, região são controladas. Em resumo, o Brasil é um país altamente preconceituoso e Brasília não será a exceção, tanto é que 92% dos nossos entrevistados relataram Brasília como uma cidade preconceituosa.

Nunes aponta essa contradição de Brasília ao dizer que essa ambivalência é observada “entre ser favorável a temas polêmicos tais como aborto, divórcio, combate ao racismo, ao mesmo tempo em que se manifesta contra os movimentos como o feminista, no âmbito do qual muitas destas teses tiveram suas origens” (Nunes, 2004, p.164)<sup>12</sup>.

O Beirute concentra uma ampla população homossexual num estabelecimento que não foi pensando para esse público, tendo até mesmo garçons que são contrários a esse tipo de afetividade. Na verdade, uma das entrevistadas no Beirute da Asa Norte deixou bastante claro que repudiava tanto a homossexualidade quanto os homossexuais, fazendo a óbvia declaração de que não tem preconceito desde que “essas pessoas” não cheguem perto dela.

Brasília, especialmente o Plano Piloto, com seus espaços pensados e planejados *a priori* além de não ter sido pensada para as classes menos favorecidas, também não foi pensada para quem não seguisse os padrões vigentes. E o Beirute, como um bar que surgiu quase que concomitantemente à Brasília, por ter uma tradição de mais liberal do que os

---

<sup>12</sup> Essa contradição presente em Brasília também foi verificada por um entrevistado no Beirute da Asa Sul que insistiu diversas vezes durante a entrevista que existia em Brasília e, principalmente, no Beirute, uma *aparente liberdade* ou *pseudo-liberdade*.

demais foi o espaço utilizado pelos homossexuais à época como uma opção de entretenimento. Foi um espaço “escolhido” pelos homossexuais pela inexistência de espaços propriamente seus e foi um espaço que “deu certo” sendo tolerado, tanto pelos seus donos quanto pela população em geral.

Outro lugar por nós escolhido foi o Café Savana fundado em setembro de 1990 na 116 norte, inicialmente funcionando somente de dia e que, a partir de 1994, passou a abrir também durante as noites. A sua própria definição encontra-se em sua página eletrônica ([www.cafesavana.com.br](http://www.cafesavana.com.br)):

O Savana é hoje um espaço aberto não só para os prazeres gastronômicos, mas uma referência quanto a informações culturais do que acontece na cidade. Nos quinze anos de existência, procuramos estar em harmonia com a cidade, apoiando e divulgando as diversas manifestações artísticas, como teatro, festivais de cinema e exposições. Já tivemos lançamentos de livros, exposições de quadros e esculturas. Nas noites de finais de semana, é possível se informar no Café das festas que estão acontecendo. É aqui que as pessoas se reúnem para depois sair para dançar. A clientela noturna é diversificada: profissionais liberais, funcionários públicos, universitários, drags, pessoas descoladas e tudo o mais de divertido que se pode encontrar nas noites de uma cidade eclética como Brasília.

Por essa definição vemos que o próprio Savava, personificado, se identifica como um lugar diversificado, eclético como Brasília. Porém, a sua descrição no sítio do Mix Brasil já é mais temática: “Café GLS sempre cheio. A comida é boa, o lugar é legal, a decoração é convidativa. A dica é passar lá antes de ir dançar” (Sítio Mix Brasil, 02/06/2008).

O Café Savana, dos três locais selecionados, é certamente o que possui melhor infra-estrutura, um cardápio mais variado e se diferencia basicamente dos outros dois por ser um local onde as pessoas vão para se confraternizar com os amigos, não sendo considerado um dos melhores lugares da cidade para se paquerar, diferentemente do Beirute e, principalmente do Barulho, cujo grande atrativo são as pessoas desconhecidas.

*Eu posso dizer que eu acho mais tranquilo, eu acho legal, acho legal o povo que frequenta aqui. Acredito que a galera fica cada um na sua e o objetivo que me faz vir a esse bar é mais tipo, tá conversando com alguém mesmo. E isso funciona perfeitamente e é muito tranquilo conversar aqui. Coisa que eu já não acho no Beirute, que é muito barulho, as pessoas gritam. Ah, não sei, eu não gosto muito de lá não. O atendimento é ruim. Acho mais bagunçado [sic].*

*Eu acho mais descontraído. Eu gosto de lugar menos barulhento e que não tenha muita, muita muvuca, muita confusão. E aqui eu acho que...por exemplo, o Beirute eu acho muito confuso, então eu não gosto [sic].*

Essa diferença de propósitos entre o Café Savana e os outros dois estabelecimentos traz consigo uma diferença espacial: no Café Savana não é um hábito encontrarmos pessoas em pé ou mesmo sentadas sozinhas nas mesas. Há uma maior incidência de casais ou de pequenos grupos de amigos.

Um ponto que nos chamou atenção na fala dos entrevistados foi em relação ao público que frequenta o Café Savana. Esse público foi caracterizado em quatro das oito entrevistas lá feitas como um público “mais seletivo”, “mais requintado”, “bicha pra ver” ou “os gays que se acham”. Claramente, o público do Café Savana está em estrita oposição ao público do Barulho então, seguindo essa mesma lógica, o Café Savana estaria longe de ser um local democrático, sendo um local como outro qualquer de Brasília, com uma classe social bem definida.

*Eu acho que é o único café GLS que tem aqui em Brasília. Ele é bem servido, a gente é bem atendido, o garçom chama a gente pelo nome. (...) Porque é um atendimento mais requintado. É um atendimento requintado, diferente do Beirute, que é multidão [sic].*

Apesar de estarmos apontado que o Café Savana está em estreita oposição ao Barulho, essa relação é estabelecida pelos entrevistados com o Beirute, sendo o Barulho citado somente por dois entrevistados e quando perguntados sobre a existência de outros locais gays na cidade.

Esse fato pode ser elucidado por intermédio da fala de Cristiane – entrevistada no Barulho – que pontua: “*Cara, eu não gosto daqui e se você perguntar, 90% das pessoas vão te responder que não gostam [sic]*”.

O que essa fala pode mostrar é que existe um certo preconceito entre os próprios homossexuais em falar que frequentam o Barulho, por este ser conhecido como um lugar “democrático” em outras palavras, frequentado por pobres. Considerando que Nunes afirma que o local em que a pessoa mora em Brasília é um *status* social, podemos inferir que os locais que a pessoa costuma frequentar também o sejam.

*Assim, podemos dizer que o endereço exprime o ser social e sua identidade de classe: entre a ‘anarquia’ das áreas urbanas populares e a ‘aspepsia’ das áreas ditas mais nobres, é toda a complexidade do social que está transcrita no espaço das cidades (Nunes, 2004, p.155).*

Sob essa argumentação, o Barulho não faria parte de uma das áreas nobres de Brasília, ao contrário do Beirute que apesar de ser “bagunçado” está localizado em



superquadras, a 109 sul e a 107 norte, que apesar de serem espaços públicos, têm o uso de seu território legitimado por uma classe social, fato inexistente no Parque da Cidade, principalmente nos finais de semana.

Outra diferença notada entre o Café Savana e o Beirute em oposição ao Barulho foram os comportamentos dos próprios frequentadores. Apesar dos três locais serem em alguma medida lugares de frequência homossexual, os comportamentos são distintos. No Barulho a sexualidade é muito mais vista em contraposição ao Café Savana onde existe uma sexualidade mais contida. No Café Savana que *está na beira da rua, a gente pode até dar um beijinho, pode pegar na mão* [sic]. No Beirute o garçom aniversariante citado anteriormente comenta que “só se mete quando os beijos homossexuais ‘passam dos limites’. É quando pede para os casais “pegarem leve”. Se os beijinhos forem, digamos, *light*, Cícero não está nem aí”, continua a reportagem do Correio Braziliense. Já no Barulho uma entrevistada responde que *é o único lugar que eu consigo achar mulheres que gostam de mulheres e poder beijar na boca de alguma* [sic].

No Barulho percebemos uma sexualidade mais aflorada, enquanto nos outros dois locais, apesar de já possuírem mais liberdade que os demais locais de lazer da cidade, é uma sexualidade mais contida. Não que no Café Savana e no Beirute não vejamos casais homossexuais se beijando, vemos, entretanto essa não é a regra, enquanto o Barulho é o local propício para esse tipo de acontecimento.

Esse fato pode ser relacionado ao que já relatamos anteriormente sobre a diferença espacial do Barulho e do Café Savana e dos Beirutes: o Café Savana e os Beirutes estão bem próximos da rua enquanto o Barulho é mais afastado da pista que corta o Parque da Cidade. Esse fato, por si só, já pode explicar a diferença de comportamentos uma vez que a proximidade da rua traz consigo uma certa vigilância. Na verdade, além da questão da proximidade ou não da rua, a questão primordial, a nosso ver, é a contraposição Parque da Cidade X superquadras que remete, também, a uma discussão já esboçada entre espaço público e privado que, em última instância, reflete a segregação de Brasília.

As superquadras de Brasília, apesar de serem espaços públicos, na prática são espaços delimitados - desde o seu projeto - para pessoas específicas, classes específicas o que as transformam quase num espaço privado, onde somente a presença de certas pessoas

é legitimada. Já o Parque da Cidade, conforme explicitado anteriormente, é de fato um dos poucos locais de uso público da cidade, não havendo restrições ao uso de seu espaço.

Acreditamos que de uma forma ou de outra, as pessoas de Brasília sentem a imposição dos espaços da cidade, tanto é que Nunes e Silva em seus estudos citam o mal-estar de algumas pessoas em relação a Brasília. Neste sentido, o espaço das superquadras é internalizado - não só pelos seus moradores - como um espaço destinado às classes médio-altas de Brasília onde nem todo tipo de comportamento é aceito, enquanto outros são apenas tolerados – o que nos remete a uma forma bastante interessante de segregação sem muros, paredes ou qualquer tipo de obstáculo. Já o Parque da Cidade e, especialmente o Barulho, escapa a essa lógica, propiciando *in locus* o encontro de classe e, conseqüentemente, do inesperado, do caos, de tudo aquilo negado pela arquitetura mãe de Brasília.

#### 4. Segregação Espacial

Impostas ou por opção, as áreas segregadas numa metrópole têm dinâmicas próprias que guardam proximidade com o tipo de estigma ou mesmo de opção por parte, tanto dos grupos discriminados quanto dos que se auto-discriminam no território da cidade. Assim, em termos gerais, quando se fala de segregação de pessoas ou de grupos, alguns conceitos vêm à tona, tais como prisões, campos de refugiados, favelas ou mesmo condomínios de luxo murados. Entretanto, para esta pesquisa iremos – tendo em vista nosso interesse pelos homossexuais - centrar especificamente em dois conceitos tratados pela literatura: guetos e gentrificação.

Esses dois conceitos exibem certas semelhanças assim como algumas diferenças pontuais. **Tanto o gueto como a gentrificação, de maneira geral, abordam a apropriação de territórios da cidade por determinados tipos de grupos sociais, ou seja, se relacionam diretamente com o uso e ocupação de espaços urbanos.** Além disso, existe uma certa “disputa teórica” sobre seus verdadeiros sentidos. Entretanto, uma leitura de seus usos revela alguns aspectos diametralmente opostos, o principal deles, a nosso ver, é a sua relação com o estigma: enquanto uma das características primordiais para a qualificação de um gueto é a existência do estigma, a gentrificação, quando ocorre, termina por livrar um lugar, normalmente os centros da cidade, de um determinado estigma.

Mais do que dois conceitos que dialogam ao longo de abordagens da sociologia urbana, são os seus silêncios em relação um ao outro que “anunciam” um relacionamento que, entretanto, não é explicitado. Na verdade, alguns autores que tratam da gentrificação abordam marginalmente o conceito de gueto sem, no entanto, equacioná-los. O que se pretende nesta pesquisa é tentar viabilizar um possível diálogo entre gueto e gentrificação, utilizando os caminhos já sugeridos por alguns atores, mas, principalmente, abordar os “vazios” e silêncios dos estudos da segregação espacial urbana.

O conceito de gueto, diferentemente do de gentrificação, é bem conhecido e utilizado tanto pelo senso comum quanto pelas ciências sociais. Entretanto, existe uma falta de especificação conceitual objetiva e analítica como pontua o próprio Wacquant:

Enquanto as Ciências Sociais fazem uso corrente do termo ‘gueto’ de maneira *descritiva*, elas paradoxalmente não produziram uma definição *analítica* para o mesmo. Tanto na historiografia da diáspora judaica do começo da era moderna e

durante o nazismo, como na Sociologia da experiência negra na metrópole do século XX e na Antropologia sobre a marginalidade étnica na África e na Ásia Oriental, ou seja, nas três áreas em que o termo é empregado, o ‘gueto’ denota uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio-moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes. Mas nenhuma dessas linhas de pesquisa tomou para si o ônus de especificar o que faz do gueto uma forma social, ou quais de suas características são constitutivas e quais são derivativas; pelo contrário, as diferentes pesquisas têm, em suas épocas respectivas, adotado a definição do *sensu comum* que prevalece na sociedade examinada – o que explica o fato de o conceito, que parece óbvio, não aparecer em grande parte dos dicionários de Ciências Sociais, nem mesmo nas edições anteriores desta enciclopédia (Wacquant, 2004, p.155).

Wacquant nesta passagem deixa clara a ausência de um consenso nas ciências sociais do que seria ou caracterizaria um gueto. E, neste sentido, faz um esforço para traçar essa especificação. Entretanto, o conceito de gueto de Wacquant é só um dos possíveis, talvez o mais objetivo porque o autor pretende exatamente qualificar este conceito. Entretanto, outras abordagens de gueto existem e contraporemos aqui as noções de Loic Wacquant e Louis Wirth e perceber-se-á que apesar de se distanciarem sobre alguns aspectos existem características comuns que perpassam essas duas noções do que seja um gueto.

#### **4.1. O “gueto” para Wirth**

Wirth no prefácio de sua obra “The Ghetto” publicado em 1928 tem um pensamento que nos auxilia na compreensão do termo e do fenômeno a seus olhos. Diz ele “Parti para estudar uma área geográfica, e fui levado de forma involuntária, a examinar a história natural de uma instituição e a psicologia de um povo” (Wirth, 1928, prefácio).

Wirth não tem a preocupação de definir exatamente o que seria para ele o gueto, apesar de ter publicado um livro inteiro sobre esse tema e com esse título. Para Wirth, o conceito de gueto aplica-se diretamente aos bairros judeus de grandes cidades, apesar de não restringir o seu uso para este grupo específico, citando algumas vezes em seu estudo os bairros negros, as áreas de imigrantes e de vícios nas cidades também como guetos. “There are Little Sicilies, Little Polands, Chinatowns, and Black belts in our large cities, and there are segregated areas, such as vice areas, that bear a close resemblance to the Jewish ghetto” (Wirth, 1928, p.6). E mais adiante na leitura ele ainda cita: “The Negro, like the immigrant, is segregated in the city into a racial colony. Economic considerations, race prejudice, and cultural differences combine to set him apart” (Wirth, 1928, p. 230).

Um ponto interessante na leitura de Wirth é como ele considera o gueto como uma instituição natural<sup>13</sup>. Ele pontua que, inicialmente, foram os próprios judeus que se isolaram dos demais da população para permanecerem perto dos seus. Lógico que ele não ignora que esse isolamento inicialmente voluntário foi depois forçado e estipulado por lei, mas ele realmente enxerga a existência dos guetos como áreas naturais da sociedade:

The segregation of the Jews into separate local areas in the medieval cities did not originate with any formal edict of church or state. The ghetto was not, as sometimes mistakenly is believed, the arbitrary creation of the authorities, designed to deal with an alien people. The ghetto was not the product of design, but rather the unwitting crystallization of needs and practices rooted in the customs and heritage, religious and secular of the Jews themselves (Wirth, 1928. p. 18).

Wirth inicia sua análise com a formação dos guetos judeus na Idade Média. É interessante notar como ele mostra a construção do judeu como pessoa estigmatizada, sendo possível datar o início de sua estigmatização, “not that there were no persecutions before 1096, but they were sporadic and mild compared to the persistent and organised mob violence that began with the First Crusade. Up to that time the Jews were free individuals, on the whole, and lived generally on friendly, and sometimes even on intimate, terms with their neighbors of others faiths” (Wirth, 1928, p.15).

Ou seja, apesar dos judeus na Idade Média, já viverem em comunidades isoladas por sua própria vontade - o que Wirth chama de gueto voluntário - a sua relação com os demais se dava de maneira amigável, não existindo o peso do estigma generalizado sobre eles como uma raça. É importante ressaltar que os Judeus sempre foram considerados “estranhos” no sentido de estrangeiros, mas não considerados inimigos, isso começou com as cruzadas e com os decretos religiosos que proibiam qualquer tipo de contatos com judeus:

Suddenly the population became aware of the strangers in their midst. It needed but little stimulation to transform these strangers into enemies, especially at a time when a scapegoat was needed to give concrete and immediate expression to the remote and idealistic goals of pilgrimages to and conquest of the Holy Land, in which, after all, only a minority could participate. In this predicament the Jews turned to those who were not their neighbors and who were far removed in space and station to see them objectively – as a utility (Wirth, 1928, p.15).

Apesar de Wirth pontuar, que foi com as primeiras cruzadas que a segregação física dos judeus começou a ocorrer, ele não relata de maneira detalhada o estigma –

---

<sup>13</sup> Vale ressaltar que o termo natural, amplamente criticado nas ciências sociais, é usado pelo próprio Wirth.

fundamentado como causa ou consequência (na realidade, a ordem pouca importa) da segregação – que foi imputado aos judeus. Já Sennet (2008) aborda esse aspecto de maneira clara e o justifica não em relação às primeiras cruzadas, mas em relação à decadência que assolava Veneza, principalmente depois da derrota de Agnadello:

O estudo do preconceito religioso não é um exercício de racionalidade. A antropóloga Mary Douglas escreveu que o desejo de pureza expressa os medos de uma sociedade; a autodepreciação sentida por um grupo pode ‘migrar’ para outro, que representa o impuro. Foi o que aconteceu em Veneza, depois de Agnadello. Os habitantes da cidade sentiram-se ameaçados pela decadência sensual, transferindo essa autodepreciação para os judeus (Sennet, 2008, p. 234).

Sennet, ainda, esclarece que todos os maus que assolavam Veneza à época eram imputados aos judeus, incluindo a sífilis o que acabou por criar o medo do contato e acabava por justificar a sua segregação:

Ao acuar os judeus no gueto, os venezianos acreditavam estar isolando o mal que infectara a comunidade cristã. Eles sentiam medo de tocar os corpos impuros que identificavam com os vícios corruptores – doenças venéreas – e julgavam capazes de contaminá-los por vias misteriosas (Sennet, 2008, p. 222).

Os corpos judaicos pareciam abrigar uma miríade de doenças decorrentes de suas práticas religiosas. Pouco antes de 1512, Sigismondo de Contida Foligno relacionou a sífilis à lepra, considerando-as doenças do judaísmo, conforme a seguinte argumentação: “Porque se abstêm da carne de porco [os judeus] estão sujeitos à lepra mais do que outros povos”; segundo ‘as Sagradas Escrituras (...) deixam claro que a lepra sinaliza uma incontinência ainda mais vil: de fato, começa a se manifestar nos genitais’: portanto, “essa enfermidade [sífilis] deriva dos *Marrani*” (Sennet, 2008, p. 231).

O ponto a ser ressaltado é que tanto de Wirth quanto Sennet, mostram como o preconceito ou estigma foram imputados aos judeus artificialmente, como uma válvula de escape: era necessário ter a figura do inimigo para que os erros e os errantes pudessem ser apontados e, conseqüentemente, punidos.

A relação entre gueto e estigma, apesar de já existir na Idade Média, é mais fácil de ser observada quando o autor aborda os guetos judeus norte-americanos, mas especificamente o de Chicago na primeira metade do século XX. Retomemos parte de seus argumentos para nos auxiliar, mais a frente, nossas reflexões sobre as áreas homossexuais de Brasília.

Inicialmente, apesar da grande chegada de imigrantes judeus nos Estados Unidos, em Chicago especialmente, não existia um gueto estritamente judeu. Wirth separa a imigração judaica na América pela prévia localização dos imigrantes na Europa. Dessa

forma, ele cita a onda de imigração de judeus alemães, de judeus portugueses e espanhóis, sendo a última grande onda de imigração judaica a dos russos e de países do leste europeu. E é exatamente a chegada deste último grupo que caracteriza o gueto judeu.

Had it not been for the influx of a new element, the character of the Jewish community settlements might have lost its distinctiveness and a separate Jewish community in America might have been improbable. Not that there were no orthodox Jews left in the United States at that time, for there were numbers of important orthodox congregations, but they were swamped, not only in numbers, but in wealth and in influence, by the reformed groups (Wirth, 1928, p. 145).

Os judeus estavam espalhados na cidade por camadas sociais e até 1828 só havia um único judeu morando onde mais tarde se estabelecerá o gueto judeu de Chicago. Os judeus, apesar de continuarem com a sua religião, se misturavam aos demais habitantes da cidade. Entretanto, a área onde se estabeleceu a nova onda imigratória de judeus – os judeus russos – ficou conhecida exatamente como o gueto judeu. Entretanto, os judeus que lá se estabeleceram, segundo Wirth, o fizeram pelas mesmas razões que fazem qualquer tipo de imigrante pobre que chega a uma cidade diferente: “In Chicago these immigrants of course sought the area where rents were cheapest and where the surroundings made their own cultural life possible” (Wirth, 1928, p. 180).

Aqui cabe a pergunta: Por que essa área se tornou um gueto e as demais povoadas por judeus e espalhadas pela cidade não? Wirth nos dá pistas de uma possível resposta no trecho abaixo:

The Jews of this period, unlike their predecessors in the city, spoke Yiddish, and their dress and their demeanor constituted easily recognizable marks. Most of them wore beards, and the long coats and boots of the Russian pale. They never ventured outside of their streets and houses unless necessity compelled them. They brought with them the hunted look of pale, which had become fixed through constant dread of pogroms and attacks. They lacked self-confidence and poise, a lack intensified by the inability to communicate with strangers; and often they were unable to communicate even with the Jews whom they met, who did not speak Yiddish (Wirth, 1928, p. 181).

Ou seja, os primeiros judeus que chegaram à América não tinham ou já não tinham mais as características visíveis do que é ser um judeu (a linguagem característica, a aparência, o modo de vestir), características externas e estigmatizantes, vale pontuar.

Sintetizando, Wirth explica como voluntária a segregação inicial dos judeus na Idade Média, tanto por características próprias aos judeus quanto por características próprias das cidades na Idade Média. O autor afirma que era típico das cidades medievais que pessoas do mesmo grupo ocupacional vivessem em lugares próximos e como a maioria

dos judeus exercia sempre o mesmo tipo de profissão, nada mais lógico, para a época, que eles se aglomerassem no mesmo local. E apesar de afirmar que os judeus nunca se integraram de fato às sociedades nas quais eles viviam, o estigma generalizado – tal qual apontado por Sennet - foi construído e institucionalizado com as primeiras cruzadas e com isso, o que *a priori* era voluntário, se tornou uma imposição. Imposição essa que teve vários desdobramentos até recentemente, como bem mostra o estudo de Wirth.

#### **4.2. O “gueto” para Wacquant**

O gueto, para Wacquant, contém quatro elementos constitutivos: o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional. “O gueto é um meio sócio-organizacional que usa o espaço físico com o fim de conciliar dois objetivos antinômicos: maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor e minimizar o contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão simbólica e de contágio” (Wacquant, 2004, p.157).

A partir desta percepção de gueto utilizada por Wacquant, o elemento constitutivo que fica mais claro é o estigma. Os habitantes do gueto são vistos como pessoas que carregam algum tipo de estigma e que por isso devem ser isolados da outra parte da população, aqueles que não possuem, *a priori*, nenhum estigma.

O limite e o confinamento espacial podem ser agrupados em uma única categoria: o banimento forçado. Para Wacquant esse elemento constitutivo é de extrema importância, pois será por meio dele que a diferença entre o gueto e as áreas segregadas ou até mesmo bairros étnicos é estabelecida.

Wacquant classifica como áreas segregadas também os condomínios de luxo encontrados comumente nas chamadas cidades globais. Nesses condomínios um grupo se isola voluntariamente dos demais tendo em vista fins como proteção, segurança e bem-estar. Entretanto, nessas áreas o isolamento funciona como uma maneira de adquirir vantagens para quem ali mora e não o contrário. “Isto sugere que a segregação residencial é uma condição necessária mas não suficiente para a guetização. Para que um gueto surja, o confinamento espacial deve ser primeiramente imposto e abrangente, e em segundo lugar deve ser revestido por uma série de instituições bem definidas e duplicadas que permitam ao grupo que se isola reproduzir-se dentro do perímetro estabelecido” (Wacquant, 2004, p.160).



A diferença entre o gueto e os bairros étnicos ou de imigrantes estaria no que o autor chama de função social. Os guetos têm uma função social que está intimamente voltada para dentro, característica que se liga diretamente ao quarto elemento constitutivo do gueto – o encapsulamento institucional. Já os bairros étnicos teriam uma função social voltada para fora, eles seriam apenas um meio para que as pessoas se adaptassem de uma melhor forma à nova comunidade a que chegam. Ou seja, o gueto seria uma espécie de sociedade dentro de uma sociedade mais ampla, onde os seus habitantes usufruiriam de réplicas de instituições, logicamente em menor escala, de todas as instituições necessárias para a sua sobrevivência e, deste modo, fazendo com que o contato com os demais fosse cada vez mais escasso.

(...) o primeiro (bairro de imigrantes) serve de apoio para a *assimilação* através do aprendizado cultural e da mobilidade sócio-cum-espacial, enquanto o segundo (gueto) é uma ilha de isolamento material e simbólico direcionada à *desassimilação*. O primeiro é melhor representado pela figura de uma ‘ponte’ e o segundo por uma ‘parede’ (Wacquant, 2004, p161).

De maneira resumida, pode-se conceber o conceito de gueto para Wacquant como uma “formação sócio-espacial delimitada, racial e / ou culturalmente uniforme, baseada no banimento forçado de uma população negativamente tipificada (...) para um território reservado no qual essa população desenvolve um conjunto de instituições específicas que operam ao mesmo tempo como substituto das instituições dominantes da sociedade abrangente e como neutralizador contra elas” (Wacquant, 2001, p.50).

Quando comparamos o conceito de gueto de Wacquant com a noção de gueto de Wirth notamos algumas semelhanças e algumas diferenças. A principal semelhança é presença do estigma como elemento constitutivo do gueto. Para Wacquant, esse elemento é claro na medida em que ele o coloca como um dos quatro elementos do gueto. Wirth, apesar de não pontuá-lo especificamente – diferentemente de Sennet -, deixa o uso desse elemento claro quando afirma que o gueto em Chicago só se formou pela constante imigração de judeus que traziam consigo as marcas visíveis da cultura judaica, marcas essa que já não eram tão fortes na população judaica que havia migrado há mais tempo. Neste caso, as marcas visíveis da cultura judaica podem ser lidas como um estigma.

A grande diferença entre essas duas visões se dá em relação ao caráter natural ou impositivo do gueto. Wirth alega claramente em seu texto a naturalidade do surgimento de guetos, enquanto que para Wacquant a imposição da segregação, ou seja, o banimento

forçado é uma característica fundamental. É segundo essa diferença que áreas que são consideradas como guetos por Wirth não o são para o Wacquant, como por exemplo, os bairros étnicos e de imigrantes.

### 4.3. O conceito de gueto para os entrevistados

A intenção deste tópico é simplesmente evidenciar qual o conceito de gueto que os entrevistados possuíam, não estabelecendo, por ora, nenhuma relação ao fato deles considerarem lugares majoritariamente freqüentados por homossexuais como guetos ou não.

Abaixo segue uma tentativa de sistematização das respostas dadas por todos os entrevistados, independentemente da relação que faziam com os lugares freqüentados. A pergunta em si “o que é um gueto para você?”, foi feita exatamente após a pergunta “você consideraria os lugares gays de Brasília como guetos”. Com esse encadeamento, foram poucos os entrevistados que não deram a sua própria definição de gueto, uma vez que normalmente respondiam à pergunta anterior sem maiores problemas, o que os “obrigava” a dar alguma resposta sobre o que eles mesmos consideravam como gueto<sup>14</sup>.

Se as ciências sociais tentam consolidar conceitualmente a segregação e o estigma por meio de sua manifestação no território da cidade, a comunidade homossexual se apropria do conceito de gueto quase que na sua expressão do senso comum. Nosso intuito será tentar mostrar o sentido sociológico que contém quando utilizada pelos próprios grupos estigmatizados por suas práticas sexuais.

Cinco dos entrevistados explicitaram que não gostam de gueto ou acham o termo ruim ou pejorativo. José e Francisco declaram que não gostam de gueto, entretanto, por motivos diferentes. José afirma que guetos são lugares que as pessoas freqüentam escondidas e que não querem ser vistas nesses lugares, era o CONIC na década de 80, em suas palavras. Já para Francisco, guetos são *pessoas radicalizadas em posturas não sérias no seu pensamento. Não têm muita coisa na cabeça, brincam por brincar* [sic]. Já Clarice, Rafael e Juliana declararam que acham a palavra gueto pejorativa, com um sentido ruim. Sendo que tanto Clarice quanto Juliana fizeram associações com *coisas de baixo nível*, ou *coisa baixa*, respectivamente, enquanto Rafael relacionou ao que ele considera o

---

<sup>14</sup> No anexo II se encontra a tabela com a resposta dada pelos entrevistados a essa pergunta e somente dois dos vinte e seis entrevistados não responderam a essa pergunta.

surgimento do gueto na segunda guerra mundial citando o gueto judeu, entretanto, pontuando que agora o termo seria pejorativo. Percebe-se aqui uma clara relação da idéia de gueto a algo ou a algum grupo estigmatizado. De fato, essa idéia povoa o sentido do termo no senso comum.

Nove entrevistados descreveram gueto como um lugar que é freqüentado por um único grupo de pessoas com alguma característica em comum, ou mesmo por um grupo fechado. Essa característica comum foi pontuada como: homossexualidade (Mauro e Adriana); crença, valores, vontades, desejos (Luiz); comportamento (Rafael<sup>15</sup>); determinado objetivo (Fábio). Outros entrevistados como Maria Paula, Larissa e Lucas não adjetivaram quais seriam essas características em comum, apenas pontuando que seria *um certo tipo de pessoa, um grupo específico* ou *um grupo fechado*. Interessante pontuar que alguns entrevistados (Eduarda, Adriana, Luiz e José) ao se referirem a grupos específicos utilizaram o termo “tribos”. Neste sentido, podemos nos perguntar se não ocorre um esvaziamento do conceito de gueto no sentido de grupos não serem formados por preconceito ou estigma, mas simplesmente por um sentimento de identificação e pertença, que passa a fortalecer o conceito de tribo dado por Maffesoli (2006).

Outro termo recorrente na definição do gueto foi a palavra esconderijo. Guetos seriam espaços escondidos, quase um não-lugar, onde as pessoas evitavam ser identificadas como freqüentadoras e ao mesmo tempo freqüentavam esses lugares por serem os únicos nos quais elas poderiam exercer algum tipo específico de ação, pois seria *um lugar para as pessoas se encontrarem sem ninguém saber* [sic], como esclarece Camilo. Outras adjetivações que aparecem com a palavra escondido e esconderijo são medo, escuridão, de difícil acesso, pois não seria um local facilmente identificável.

Associações de gueto e discriminação também foram feitas *Pra mim, um gueto são as pessoas que dentro da sociedade são, talvez, uma minoria. Uma pessoa que tenta ter uma voz representativa, mas que não tem pelo forte discurso de discriminação* (Cássia). E a discriminação era sempre citada no sentido de existir um grupo maior de pessoas que não concorda com as práticas de um grupo minoritário, sendo que este grupo se restringiria a um determinado local, que constituiria o gueto: *Na minha opinião o gueto é muito onde*

---

<sup>15</sup> É importante esclarecer que às vezes a definição de um entrevistado se encaixa em mais de uma categoria apresentada e, portanto, aparecem mais de uma vez ao longo do texto, como é o caso do Rafael.

*você se restringe a um certo grupo de pessoas para escapar de um ambiente onde você não é favorecido, então você vai lá porque você sabe que lá você vai poder ser do jeito que você é* (André).

Outros entrevistados remetem gueto a lugares com precárias condições sócio-econômicas. Lúcio ao ser perguntado o que considera um gueto declara *periferia*, enquanto que Marcela demonstra certo espanto quando o conceito de gueto é abordado durante a entrevista porque *gueto, pra mim, seria uma favela, onde teriam os pretos* [sic], deixando claro, nesse momento, o seu conceito.

Dois entrevistados consideram guetos como lugares que rotulam as pessoas. Ou seja, são aqueles lugares que só por saber que alguém o frequenta, já se pode atribuir necessariamente alguma característica a essa pessoa: *Por exemplo, você conhece um amigo, seu amigo, ele vai na boate Galeria, então você já sabe que ele é gay* [sic], declara Fábio.

Dos 26 entrevistados, somente uma única entrevistada – Cristiane - definiu gueto positivamente. Sua definição é bastante interessante porque vai de encontro ao que a maioria dos entrevistados declarou sobre o gueto. Para ela, gueto e diversidade estão intimamente ligados, tanto é que a sua resposta sobre se ela consideraria lugares gays de Brasília como guetos foi: *Eu acho que são. Os que a galera não paga para entrar, eu acho que são mais* (próximos de guetos), *acho que a gente pode considerar mais. Porque daí sim da gente de todo tipo, de toda raça, classe social (...)* [sic].

Sua resposta especificamente sobre o que é um gueto parece ambígua, uma vez que ela ressalta tanto a diversidade quanto a certeza de encontrar um determinado tipo de pessoas:

*Um gueto para mim é um point de cultura que as pessoas acessam independente da classe social, da raça, com uma miscigenação total, acho que é isso. É um point, não só um point assim, mas é um lugar que as pessoas acessam de, por exemplo aqui funciona quinta, sexta, sábado e domingo eu acho, quinta, sexta e domingo que eu tenho certeza, é um lugar que a galera sabe que quinta vai encontrar um determinado tipo de pessoa* [sic].

Uma possível análise para essa resposta é que a miscigenação seja encontrada dentro de um mesmo grupo, ou seja, são pessoas diferentes, mas todas ou quase todas, homossexuais. Partimos dessa possibilidade, pois uma resposta comum dada ao longo das entrevistas, principalmente no Barulho, quando perguntado se existia um grupo específico de pessoas que frequenta aquele bar, foi “não, é um público bem diversificado”. Mas o que

foi percebido é que essa resposta era dada porque já estava subtendido que o Barulho era um bar gay, então o público era diversificado, diferentemente do Café Savana onde só freqüentariam as *bichas pra ver* ou *bichas que se acham*, podendo até ser que o diversificado seja um eufemismo para as classes menos favorecidas, conforme já mencionado anteriormente.

Tânia, em seu conceito sobre gueto destacou tanto o lado positivo quanto o lado negativo. O lado positivo seria o do gueto como um local de referência, um local que te dê segurança ao passo que o sentido negativo do gueto seria aquele segregador e impositivo:

*Mas, por outro lado, tem esse grande problema que é essa coisa de isolamento, de você ter que estar segregado, das coisas serem muito caras, acaba sendo uma fonte de lucro, né. Então, assim, você tem que pagar para se divertir pelo simples fato de você não poder tá em outro lugar. Tem que tá ali, né. Então, eu acho que essa obrigação de você ter que tá ali, porque você tem um outro tipo de desejo, de relação, de afetividade, sei lá, bom, eu acho isso complicado [sic].*

Para Tânia, é muito limitador freqüentar o gueto pelo fato dele ser o único lugar onde você tem a possibilidade de encontrar abertamente pessoas com a mesma orientação que a sua, sem, entretanto, se identificar com o próprio local em si, ou seja, com a música, com a comida: com o ambiente em geral. Entretanto, mas adiante na entrevista, quando perguntada sobre quais lugares em Brasília costuma freqüentar ela responde que gosta muito de ir a festas em casas de amigos e acrescenta: *De repente até é uma certa forma de gueto. A gente se guetifica, mas aí a gente se guetifica de uma forma que a gente estabelece, com pessoas que a gente escolhe por afinidade. Então assim, não deixa de ser os nossos guetos [sic].* Assim, o que a tanto incomoda nos guetos existentes, nos guetos gays, é justamente não ter a possibilidade de escolher os locais para serem freqüentados de acordo com as suas afinidades, freqüentar justamente por ser um ambiente gay diferentemente das casas das pessoas, onde o conceito de gueto ainda pode ser utilizado, mas com a grande diferença de ser uma escolha individual, são *guetos muito bem selecionados* como ela mesma pontua.

Outro ponto interessante que foi evidenciado em duas entrevistas é a “normalidade” com que lugares freqüentados por um grupo específico de pessoas, não necessariamente gueto<sup>16</sup>, surgem. Nas palavras de José *então, eu vejo como grupos, cada grupo tem o seu*

---

<sup>16</sup> Em uma das entrevistas, a entrevistada considera lugares freqüentados por um grupo específico de pessoas como guetos, sendo essa exatamente a sua definição de gueto (Maria Paula), enquanto que para José, existe

*espaço, eu não chamo de gueto. Porque gueto, para mim, tem essa conotação pejorativa, de um lugar onde a pessoa é segregada, onde a pessoa é escondida, onde a pessoa não pode sair. E eu acho só que é uma acomodação social, cada um com o seu espaço, normal (...) cada um acaba se acomodando num determinado terreno. Maria Paula declara Existe uma tendência para andar em guetos. As pessoas se identificam com um certo....que tem uma certa característica que entre elas se identificam e andam juntas por isso [sic].*

As duas últimas entrevistas citadas assemelham-se ao conceito de gueto de Wirth que acentua a naturalidade com que esses espaços se formam na cidade. Nenhuma se assemelha de fato ao conceito de Wacquant – devido, principalmente, a elaboração e complexidade de seu conceito -, entretanto, verificamos que alguns dos entrevistados têm uma noção negativa da palavra o que necessariamente os impedem de equacioná-las aos locais que freqüentam – ponto que será evidenciado mais adiante -, outros relacionaram gueto com alguma característica que se aproxima de um dos elementos constitutivos pontuados por Wacquant – o estigma, seja por intermédio de falas que remetem à esconderijos, discriminação, locais que rotulam, etc. Os demais acabam por relacionar gueto com algum grupo homogêneo, seja ele qual for.

De fato, o conceito de gueto está intimamente ligado ao uso de um determinado espaço urbano por um determinado grupo. Entretanto, não é o único conceito a estabelecer tal conexão.

#### **4.4. Gentrificação**

A gentrificação, na sua origem, quer dizer, de maneira geral, a retomada de espaços físicos degradados dos centros das cidades por classes média-altas para uso normalmente residencial, fazendo com que as classes populares que ali moram se desloquem para outros lugares. Reflete, portanto, um fenômeno de deslocamento/expulsão de um grupo pré-existente por outro economicamente distinto, redefinindo o espaço social da área.

O termo gentrificação deriva do termo inglês *gentry* que “era originariamente um estamento da classe social na Inglaterra dos séculos XVI e XVII imediatamente abaixo da nobreza e estava formada por proprietários rurais, endinheirados e com alto nível de formação intelectual” (Martinez i Rigol *apud* Lemos, 2005, p. 123). Este termo foi usado

---

também essa espontaneidade das pessoas andarem em grupos, mas isso para ele não é uma característica definidora de gueto.

pela primeira vez em 1964, pela socióloga Ruth Glass, para designar “a invasão dos bairros operários da cidade (Londres, no caso) por parte de membros da classe média” (Martinez i Rigol *apud* Lemos, 2005, p. 123). Desde então, muitos autores voltaram-se para observar se este processo ocorria em outras cidades e se dedicaram ao tema, especialmente os norte-americanos e europeus (Smith, 2006; Crieking, 2006; Claver, 2006).

Existem três visões sobre o processo de gentrificação e suas causas, sendo duas centrais e uma terceira que é uma tentativa de integrar as duas primeiras: a estruturalista, que coloca o peso de seu processo no lado da oferta e do outro lado estaria o enfoque liberal-humanista com a predominância da demanda e do papel dos agentes individuais. Já o enfoque integrador leva em consideração tanto a importância das escolhas individuais como da conjuntura social.

O enfoque liberal-humanista ou cultural parte de uma análise das mudanças ocorridas nas cidades, principalmente naquelas chamadas de cidades globais, em termos de estrutura sócio-econômica e empregos. Com essas mudanças surgiria uma nova classe social, a *service class*, que com a base econômica assegurada dava mais importância à estética e ao individualismo” (Martinez i Rigol, 2005, p. 104). Essa *service class* é chamada por outros autores como *yuppies* (Authier, 2006), ou seja, uma nova classe média abastada, jovem e com grande interesse na vida urbana. “A respeito das explicações fundamentadas em bases econômicas, David Ley destacava como argumento mais importante a existência de uma nova economia metropolitana de caráter pós industrial, orientada ao segmento de serviços mais avançados, convergindo para uma estrutura de mercado de trabalho dominada pelos *white collar*” (Martinez i Rigol, 2004, p. 104).

Para essa visão os gentrificadores seriam exatamente essa classe social mais abastada que procuraria residências com características que dificilmente iriam ser encontradas nas áreas suburbanas. E é exatamente nesta visão cultural que os homossexuais teriam um importante papel como gentrificadores, pois, “segundo David Ley, não era de se estranhar que nas primeiras fases do processo de gentrificação tenham sido justamente aqueles grupos sociais associados a estilos de vidas contraculturais que desempenharam o papel mais relevante, como no caso dos artistas de Nova York (Jackson, p., 1985), da comunidade gay em São Francisco ou dos ativistas políticos e associativos em Vancouver (Jackson, B., 1984)” (Martinez i Rigol, 2005, p. 104).

O enfoque estruturalista ou comercial, entretanto, tira a ênfase das escolhas individuais de grupos de pessoas, colocando um maior peso no componente econômico. Neil Smith, um dos autores mais citados dessa corrente, vai descrever como causa da gentrificação o *rent gap*. Ou seja, a gentrificação ocorre pela “capacidade de obtenção de lucro no processo de reabilitação por parte dos agentes que formavam a oferta no mercado imobiliário residencial” (Martinez i Rigol, 2005. p. 105). O *rent gap*, de maneira resumida, seria uma lacuna entre o valor real do imóvel e o valor potencial de venda ou aluguel desse imóvel depois de sua reabilitação. E quanto maior esse *rent gap*, maior a possibilidade de lucro e maior a possibilidade de que numa área comece a ocorrer o processo de gentrificação:

Quando esse *rent gap* é suficiente, se inicia o processo de *gentrification*. Mas este não é iniciado por um grupo de atores individuais motivados pelas mudanças nas preferências residenciais, mas segundo Neil Smith, pelo Estado a partir de processos de renovação, instituições financeiras e promotores profissionais que constituiriam os principais atores envolvidos (Martinez i Rigol, 2005. p. 108).

Mais recentemente tem ocorrido uma integração dessas duas visões. Ou seja, não se nega que a criação do lucro seja um importante fator para a gentrificação, mas também não se esquece de que as escolhas dos atores individuais, principalmente, a existência de uma nova classe rica que se comporta muito diferente das antigas aristocracias e burguesias, têm outros tipos de aspirações, aspirações mais urbanas.

A partir deste enfoque integrador, Neil Smith (2006), em seu artigo sobre Nova York, distingue três ondas de gentrificação.

A primeira seria a gentrificação esporádica que trata principalmente da chegada de artistas e intelectuais a bairros populares. Normalmente esses gentrificadores estariam ligados a um certo tipo de contracultura e de contestação dos valores atuais. “Esses novos moradores reabilitariam progressivamente um certo número de edifícios, e freqüentemente mudaram sua função anterior, transformando-os em habitações” (Bidou- Zachariasen, 2006, p. 33). Nesta primeira fase não haveria o deslocamento das classes populares para outros lugares.

A segunda onda seria o enraizamento deste processo. É nesta segunda fase que o *rent gap* seria o fator preponderante. Neil Smith explica este segundo momento por meio da conjuntura de Nova York que fez com que houvesse declínios nos investimentos



públicos e privados no centro da cidade. E nesta conjuntura, o *rent gap* passa a ser uma forma viável e garantida de lucro. Nesta fase, já começa a ocorrer o deslocamento massivo das classes populares.

Já a terceira onda seria a da gentrificação generalizada. Nesta fase, essa nova classe social de serviços ou *yuppies* “descobririam” as boas oportunidades de se morar num centro reabilitado e teriam a renda suficiente para pagar por esse desejo. Nesta fase, o deslocamento seria tão grande que até os gentrificadores pioneiros se veriam obrigados a se deslocarem em razão da constante alta dos preços. “Segundo Neil Smith, a gentrificação não aparece mais como uma simples anomalia local, mas como uma estratégia urbana articulada e global. Mais que edifícios reformados, ela agora oferece um tipo de espaço urbano que integra ao mesmo tempo trabalho, residência e lazer” (Bidou-Zachariassen, 2006, p.34).

É interessante notar que juntamente com essas três ondas de gentrificação poderíamos falar de três tipos diferentes de gentrificadores. Na primeira, os gentrificadores esporádicos seriam os artistas, intelectuais, estudantes, os homossexuais, àqueles ligados a um certo tipo de contracultura. Os gentrificadores da segunda seriam os agentes imobiliários e até mesmo o Estado que perceberiam neste retorno ao centro, uma possibilidade real de lucro e fariam da espontaneidade dos primeiros gentrificadores um negócio. Já na terceira onda, os gentrificadores seriam essa nova classe urbana, abastada e jovem, que ao invés de se acomodarem com uma cidade estruturada em setores (setores residências, setores de trabalho e setores de lazer) preferem morar em um local que concentre tudo isso, entretanto, com boa qualidade de vida.

Uma consideração que deve ser feita sobre os estudos de gentrificação é que seus conceitos e suas origens vão variar muito dependendo também da cidade que for analisada. Por exemplo, nas cidades norte-americanas os indivíduos têm mostrado um papel mais ativo, enquanto que nas cidades européias e latino-americanas a intervenção do setor público tem sido constante. Alguns estudos remetem à gentrificação de moradias enquanto outros também consideram a gentrificação cultural<sup>17</sup> (Yázigi, 2005, p.85). Nesta lógica da imprecisão do termo, Neil Smith, pontua que:

---

<sup>17</sup> O estudo de Yázigi (2004) cita dois tipos de gentrificação: a de moradias e a cultural, sem entretanto, detalhadas. De qualquer forma, pode-se inferir que a gentrificação cultural é aquela que não abrange funções habitacionais da cidade. O exemplo mais próximo desse tipo de gentrificação em Brasília é o CONIC.

the language of gentrification proved irresistible. For those broadly opposed to the process and its deleterious effect on poor residents in affected area, or even those who were simply suspicious, this new Word, gentrification, captured precisely the class dimensions of the transformations that were under way in the social geography of many central and inner cities. Many of those who were more sympathetic to the process resorted to more anodyne terminology – ‘neighborhood recycling’, ‘upgrading’, ‘renaissance’, and the like – as a means to blunt the class and also racial connotations of ‘gentrification’, but many were also attracted by the seeming optimism of ‘gentrification’, the sense of modernization, renewal, and urban cleansing by the white middle classes. The postwar period, after all, had intensified the rhetoric of disinvestment, dilapidation, decay, blight and ‘social pathology’ applied to central cities throughout the advanced capitalist world. If this ‘discourse of decline’ (Beauregard 1993) was most acute in the US, as perhaps befitted the experience of decline and ghettoization, it nevertheless had a broad applicability and invocation (Smith, 2005, p. 32).

O fato que deve ser levado em consideração – e já anunciado na citação acima - é que a gentrificação muda a função social das áreas onde ocorre e o que é realmente interessante analisar é o discurso utilizado pelos governos, especialmente nas cidades européias e latino-americanas, quando reivindicam a gentrificação ou revitalização de certas áreas e o que eles realmente querem com este processo.

É exatamente este tipo de análise que Smith (2006) faz ao analisar o processo de gentrificação na cidade de Nova York. Smith passa a abordar a gentrificação como uma política urbana global e não mais como um fenômeno esporádico: “(...) em diferentes graus e por volta dos anos noventa, a gentrificação evoluiu em muitos casos no sentido de uma estratégia urbana crucial para as municipalidades, em comum acordo com o setor privado” (Smith, 2006, p. 75).

O ponto interessante do artigo de Smith é o que ele chama de novo eufemismo. Neste sentido, todo o discurso utilizado pela gentrificação ou mesmo pela regeneração urbana quer dizer uma coisa: tornar os centros das cidades lugares mais agradáveis para serem freqüentados, promover um equilíbrio sociológico, uma diversidade social, ou seja, democratizar os centros. Entretanto, várias perguntas podem e devem ser feitas: os centros devem ser freqüentados por quem? O que significa essa dita diversidade social? Smith nos dá uma visão clara do que a gentrificação realmente aponta:

O equilíbrio sociológico parece uma coisa boa - quem poderia ser contra? – até que se examinem quais são os bairros escolhidos para a ‘regeneração’, e se torne claro que o projeto implica em uma acentuada colonização desses locais pelas classes médias e altas. Para os políticos, urbanistas e economistas, o equilíbrio sociológico de Brixton, em Londres, significa fazer regressar ao bairro as classes médias brancas. Os arautos do equilíbrio sociológico raramente são a favor de um reequilíbrio dos bairros brancos pela chegada de africanos, caribenhos ou asiáticos.

Não é a população em geral que deve ser ‘reconduzida ao centro’ – certamente não se trata de mineiros gauleses, de operários agrícolas da Bavária ou de pescadores da Bretanha – este chamado de retorno às áreas centrais é sempre um chamado ‘interessado’ para que as classes médias e médias altas brancas recuperem o controle das políticas urbanas e culturais, assim como do espaço das grandes cidades. A análise do silêncio sintomático daqueles que são convidados a voltar revela os interesses de classe que estão implicados (Smith, 2006, pp.82 e 83).

Além do viés de classe especificado no trecho acima, o que se pode notar é que um dos objetivos da vinda da classe média ou alta para os centros urbanos se faz com o objetivo de “livrar” esses lugares de algum tipo de estigma que até então continham. E nada melhor para livrar um lugar de certo estigma do que tirar as pessoas estigmatizadas que ali viviam até então. E é exatamente isso que a gentrificação faz, nas palavras de Smith: “mas as novas políticas de ‘desestigmatização’ aplicadas aos mesmos bairros – substituindo os contornos vermelhos por contornos verdes de indução aos empréstimos imobiliários – estavam também motivados pela tomada de consciência de que o mercado imobiliário nos bairros centrais - onde existia uma forte renda diferencial – representava agora uma mina de ouro para os investidores” (Smith, 2006, pp.67 e 68).

Na verdade, são vários os autores que em algum momento de seu texto citam a questão da estigmatização, ou melhor, da desestigmatização dos bairros centrais. (Criekingen, 2006; Claver, 2006; Melé, 2006; Hiernaux-Nicolas, 2006; D’Arc, 2006, Lemos, 2005). Ou seja, a gentrificação seria uma desestigmatização, higienização das áreas centrais das cidades, uma tentativa de mudar a imagem dos centros: “De resto, essa operação terá e já tem, um papel essencial em relação ao projeto de gentrificação: o de ‘limpar’ um bairro difícil e evitar a presença de um bolsão de pobreza entre o centro e a avenida da Reforma” (Hiernaux-Nicolas, 2006, p.255).

#### **4.5. Gentrificação, guetos e estigmas**

Levando em consideração a relação que gueto e gentrificação têm com o estigma, os conceitos estão situados em dois extremos opostos. Enquanto que no gueto a presença do estigma é fundante, a gentrificação ocorre para desestigmatizar uma área. Na verdade, alguns estudos apontam exatamente essa distinção: “A política atual de renovação da *Ciutat Vella* se inscreve nessas políticas de regeneração das *inner cities*. E se o governo local proclama que seu projeto foi feito para impedir a formação de guetos, e evita o termo

gentrificação, ele se cala sobre o fato de que o mesmo projeto pode suscitar um aprofundamento de diferenças sociais e favorecer a expulsão da população residente” (Claver, 2006, p.153).

Seria a gentrificação um instrumento para acabar com os guetos dos centros das cidades? Para se responder a essa pergunta, necessitaríamos antes de entender qual o conceito de gueto utilizado pelos autores que tratam da gentrificação. Entretanto, o que se nota é que o termo gueto não é muito utilizado por esses autores, e quando o é, não se tem a preocupação em qualificá-lo, chegando a algumas vezes repetir noções estereotipadas muito utilizadas pelo senso comum e que apareceram em nossas entrevistas, como é o caso de Lemos:

Essa situação de exclusão social determina espaços de segregação territorial nas cidades. Essa população que foi abandonada economicamente e também fora deixado de lado pelas políticas sociais do Estado, mora nas periferias urbanas e nos centros das cidades onde formam guetos que procuram viver como em sociedades com pouca diferenciação funcional e escasso nível de interdependência. Nesses territórios têm presença o escambo, a delinquência, a economia do ambulante (...), a circulação de drogas, onde rege a lei do mais forte, os grupos organizados de ataques com violência física, de vingança etc (Lemos, 2005, p.127).

Esse trecho reproduzido mostra como a caracterização do gueto para Lemos vai de encontro tanto à definição de Wacquant quanto de Wirth, que trabalham com a noção de guetos como micro sociedades dentro de uma sociedade maior, formada por fortes laços de solidariedade, a exemplo dos cinturões negros norte-americanos dos anos 60 ou dos guetos judeus das cidades norte-americanas na década de 20. Neste caso, Lemos faz exatamente aquilo que Wacquant adverte para não ser feito, isto é, tratar o gueto como um simples espaço de “desorganização social”:

a terceira advertência enfatiza, contra a premissa central da pesquisa norte-americana sobre a pobreza, que o gueto não sofre de ‘desorganização social’ – outro conceito moralizante que deveria ser banido das ciências sociais. É, em vez disso, *diferentemente organizado*, em resposta à impiedosa pressão da necessidade econômica, da insegurança social, da hostilidade racial e da estigmatização política. O gueto abrange um tipo particular de ordem social baseado na marca racial e na dualização do espaço (...) (Wacquant, 2001, p.54).

Deve-se tomar muito cuidado, pois uma análise rápida e superficial do que Wacquant (2001) chama de hipergueto pode levar a conclusão de que guetos são espaços destituídos de qualquer tipo de organização social, não se diferenciando da análise feita por

Lemos (2005). Wacquant caracteriza o hipergueto dos anos 90 em relação ao que ele chama de gueto comunal dos anos 60.

O gueto comunal seria aquele local densamente povoado por famílias negras, na sua maioria empregadas, onde a vida era bastante intensa, com forte uso social dos locais públicos. É neste sentido, que pode ser entendida a noção de *soul* “produzida internamente para consumo no grupo, serviu como símbolo de solidariedade e emblema de orgulho pessoal e grupal” (Wacquant, 2001, p. 52).

O hipergueto, entretanto, é caracterizado pela ausência deste espírito de solidariedade entre os habitantes do gueto. Sendo que as características externas do hipergueto são algumas das expostas por Lemos (2005) como a delinqüência, a circulação de drogas, a economia informal, etc. Wacquant (2001) é bastante minucioso ao detalhar as características do hipergueto norte-americano, nos deteremos aqui, contudo, para fins elucidativos, na oposição que ele faz entre gueto comunal ou tradicional e hipergueto:

Opressivo como era, o gueto tradicional estabelecia ‘um meio para os negros norte-americanos em que estes [podiam] imbuir suas vidas de significado’ que propiciava pertinência e orgulho. Em contraste, o gueto de hoje é um local desprezado e estigmatizante do qual quase todo mundo está tentando desesperadamente escapar, ‘um lugar de esperanças sustadas e aspirações frustradas, uma cidade em cujos limites o alcance da ambição realista é sobreviver (Monroe e Goldman *apud* Wacquant, 2001, p. 64).

Wacquant (2001) tem a preocupação de esclarecer as causas da hiperguetização dos guetos negros norte-americanos. Em seu livro *Os condenados da Cidade* ele cita quatro: a) desinvestimento empresarial, crescimento polarizado e segmentação racial no mercado de trabalho de baixos salários; b) segregação racial e a concentração da pobreza negra via políticas de habitação; c) a redução do Estado de Bem-Estar norte-americano e d) o “encolhimento planejado” do Estado em relação ao gueto. Focalizaremos na última causa da hiperguetização, pois esta está, a nosso ver, intimamente ligada aos processos de gentrificação, mesmo sem Wacquant sequer citar essa palavra.

O “encolhimento planejado” para Wacquant significa a quase ausência do Estado e de suas instituições no gueto negro norte-americano. O autor cita a diminuição drástica dos recursos federais para os centros da cidade – onde está localizado o gueto negro:

Em âmbito local, uma coalizão de empresas, bancos e interesses comerciais usou a crise fiscal das cidades para forçar o desmantelamento dos programas sociais que sustentavam os moradores do gueto e seus vizinhos. A ela se juntaram planejadores

urbanos que viam na redução dos serviços municipais um meio eficiente de obrigar os pobres a sair das áreas designadas para revitalização (Wacquant, 2001, p.82).

Crise fiscal, planejadores urbanos, áreas designadas para a revitalização, tudo isso remete de maneira direta ao fenômeno da gentrificação. Podemos classificar então a transformação dos guetos em hiperguetos como uma fase necessária para que o processo de gentrificação ocorra nos centros das cidades, isto é, uma forma de “obrigar voluntariamente” a saída dos pobres e estigmatizados das regiões centrais. Então,

(...), em Chicago, desde meados dos anos de 1960, a localização de instalações públicas e investimentos de infra-estrutura, assim como as decisões sobre liberação de terras e deduções de impostos, têm servido cada vez mais para atrair e reforçar o capital privado e para desenvolver um novo Centro da cidade, dedicado aos serviços financeiros e administrativos, e à classe média. Essa mudança na orientação dos recursos fez com que apenas gotas de investimentos público fluíssem para os bairros de gueto do West Side e do South Side, abandonando-os à estase e à decrepitude (Squires et al, *apud* Wacquant, 2001, p.82).

Esses trechos nos mostram que a literatura de gueto e de gentrificação se cortam e se mencionam nas entrelinhas. A literatura de gentrificação aborda o conceito de gueto, em geral, como o senso comum, sem a devida preocupação em conceituá-lo como instrumento de análise, utilizando-o somente como categoria descritiva e muitas vezes caindo “no grave erro das teorias sobre a favela urbana [que] tem sido transformar condições sociológicas em traços psicológicos” (Portes, *apud*, Wacquant, 2001, p. 85).

Por outro lado, Wacquant descreve a gentrificação mais de uma vez em seus textos, sem entretanto, nomeá-la enquanto tal e chega a colocar o hipergueto como um campo de batalhas entre diversos grupos, sendo um destes grupos “os predadores institucionais externos (especialmente corretores de imóveis), para quem a conversão das seções das margens do Cinturão Negro para o uso da classe média pode render lucros fenomenais<sup>18</sup>” (Wacquant, 2001, p.174).

Considerando o estigma podemos afirmar, de maneira resumida, que ao abordarem os locais a serem gentrificados, os autores, têm a idéia de que são bairros estigmatizados, sejam por serem guetos, bairros de imigrantes, bolsões de pobreza, etc.

---

<sup>18</sup> Fazendo um exercício sociológico, se imaginássemos Wacquant como um teórico da gentrificação ele estaria ligado à corrente estruturalista onde a principal causa da gentrificação seria o *rent gap* e a conjuntura da gentrificação seria a crise fiscal das cidades, tal qual Neil Smith (2006).

Apesar de gueto e gentrificação tratarem, em última instância, **da apropriação de espaços físicos urbanos por determinados grupos sociais**, esses dois conceitos estão em lados diametralmente opostos. Enquanto o gueto é uma área estigmatizada, a gentrificação ocorre para desestigmatizar certas áreas urbanas.

#### 4.6. Segregação Sexual

Os homossexuais, enquanto grupo, aparecem nas duas discussões. Os homossexuais são citados literalmente na literatura sobre gentrificação principalmente quando se fala dos gentrificadores esporádicos ou pioneiros, aqueles ligados a formas de contracultura, etc. Sem contar que, apesar de haver inúmeras divergências sobre quem são os gentrificadores e a pesquisa empírica não comprovar a sua homogeneidade (Authier, 2006; Martinez i Rigol, 2005), a descrição teórica de quem seriam esses gentrificadores se assemelha bastante ao imaginário do que é um homossexual<sup>19</sup> no século XXI:

O protótipo ideal de ‘gentrificador’ seria aquele membro de uma família, sem filhos, profissional de setor terciário ou quaternário, em situação econômica privilegiada. Presumivelmente, sua decisão de querer viver no centro da cidade está relacionada à sua vontade de estar próximo de seu lugar de trabalho, e dessa forma, estabelecer um estilo de vida urbano (Martinez i Rigol, 2005, p. 114).

Por outro lado, é recorrente encontrarmos na literatura estudos que remetem à relação entre sexualidade e territorialidade e ao gueto gay (Aldrich, 2006; Sibalis, 2006; Lim, 2006; Collins, 2006; Bell & Binnie, 2006; Knopp, 1988). É interessante notar, ainda, que diferentemente da literatura “clássica” que não faz uma relação direta entre gueto e gentrificação, alguns dos estudos que se destinam a analisar os espaços homossexuais nas cidades abordam diretamente gentrificação e gueto, apontando que a partir da gentrificação se formaram os guetos gays (Sibalis, 2006; Knopp, 1998).

De acordo com Robert Aldrich (2006), que em seu artigo *Homosexuality and the City: An Historical Overview* faz um mapeamento dos estudos sobre homossexualidade no espaço urbano, – independentemente da área de estudo – as análises sobre guetos gays ocorrem desde meados dos anos 70:

Urban geographers and sociologists have investigated ‘gay space’, from anecdotal older accounts of the ‘tea-room trade’ (men seeking sex in public toilets) (Humphreys, 1970) to sophisticated theoretical formulations of demographic patterns, social network and commercialization of sex and sexuality linked

---

<sup>19</sup> Lógico que esse imaginário homossexual do século XXI é também uma idéia generalizante e essencializadora que provavelmente não condiz com a diversidade de pessoas que se autodenominam homossexuais.

entertainment and leisure. In the 1970s, the concept of 'ghetto' was extended to homosexuals in cities. Martin Levine commented on aggregations of homosexual residents and venues in particular districts, considering how such 'ghettos' might be defined and measure (Levine, 1979) (Aldrich, 2006, p.91).

Diferentemente da análise que tínhamos feito até então – a de que a gentrificação ocorre para tirar o estigma de um determinado local enquanto o gueto é fundado pela forte presença do estigma entre os seus habitantes – alguns trabalhos sobre o gueto aqui analisados estabelecem outra relação: a do gueto gay quase que como uma consequência da gentrificação, ou seja, nesse sentido os gays não podem ser vistos somente como figuras estigmatizadas.

Michael Sibalis (2006) em sua análise da formação do gueto gay de Paris, localizado no bairro de *Marais*, pontua claramente que o gueto gay foi formado depois de um dos processos de gentrificação que ocorreu no bairro. Em suas palavras, “gentrification and the proliferation of gay venues constitute only the most recent phase in this neighbourhood’s very long history” (Sibalis, 2006, pp.110 e 111). Da mesma forma, Lawrence Knopp (1988), aponta o surgimento do bairro gay de New Orleans, como consequência da gentrificação, ou como dois processos que surgiram concomitantemente: “building on a foundation laid by sexual refugees and advocates of historic preservation in the 1960s and early 1970s (many of whom were also middle-class white gay men), shrewd gay developers and speculators began investing in the neighborhoods’s gentrifications” (Knopp, 1998, p. 157).

Entretanto, é importante aqui verificar que tipo de espaços são esses chamados pelos autores de guetos gays, especialmente os que surgiram em consequência ou concomitantemente à gentrificação. São espaços destinados, principalmente, ao consumo, freqüentados principalmente por homens gays, brancos de classe média-alta e com um alto poder de compra. Em outras palavras, apesar de não terem a sexualidade hegemônica, as suas demais características o são. O que nos leva a perguntar: de que guetos eles estão falando?

Na verdade, o conceito de gueto não é abordado de uma maneira analítica, sendo utilizado como se fosse um conceito óbvio e cujo conhecimento fosse tido por todos de uma mesma maneira (a constante crítica de Wacquant ao uso indiscriminado do termo).



Entretanto, ao longo do texto de Sibalis (2006) sobre *Marais* ele mesmo pontua o questionamento, principalmente, de homossexuais<sup>20</sup> sobre esse espaço constituído ao qual ele chama de gueto. Citando Martel, ele pontua essas críticas dentro do movimento homossexual francês:

Radical gay militants of the 1970s had little in common with their homophile elders (que também criticam o gueto, só que por outros motivos), but they too denounced gay ghettos – both the ‘comercial ghetto’, meaning the bars at Saint-Germain-des-Prés or on the Rue Sainte-Anne, and the ‘wild ghetto’ constituted by the parks, gardens and public urinals where homosexuals men hunted for sexual adventure (Sibalis, 2006, p. 119).

Na citação anterior, aparecem dois conceitos de guetos. O que ele chama de gueto comercial, que seria o bairro de *Marais*, e o gueto selvagem, que seriam os locais apropriados pelos homossexuais para usos sexuais, como parques, banheiros etc. As críticas variam tanto sobre o separatismo que um gueto poderia causar, considerando que o necessário era uma maior integração com a sociedade em geral e não o contrário, enquanto outras se voltam para a artificialidade deste gueto comercial, que reproduz os padrões da classe média e exclui desses espaços, ainda mais, outras sexualidades – como as lésbicas, os travestis, transexuais – que acabam se tornando mais marginalizados:

The most acerbic comments have come from militant lesbians and from minorities within the gay community. In the course of a recent debate, the lesbian sociologist Marie-Hélène Bourcier maintained that middle-class gays seek to mimic heterosexual organization of society (for example, by demanding the right to adopt children) and that this middle class is ‘rather well symbolized by the Marais’. For her, ‘visibility in the Marais...serves a single type of identity, masculine, bourgeois and white’. Fouad Zéraoui, a French Arab, added: ‘the Marais symbolizes a culture that is young, white, muscle, virile to the point of fascist...For me, the Marais, ... prevents our community from raising the real questions concerning the subservise and essential role of homosexuality in society (Sibalis, 2006, p.124).

Apesar de Sibalis relativizar essas críticas e esboçar que o gueto gay de *Marais* também mostra possibilidades de abarcar essas outras populações, outros autores (Bell & Binnie, 2006; Lim, 2006) que buscam entender o porquê do surgimento desses espaços nas cidades recentemente, estabelecem uma crítica a esse processo, relacionando-o com as cidades-globais e com as economias de mercado.

A idéia central desses autores é que esses espaços gays nas cidades – chamados de guetos ou não – se tornaram um atrativo para as cidades que querem se tornar ou já são

---

<sup>20</sup> As críticas dos heterossexuais ao barro gay de Paris se relacionam mais ao comportamento dos próprios homossexuais, o que pode revelar uma certa dose de preconceito, do que em relação à exclusividade do gueto a um certo tipo de “homossexual”.

ciudades-globais, para demonstrarem seu cosmopolitismo, transformando a homossexualidade, ou melhor, um certo tipo de homossexualidade como um produto. “As we shall see later, sexual ‘others’ are among groups seen in this formulation as making cities as ‘desirable’ – a paradoxal rebranding for groups more used to being labeled as ‘undesirables’” (Bell & Binnie, 2006, p.179).

O ponto a ser ressaltado é o porquê de, subitamente, a homossexualidade ou, pelo menos parte dela, passou a ser vista como um atrativo para as cidades. Kean Lim, no caso de Cingapura, pontua a importância da *pink economy* – a economia impulsionada pelo consumo gay:

With cities growing more entrepreneurial (Hall and Hubbard, 1998), the ‘cultural economy’ is now perceived to be very strategic in enhancing a place’s unique strengths (see Sayer, 1999; Clarke and Doel, 2000; du Gay and Pryke, 2002). Queer spaces and events now forms *cultural capital* for urban economic development and place-imaging (Rushbrook, 2002) (Lim, 2006, p. 147).

Ou seja, os espaços homossexuais nas cidades ganham a sua legitimidade por intermédio do mercado, eles são um produto a ser vendido e servem como sinônimo de uma cidade-global-cosmopolita.

As Dereka Rushbrook (2002) argues, a variety of urban transformation are currently reshaping ‘gay space’. These include commercialization, gentrification, entrepreneurial governance and the growth of cosmopolitan tourism. In each of these process, gay-friendliness has come to be used as a form of cultural capital deployed by powerful groups and by cities themselves as they jockey for position on the global urban hierarchy. Gays are now seen as strange attractors of global venture capital (Bell & Binnie, 2006, p.187).

São espaços homossexuais, porém, são, ao mesmo tempo, espaços assexuados, no sentido de ser uma homossexualidade que não agride ao restante da sociedade. Portanto, conforme já dito anteriormente, não é qualquer tipo de homossexualidade que faz com que esses espaços surjam. Nesse ponto, entra em cena a questão da visibilidade X invisibilidade. Como exemplo desse jogo ou disputa podemos retomar o bairro de *Marais* em Paris. “The Marais showcases a socially ‘acceptable’ homosexuality in contrast to ‘an underground and disparaged homosexuality [in bathhouses, sex clubs and outdoor cruising-grounds] whose diffuse expression occupies the dark corners of the city” (Redoutey *apud* Sibalis, 2006, p. 119).

Em outras palavras, todos aqueles que não se encaixam nesse modelo de homossexualidade – masculina, branca de classe média-alta – são expulsos desses mesmos

espaços. É o que David Bell e Jon Binnie (2006) chamam de nova homonormatividade, que significa produzir “a global repertoire of themed gay villages, as cities throughout the world weave commodified gay space into their promotional campaigns” (Bell & Binnie, 2006, p. 178). Sendo que essa homonormatividade, vale ressaltar, tira do movimento gay todo o seu potencial subversivo, fazendo com que seja uma política baseada, principalmente, no consumo e na domesticação.

Abaixo, seguem alguns exemplos citados pelos autores sobre essa exclusão de sexualidades com o advento das *gays villages*:

A similar story is recounted by Gayle Rubin (1998) in her discussion of the disappearance of spaces of leathersex in South of Market district, which has not only erased the established spaces of the leather community, but also planned out the ‘edges zones’ of the neighborhood that have been of central significance to the evolution of local sexual subcultures (Bell & Binnie, 2006, p. 181).

In this context, Phelan (2001) points towards the recloseting of the butch lesbian, arguing that certain queer identities have become almost pathologised within lesbian and gay culture – and likewise the spaces where those identities are performed (Bell & Binnie, 2006, p. 181).

As Gammon’s work on talkshows illustrates, the availability of forms of public space is contingent, meaning that aspects of queer culture are rendered invisible and are denied access to the same public space being claimed as a right by newly empowered sexual citizens (Bell & Binnie, 2006, p. 181).

Knopp (1998) em seu artigo levanta quatro tipos de relações entre identidade política de homens homossexuais e territorialidade ou o espaço urbano em seis cidades dos Estados Unidos, Londres e Austrália, deixando claro que essas relações vão se estabelecer de acordo com a conjuntura e o momento histórico de cada nação. Nesse caso, é importante ressaltar que apesar de vários autores considerarem evidente a relação entre o recente desenvolvimento de espaços gays nas cidades com a *pink economy*, entretanto, esse fato é verificado principalmente em cidades-globais ou cidades que aspiram a essa posição.

Não que devemos desprezar esse tipo de análise, pelo contrário, ela é importante para delinear possíveis caminhos que a relação entre sexualidade e espaços urbanos pode seguir, aliás já existem alguns estudos no Brasil relacionando o gueto ao aspecto comercial (França, 2006), assim como Tânia, em sua entrevista ressaltou esse aspecto do gueto. Entretanto, devemos ter em mente a realidade da sociedade brasileira em relação à homossexualidade. Baseado nos dados apontados pela Pesquisa Nacional do Datafolha: mais da metade dos entrevistados considera muito grave o filho ou a filha namorar alguém

do mesmo sexo – 57 e 55%, respectivamente (Folha de São Paulo, 2007, p.8). Ou seja, a população brasileira ainda é bastante resistente à homossexualidade, o que dificulta em muito a promoção de espaços gays na cidade seja pela própria população ou pelo governo.

Estudos como o de Toneli & Peruchhi (2006) caracterizam também espaços gls – mais especificamente uma boate amplamente freqüentada por homossexuais em Florianópolis, como guetos. As autoras, em sua revisão bibliográfica sobre o gueto, chegaram a conclusões opostas às análises propostas aqui nesta pesquisa, uma vez que elas, citando Levine, afirmam que:

Conforme anunciado anteriormente, uma diferença importante do conceito formulado pela Escola de Chicago e o aqui proposto para designar a realidade investigada é a de que a concentração de homossexuais no gueto florianopolitano é reconhecida como deliberada, ao contrário dos espaços que receberam a denominação norte-americana onde, num primeiro momento, a concentração de pessoas deveu-se à forte repressão social à homossexualidade em certas cidades, o que as levou a buscar ocupação destes espaços na região dos Estados Unidos com maior aceitação (Toneli & Perucchi, 2006, p. 41).

De qualquer forma e pontuando as diferenças do conceito de gueto utilizado pelos norte-americanos, as autoras afirmam que “o critério de decisão do uso de gueto como categoria de análise fez-se imperativo devido a um dado do campo: gueto aparecia na fala das freqüentadoras desses espaços para denominá-los” (Toneli & Perucchi, 2006, p. 41)<sup>21</sup>.

As autoras, nas análises das entrevistas realizadas no espaço da boate, enxergam o gueto como um local onde aquelas pessoas são permitidas transitar e se sentem livres para tanto, trazendo à tona a questão da visibilidade X invisibilidade:

Se estas áreas são liberadas para o público GLS, é porque algumas outras lhe são restritas, espaços demarcados no próprio contexto urbano em que se insere, em que se transita. Restritas num sentido muito peculiar, restrição intimamente vinculada à questão da visibilidade (Toneli & Perucchi, 2006, p. 43).

Neste sentido, para formular a hipótese do gueto, levamos em consideração, principalmente a noção do preconceito já apontada e, conseqüentemente, do estigma. A auto-segregação de homossexuais em determinados espaços da cidade está mais para a idéia de ali se sentirem mais “livres” e poderem interagir sem esperar maiores receios, do

---

<sup>21</sup> Essa é outra diferença entre a pesquisa de Florianópolis e a nossa: o termo gueto “aparece” na fala das entrevistadas daquela cidade, ao passo que na nossa pesquisa foi perguntado aos entrevistados se eles consideravam o espaço que freqüentavam como gueto, uma vez que esse conceito já fazia parte de nossa análise teórica.

que a “reconquista” de algum tipo de lugar ou mesmo de estarem promovendo o capital cultural de uma determinada cidade. Na verdade, os homossexuais, a nosso ver, ainda estão na primeira fase do movimento, ou seja, a de conquistar e assegurar, por meios próprios, espaços e visibilidade numa sociedade que é cortada por traços culturais machistas e homofóbicos.

#### **4.7. Guetos ou áreas gentrificadas em Brasília**

Falar de gentrificação em Brasília, de acordo com o que foi exposto acima, é um pouco complicado devido a dois fatores: identificar bairros seus centrais e, devido ao curto período de existência da cidade, abordar desestigmatização ou higienização. Em 48 anos seria possível para uma área ou local ser estigmatizada e desestigmatizada?

Brasília não possui especificamente um centro e nem bairros – palavras dificilmente ouvidas pela cidade – e, normalmente, os locais estigmatizados não se encontram no Plano Piloto. Entretanto, encontramos tanto na literatura quanto no imaginário da cidade uma exceção para esses dois pontos abordados: o CONIC.

O CONIC foi um edifício inaugurado no ano de 1967 e faz parte do projeto de Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília, sendo, por isso, um edifício tombado pela UNESCO.

Nunes e Kuyumjian (2001) pontuam três fases distintas do uso deste edifício. A primeira teria sido logo após a sua inauguração quando várias embaixadas e sedes de partidos ali se instalaram tanto pelo ponto estratégico do edifício – situado perto da rodoviária, da esplanada dos ministérios e do setor comercial sul – quanto pela ausência, naquele momento, das sedes oficiais das próprias embaixadas. Nessa fase, “o local era freqüentado pela alta burocracia do Estado, tinha lojas e restaurantes condizentes com os freqüentadores, retrato que se aproximava muito daquele imaginado por Lúcio Costa” (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.16).

A segunda fase - e a que ainda se mantém na memória da classe média brasiliense – seria a de prostituição, do tráfico de drogas, um período de decadência do CONIC. A terceira fase, a atual, com uma nova administração que pretende acabar com o estigma do lugar, onde uma delegacia é implantada dentro do próprio prédio e com isso se torna em um dos locais mais seguros da cidade. Encontrando-se aí instalados, uma diversidade de lojas comerciais, bares, escritórios profissionais que atraem uma diversidade de público,

permitindo, da mesma forma que o bar Barulho – o encontro de mais de uma classe no território de Brasília.

Na verdade, os autores do texto chamam a atenção para esse aspecto do CONIC:

O comércio que se encontra no CONIC atende a uma clientela absolutamente heterogênea. Nota-se perfeitamente a convivência de indivíduos de diferentes estratos sociais, fato de rara constatação no Plano Piloto, onde vive uma classe média padronizada no estilo de ser, vestir e se comportar em áreas coletivas. O que se percebe é que no CONIC os moradores das satélites se sentem familiarizados com a disposição e padrões de lojas, e a possibilidade de se apropriarem do espaço sem a sensação de estarem invadindo um território privado (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.4).

Os autores pontuam, ainda, que essa especificidade acima descrita transmite a sensação de que “se trata também de uma área estigmatizada” (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.7). Ou seja, é uma área de certa forma estigmatizada no centro de Brasília, sendo, portanto, passível da gentrificação ocorrer:

Num primeiro momento, o fato de se ter um edifício estigmatizado no centro do Plano Piloto de Brasília, em si, não é uma questão original. Todas as grandes cidades do mundo apresentam áreas desvalorizadas, justamente em locais que, pela sua antiguidade já contam com toda a infra-estrutura urbana praticamente completa. É aliás essa a razão pela qual a onda de renovação urbana tem sido observada em praticamente todas as grandes cidades do mundo ocidental nestas últimas décadas. Paris, Nova York, Barcelona, São Paulo, Salvador, Recife dentre outras, passam por processos de gentrificação de seus espaços degradados, atraindo uma classe média endinheirada e intelectualizada que valoriza justamente a estética e o conforto dos velhos imóveis de outros tempos. Apesar de tímida, a tentativa de renovação do CONIC vai na mesma direção (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.11).

A idéia do processo de gentrificação – se é que podemos assim chamá-lo – iniciou-se com a criação de uma “prefeitura” para os treze edifícios que o formam com o objetivo de tentar acabar “com o estigma de área perigosa e para normatizar as áreas degradadas” (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.13). Saber se de fato o estigma do CONIC deixou de existir é uma tarefa complicada, pois demandaria uma ampla pesquisa de opinião com a população do Plano Piloto. O que podemos destacar é que uma parcela da classe média e alta de Brasília o freqüenta. Isso pode indicar que de uma área estigmatizada vem se tornando uma área alternativa – que, para parte da população, não deixa de ser também estigmatizada:

Sim porque o CONIC vem, devagar, se tornando uma área alternativa dentro do Plano Piloto, numa clara diferenciação entre o organizado e o racional cartesiano que é o Projeto Lúcio Costa; de fato, por se tratar de uma área anárquica, caótica, enfim urbana, e graças a esta indefinição, uma área com maior liberdade de uso, o edifício começa a seduzir uma gama de artistas, arquitetos, poetas, cineastas, etc, atraídos justamente por esta ‘irracionalidade’ e este ar de pretensa ‘marginalidade’, numa extensão do espaço cultural representado pela Universidade de Brasília, mas

sem a submissão aos parâmetros institucionais que a caracteriza (Nunes e Kuyumjian, 2001, p.13).

Por fim, vale a pena ressaltar que o Espaço Galeria no CONIC, um local onde muitas festas, principalmente de música eletrônica acontecem, foi citado por alguns entrevistados de Brasília conforme consta na tabela 1, como um local gay. E foi também identificado por um dos entrevistados como um gueto nos anos 80, fato também citado pelos autores.

Apesar do CONIC não fazer parte dos locais onde foram realizadas as entrevistas, e portanto, não termos a principal referência de uma possível gentrificação como pauta para os entrevistados abordarem, não é impossível tentar perceber este processo a partir de suas falas.

Como gentrificação significa, em última instância, a apropriação de um espaço social por um determinado grupo deslocando, necessariamente, outro grupo que antes freqüentava esse mesmo espaço social, a pergunta do questionário feita para tentar captar esse processo de deslocamento foi: “Você acha que esse local (Beirute, Savana ou Barulho) sempre foi freqüentado por esse grupo de pessoas?”

Em seis entrevistas essa pergunta não foi feita (três no Barulho e três no Café Savana), e entre as razões dela não ter sido feita estão: o fato da entrevista ter sido feita antes da pergunta constar no questionário (José), pelo entrevistado não identificar um grupo específico que freqüenta aquele local (Tiago) e pela pergunta não ter sido feita pela própria dinâmica da entrevista que acabou por suprimi-la involuntariamente (Juliana, Lúcio, Mauro e Tânia). Portanto, na análise sobre gentrificação essas entrevistas não serão incluídas.

Todos os entrevistados no Barulho que responderam a essa pergunta (Patrícia, Larissa, Lucas, Camilo, Cristiane e Clarice) disseram que o Barulho sempre foi freqüentado pelo mesmo grupo de pessoas, não identificando nenhuma mudança de públicos.

Entre os entrevistados do Café Savana que responderam essa pergunta, dois ressaltaram que houve uma mudança e essa resposta se deu não na pergunta específica para captar a gentrificação, mas na anterior “Você acha que existe um grupo específico que freqüenta aqui o Café Savana?”. Os dois entrevistados responderam que não existe, mas fizeram referência que no passado o Café Savana tinha um público mais homossexual do que hoje em dia. Nas palavras de Ana Júlia: *Não. Não acho. Eu acho que o Savana tentou*

*ser gay. É GLS por natureza desde sempre, mas assim, você vê, tem famílias, tinha um bebê aí (...). Tem bebê, tem famílias, tem entendidas, tem heterossexual, tem de tudo. Eu acho que não tem. Eu acho que o Savana não exclui ninguém, acho que por isso é que é legal [sic].* Já Luiz, pontua claramente que houve uma mudança:

*Hoje em dia não. Eu acho que há uns anos atrás talvez, teria mais (um grupo específico), mas hoje em dia tem uma mistura que vai desde casais gays, até de lésbicas, até misturado e muito hoje em dia, cada vez mais. Então, tem até amigos meus que reclamam que vinham aqui pra paquerar, porque é gay, vamos dizer assim, e não tem mais o clima, vamos dizer assim. Houve uma mudança não sei porque [sic].*

Entretanto, haver uma mudança de públicos não significa necessariamente que a gentrificação exista. O que esses entrevistados dizem do Café Savana é que antigamente a frequência do público gay era maior, entretanto, esse grupo – os homossexuais – ainda são presentes no Café Savana tanto é que seja na fala de Ana Júlia seja na de Luiz - os que pontuaram essa diferença - aparece a caracterização do Café Savana como um lugar GLS e gay, como os trechos acima demonstram.

O Beirute talvez seja o local mais propício para essa pergunta ser feita pelo fato desse ser o mais antigo dos três lugares onde as entrevistas se realizaram, sendo talvez o único que realmente tenha uma “história”.

Para a análise dessa pergunta os entrevistados tanto do Beirute sul quanto do Beirute norte serão analisados conjuntamente, uma vez que o Beirute da Asa Norte foi inaugurado em outubro de 2007 e todos os lá entrevistados conheciam e frequentavam o Beirute da Asa Sul. E, para essa pergunta específica, todos os entrevistados do Beirute da Asa Norte responderam tendo em mente o Beirute da Asa Sul.

Dos dez entrevistados no Beirute, cinco responderam que o Beirute sempre foi frequentado pelo mesmo grupo de pessoas e cinco responderam que houve uma mudança de frequentadores. Dentre os que responderam que houve mudanças dois entrevistados simplesmente pontuaram que o Beirute nem sempre foi frequentado por homossexuais ou pelo público GLS – o público identificado pelos próprios entrevistados como frequentadores do Beirute. André coloca que pelo Beirute ter uma existência longa levando em consideração a idade de Brasília *são épocas diferentes então é muito difícil achar que vão ser as mesmas pessoas que vão frequentar [sic]*. Já Roberta, apesar de identificar que são *gays, lésbicas, simpatizantes, gls* o público específico do Beirute, quando perguntada se



essas pessoas sempre freqüentaram o Beirute ela é enfática: *não, todas as tribos, inclusive hetero* [sic].

Dos outros três que pontuaram uma mudança de público no Beirute de maneira mais detalhada, dois descreveram essa diferença ao longo do tempo e um além de pontuar essa diferença temporal, especificou também que a freqüência é bastante diversa se considerar os diferentes dias de funcionamento do Beirute, assim como também o turno (manhã, tarde, noite).

Rafael e Cássia foram os que descreveram uma mudança de público ao longo do tempo de funcionamento do Beirute. Em sua entrevista, Rafael é bastante didático ao explicar as mudanças:

*Bom, o Beirute sempre teve suas faunas. Era a fauna dos boêmios, a fauna da qual eu fazia parte. Era a fauna da pequena vanguarda, muito doida. Aquele pessoal bem assim. E a fauna dos viados. (...) Hoje em dia isso praticamente acabou. Sexta, quinta, ta praticamente tomado pelo pessoal (...) homossexual. Então, como eu não sou, não...até os próprios boêmios não estão mais lá. Quer dizer, virou um negócio muito de bar gay, gay, gay mesmo* [sic].

Cássia, da mesma forma, descreve que à época que era jovem e que freqüentava o Beirute era uma *classe de intelectuais, uma classe de artistas de cinema, da área de comunicações. De jornal. Artistas de modo geral* [sic]. Sendo que hoje em dia, ela considera que o Beirute talvez tenha um grupo maior de homossexuais.

Um ponto interessante da entrevista de Rafael e de Cássia é que os dois pontuam o longo período de tempo que freqüentam o Beirute. Nas palavras de Cássia, *Olha, eu tenho 46 anos, ta? Eu freqüento o Beirute desde os meus 20 anos. Talvez menos. Tem muitos anos que eu freqüento o Beirute* [sic]. Da mesma forma, Rafael enfatiza *Desde os meus treze anos de idade. Beirute Sul. Eu tenho cinqüenta. Trinta e sete anos* [sic].

A partir desses relatos, pode-se pensar que a diferença de resposta sobre a continuidade da freqüência do público gay, homossexual ou gls no Beirute ocorra pela idade dos entrevistados. Entretanto, ao analisarmos as resposta de todos os dez entrevistados não conseguimos enxergar, de fato, um padrão. Dos que responderam que o Beirute sempre foi freqüentado pelo mesmo grupo as idades variam de 28 a 62 anos (28, 29, 38, 44 e 62). Dos que identificaram uma diferença no público as idades vão de 23 a 50 anos (23, 25, 46 e 50), sendo que uma entrevistada optou por não declarar a sua idade.

Uma ressalva que pode ser feita das observações acima é a resposta dada por Francisco de 62 anos de idade que na entrevista declarou que o Beirute sempre foi freqüentado pelo mesmo grupo que ele identifica como *peessoas que têm um pouco mais de cabeça* [sic]. Entretanto, Francisco estava regressando a Brasília depois de mais 35 anos que morou na Bahia. Ele freqüentava o Beirute quando morou na cidade, no período de 1963 a 1971 e voltou a freqüentar no ano de 2008, quando retorna a Brasília para cuidar de assuntos familiares. Um ponto a ser ressaltado, é que durante conversa depois da entrevista ele se mostrou surpreso por ver tantos homossexuais no Beirute, logo sua resposta pode ser questionada por estar voltando ao Beirute e por ainda guardar as referências de outrora sobre o bar.

Entretanto, para Marcela uma freqüentadora que também fez questão de enfatizar a longa assiduidade ao Beirute *desde os dezessete* (a entrevistada tem 44 anos) ressalta que o Beirute sempre foi freqüentados por gays ou como ela mesma pontua, o *gayrute*. Entretanto, ela esclarece que apesar de já ser freqüentado por homossexuais, diferentemente de outros bares que à época existiam, o termo “*gayrute*” ainda não era utilizado:

*Era gayrute já ó, das antigas. Mas, das antigas, a gente não falava gayrute, entendeu? Meu pai é libanês, como eu já tinha falado, e todo mundo fala que ele era amigo do dono. Então era o Arabesque em cima e o Beirute embaixo. Era na esquina, o Beirute, duas esquinas para cima era o Arabesque. Então, o Arabesque não tinha tanto gay e o Beirute já rolava* [sic].

Comparando a resposta de Marcela e de Rafael não encontramos muitas diferenças nas explicações das mudanças ou não do público do Beirute, apesar de um pontuar que houve uma mudança de público e outro não. Transparece na fala de ambos que o público do Beirute sempre foi composto por homossexuais, *era a fauna dos viados*, entretanto, a diferença (ou semelhança) é que hoje em dia essa é uma das únicas faunas, tanto é que só mais recentemente o Beirute passou a ser chamado de “*gayrute*”, na visão destes entrevistados – movimento inverso do que ocorreu no Café Savana, vale pontuar.

Neste momento, nos voltaremos para analisar as respostas dadas pelos entrevistados à pergunta “Você considera lugares gays de Brasília como guetos?<sup>22</sup>”. É importante

---

<sup>22</sup> É importante prestarmos atenção na pergunta. Ela se refere a locais gays e não necessariamente ao local que a entrevista foi feita, pois muitas vezes, os entrevistados não consideravam o local da entrevista como um local gay. Um outro ponto a ser ressaltado é que a pergunta se refere a locais gays de Brasília e não a qualquer local homossexual, logo, existiram também respostas que consideravam lugares gays como guetos, mas não os de Brasília.

ressaltar que os entrevistados responderam essas perguntas à luz de suas próprias concepções do que seriam guetos. E levando em consideração a análise já feita do conceito de gueto para os entrevistados, onde foi ressaltado que somente duas entrevistadas consideraram o conceito de gueto ter aspectos positivos, podemos supor que a maioria dos entrevistados não considerará os locais homossexuais de Brasília como guetos, principalmente aqueles que consideram o conceito de gueto como pejorativos. De fato, onze entrevistados não correlacionaram os espaços homossexuais de Brasília como guetos e entre eles estão os cinco que afirmaram não gostar do termo gueto.

Entre os nove entrevistados que definiram gueto como um certo grupo com alguma característica homogênea, quatro consideraram lugares gays de Brasília como guetos, quatro não consideram esses locais como guetos e um deles respondeu que alguns locais homossexuais de Brasília podem ser considerados guetos e outros não. Desse dado podemos deduzir que algumas das pessoas consideram que os chamados lugares gays de Brasília não são guetos, porque não existe uma presença exclusiva de homossexuais, os homossexuais fazem parte desses ambientes, talvez até majoritariamente, mas não exclusivamente. Este fato nos remete a um dado já abordado anteriormente do Beirute e do Café Savana não serem considerados lugares gays pelos entrevistados, talvez o termo local alternativo se adequasse mais a eles.

As duas entrevistadas que viram aspectos positivos no gueto consideraram os locais homossexuais de Brasília como guetos. Já entre os que consideraram gueto como esconderijos, não houve um consenso, tão pouco entre os que associaram a existência do gueto com algum tipo de discriminação e entre aqueles que afirmaram que guetos são locais que rotulam as pessoas.

Em outras palavras, só encontramos a mesma resposta de considerar ou não locais homossexuais de Brasília como guetos entre aqueles que afirmaram que o termo era pejorativo – e, portanto, não consideram locais gays como guetos –, e entre aquelas que consideram o gueto ter características positivas e afirmaram que os locais gays são guetos, nos demais conceitos de guetos dados pelos próprios entrevistados as respostas são bastante variadas.

Em resumo, não é possível estabelecer um padrão ou mesmo uma tendência se os entrevistados consideram lugares gays de Brasília como guetos ou não. Os resultados,

expostos acima, mostram a diversidade das respostas. O que pode ser identificado, entretanto, é que a maioria dos entrevistados não considera os locais que estavam durante a entrevista como guetos. Das nove pessoas entrevistadas no Barulho cinco consideram o Barulho um gueto e um entrevistado considera alguns lugares gays de Brasília como guetos, porém não especificando qual. Dos entrevistados do Beirute, apenas uma entrevistada identificou o Beirute como gueto (Maria Paula) e outras duas pessoas consideram alguns lugares gays como guetos, mas não o Beirute. E no Café Savana, apenas as entrevistadas Eduarda e Tânia consideram locais gays como guetos, neste sentido, considerariam o Savana um gueto e um outro entrevistado consideraria alguns lugares gays como guetos, mas não o Savana.

Desse modo, apenas oito entrevistados consideram os locais que estavam como guetos e desses oito, cinco tiveram suas entrevistas realizadas no Barulho. Esse ponto pode ser esclarecido pelo fato do Barulho ter um público mais homogêneo – na visão dos entrevistados – que o Beirute e o Café Savana que muitas vezes são reconhecidos como espaços alternativos e não necessariamente gays, como também já foi pontuado anteriormente. Ainda neste sentido, as boates – tanto a Blue Space quanto a Oficina Club – foram citadas como guetos. A tabela abaixo tenta sistematizar as informações acima detalhadas.

Tabela 2: Conceitos de gueto e outras especificações

Nome	Considera Gueto	Quais	Conceito de gueto	Entrevista
Tiago	Alguns		sexo em público	Barulho
Larissa	Sim		fechados, um só tipo de pessoa	Barulho
Camilo	Alguns	Barulho/Blue Space	esconderijo	Barulho
Lucas	Alguns	Barulho	Fechado, as mesmas pessoas	Barulho
Clarice	Não		Baixo Nível; menor	Barulho
Juliana	Não		drogas, coisa baixa	Barulho
Lucio	Não		periferia	Barulho
Patricia				Barulho
Cristiane	Sim		point de cultura	Barulho
José	Não		local escondido	Savana
Eduarda	Não/sim		lugar de tribo	Savana
Ney	Alguns	Officina	local escondido	Savana
Mauro	Não		lugares que só frequentam gays	Savana
Ana Júlia	Não		Não sabe dizer	Savana
Tânia	Sim		locais de referencia/locais pagos	Savana
Luis	Não		só encontram pessoas de um mesmo tipo	Savana
Marcela			lugares de pretos	Beirute Norte
Daniel	Alguns	Blue Space	grupo de pessoas para escapar de um ambiente onde você não é favorecido	Beirute sul
Fábio	Sim	Boate	lugar que rotula	Beirute Norte
Roberta	Não			Beirute Sul
Adriana	Não		Lugar de uma tribo só	Beirute Sul
Rafael	Não		segunda guerra mundial - gueto judeu	Beirute Norte
Francisco	Não		pessoas radicalizadas numa postura não séria	Beirute Sul
Maria Paula	Sim		grupo específico de pessoas	Beirute Sul
Jéssica Luxo	Não		lugar escondido	Beirute Norte
Rita	Não		minorias	Beirute Norte
Fonte: A autora				

Considerar somente as respostas dos entrevistados para confirmar ou rejeitar a hipótese do gueto da pesquisa seria uma análise deficiente, já que os entrevistados não citaram de fato nenhuma grande mudança de público dos locais entrevistados e as respostas em relação a considerarem lugares gays de Brasília como guetos, além de terem sido bastante diversas estão baseadas em conceitos do senso comum e não no campo teórico abordado por essa pesquisa.

Neste sentido, consideramos interessante detalhar outro ponto que verificamos ao longo da pesquisa de campo que nos chamou atenção. Entre 08 de novembro e 02 de dezembro de 2007 o Bar Barulho no parque da cidade foi fechado. A cobertura desse acontecimento ocorreu principalmente pelo sítio Paroutudo ([www.paroutudo.com.br](http://www.paroutudo.com.br)) e é a partir de informações desta página eletrônica que iremos pautar nossas análises.

As informações vinculadas por este sítio são compostas por textos jornalísticos com depoimentos de alguns integrantes do movimento homossexual de Brasília, documentos enviados tanto pela ONG Estruturação à administração do Parque da Cidade e ofício de resposta desta administração e enquetes feitas pelo sítio e as respostas dadas por alguns dos leitores sobre este assunto.

Segundo informações que ali constam, o Bar Barulho foi fechado após o dia 08 de novembro quando ocorreu uma batida oficial. As razões dadas pela administradora do parque foram: a venda de bebidas alcoólicas para menores de idade e o alvará de funcionamento vencido (Dall`Orto). Entretanto, segundo essa mesma reportagem, o dono do Bar Barulho afirma “que todos os outros estabelecimentos do Parque da Cidade estavam com as permissões vencidas há tanto tempo quanto o Barulho (desde 2005), mas nenhum outro bar foi fechado”. E a reportagem conclui “Apenas o bar freqüentado por gays, lésbicas, travestis e simpatizantes (foi fechado), ou seja, uma ação claramente homofóbica. A renovação chegou a ser solicitada antes do vencimento, mas o GDF não tinha concedido a nova permissão até a última quinta-feira”.

Foi encaminhado um ofício no dia 16 de novembro pelo presidente da ONG Estruturação, Milton Santos, com o objetivo de ter esclarecimentos sobre as “circunstâncias violentas que envolvem o fechamento do Bar Barulho, um dos mais tradicionais locais de freqüência ‘arco-íris’ da capital federal. Circunstâncias essas que tem como agentes tanto esta administração no que concerne à liberação do alvará de funcionamento do local, quanto a Polícia Militar, que segundo relatos recebidos por nós agiu de forma desrespeitosa e preconceituosa em ação ocorrida em 8 de novembro”. Foram feitos quatro principais questionamentos que reproduzo abaixo:

- Qual a situação do alvará de funcionamento do Bar Barulho? Se não válido, haveria alguma resistência dessa administração em renová-lo?
- Qual a situação dos outros estabelecimentos do Parque da Cidade em relação a esse alvará e a quaisquer outros documentos indispensáveis ao funcionamento? Todos estão regulares? O Bar Barulho é a única exceção?
- A administração do Parque da Cidade constatou a presença de menores de idade em locais de vendas de bebidas alcoólicas apenas no Bar Barulho?

- É verídica a informação de que pesquisa dessa Administração teria levantado grande número de reclamações dos freqüentadores do Parque da Cidade em relação ao Bar Barulho? Caso ela exista, podemos conhecê-la e averiguar se tais opiniões seriam mais motivadas pelo preconceito do que em fatos concretos de incômodo?

No dia 19 de novembro, a Gerente de Administração do Parque da Cidade encaminhou ofício de resposta ao Estruturação (anexo III). No ofício consta que o alvará de funcionamento do Bar Barulho está vencido desde junho de 2005 e explicou que a Administração do Parque não realizou pesquisa, mas que já recebeu várias reclamações por parte de usuários do parque devido ao comportamento de alguns freqüentadores do bar. Em relação às demais perguntas que constavam no ofício, ela informou que era necessário questionar outros órgãos e não a Administração do Parque.

Quando o ofício feito pelo Estruturação foi publicado no sítio Paroutudo, vários leitores deixaram comentários sobre este assunto<sup>23</sup>. Em um deles, um leitor identificado como Hernanny Queiroz descreve a ação da polícia militar que ocorreu no dia 08 de novembro:

Policiais armados chegaram, com uma frota de aproximadamente 20 carros, ou mais ao parque, intimidando e dirigindo-se aos freqüentadores que ali estavam com palavras grosseiras, empurrões, palavras ofensivas e abuso de poder. Várias pessoas que estavam no local foram expostas à revista policial, interrogadas como se fossem criminosas. Policiais Cívicos e Militares masculinos simplesmente ignoravam a presença de policiais femininas no local e fizeram à revista em mulheres que lá estavam se divertindo (...) Palavras como: bichinha, sapatão, viadinho, foram abertamente usadas pelos pseudos “Tropa de Elite Brasileira”.

Os comentários possuíam basicamente duas vertentes em relação ao caso do bar Barulho. Uma que colocava o fechamento do Barulho com uma atitude claramente preconceituosa da administração do Parque, enquanto que outros eram favoráveis ao fechamento por conta da falta de segurança do local, pela presença de drogas, entre outros. Ainda neste último grupo, houve um comentário que dizia que o Barulho devia ser fechado, pois ele não era freqüentado por pessoas finas e cultas ao contrário do Beirute, fato que remonta à “democracia” do Barulho.

---

<sup>23</sup> Disponível em: (<http://paroutudo.com/estruturacao/2007/11/16/caso-barulho-estruturacao-exige-respostas-da-administracao-do-parque/>)

Dois leitores se referiram à ação da mídia em relação ao fechamento do Barulho, entretanto, de maneiras distintas. Adônis Eros relata que como foi mostrado em reportagem do DFTV, na Rede Globo de Televisão, no dia 16 de novembro, o alvará do Barulho não é o único vencido e questiona, portanto, porque só o Barulho foi fechado? Já Misael Barreto propõe uma representação junto ao Governo do Distrito Federal e outra junto à rede Record que segundo ele “quando noticiou no balanço geral do dia 09/11 (utilizou o título): Limpeza no Centro de Brasília”.

Entre os leitores que enxergavam o fechamento do Barulho como uma atitude discriminatória, encontramos o seguinte comentário:

É companheir@s, a cada dia que passa se torna mais difícil manifestarmos nossa homoafetividade neste país. Pior! Em lugares destinados ao nosso público (...). O bar Barulho, um espaço democrático, aberto, localizado em local Público (Parque da Cidade de Brasília – aberto 24hrs) onde transitam pessoas que apenas procuram diversão, boa música. Um espaço onde se é possível manifestar a nossa homoafetividade. Bar Barulho, fechado e lacrado!! Até quando? Espero que esse espaço volte à ativa e nós, LGBT`s de Brasília, possamos voltar a frequentá-lo com alegria, paz, amor e muita FERVEÇÃO! (Sítio Parou Tudo, 02/06/2008).

No dia 13 de novembro na coluna “Opinião do leitor” do sítio Paroutudo foi publicada uma enquete cujo tema era: “Na sua opinião, o fechamento do bar (Barulho) foi correto? Você acredita que exista preconceito por parte das autoridades com o estabelecimento apenas porque é destino GLS? Qual é a importância do bar para a cena de Brasília? O que o proprietário do local deveria fazer para resolver os impasses com a polícia e a administração?”<sup>24</sup> Vários comentários foram feitos a essa enquete à época em que a mesma foi consultada para essa pesquisa, dentre elas 10 se colocaram como contrárias ao fechamento do Barulho e acreditam que essa atitude ocorreu por motivos de discriminação, cinco são favoráveis ao fechamento e dois concordam com o fechamento, mas não com a abordagem da polícia.

Os que se colocam favoráveis ao fechamento do bar o fazem argumentando a falta de segurança e de higiene, tráfico de drogas, venda de bebidas alcoólicas para menores, sexo em público, frequência de pessoas de classes menos favorecidas que não sabem se comportar, entre outros – características que escapam ao controle intimamente relacionado ao espaço do Plano Piloto.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://paroutudo.com/noticias/2007/11/13/bar-barulho-fica-fechado-temporariamente/>



Dentre os que se disseram contrários ao fechamento do bar, três ressaltaram a importância do Barulho como um espaço homossexual. O mais explícito deles é o comentário de Marcelo Leite “Acho uma falta de senso das pessoas em quererem fechar um bar que é reconhecido e conhecido como sendo parte integrante da comunidade gay de Brasília. Lutemos para que o bar continue aberto. Já temos poucos espaços e esses poucos sendo fechado, imagine onde isso irá parar? Merecemos mais respeito e um deles é termos nossos espaços preservados”.

Um comentário que nos chamou atenção foi o do leitor Fábio Felix que se encontra reproduzido na íntegra abaixo:

Este tipo de prática por parte da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal não é novidade. No último período o Sr. Arruda iniciou uma política de agredir transexuais e travestis no Setor Comercial Sul, fazendo o que eles chamam de ‘fichamento preventivo’ levando as profissionais do sexo em ônibus da polícia para as delegacias sem ter havido qualquer crime. O que aconteceu no Barulho intensifica esta política facista de ‘higienização’ dos espaços do Plano Piloto de homossexuais, travestis e etc. Precisamos fazer algo urgente (Sítio Parou Tudo, 02/06/2008).

Esses mesmos relatos aparecem em reportagem do Paroutudo do dia quatro de dezembro de 2007 sob o título “Bar Barulho reabre as portas após passeata no Parque” (Dall’Orto). Segundo a reportagem, “a manifestação foi um protesto à política de higienização aplicada no Distrito Federal, considerada discriminatória pelo grupo de manifestantes, na maioria militantes dos direitos humanos e causas LGBT”.

Nessa reportagem<sup>25</sup> foi entrevistado Caio Varela, identificado como um militante, que descreve detalhadamente os motivos da passeata, além do fechamento do bar:

Um grupo de travestis profissionais do sexo estava trabalhando no Setor Comercial Sul quando foi recolhido em um ônibus pela Polícia Civil. Um grupo com mais de 15 ativistas estava participando de uma reunião ali perto e foi até o local para saber o motivo de detenção. Os policiais receberam os ativistas aos gritos, mandando que fossem embora alegando que aquilo era só uma operação de rotina. Três ativistas foram agredidos verbal e fisicamente durante a revista. A única mulher presente foi revista, e em seguida liberada. No outro dia as travestis foram liberadas e levadas de volta ao SCS (Sítio Parou Tudo, 02/06/2008).

Ainda sobre a temática da higienização, foi feito um comentário a uma reportagem do sítio Mix Brasil que anunciava a manifestação que ocorreria no dia 02 em frente ao Bar Barulho, o comentário dizia “mais do que a abertura do bar barulho, estamos reivindicando

---

<sup>25</sup> A reportagem ainda cita um terceiro caso que foi a invasão de policiais a uma sauna gay próxima ao Setor Comercial Sul.

o fim de uma política de ‘higienização e moralização’. No DF os direitos das minorias estão sendo cerceados e não podemos assistir a isso sem fazer nada”.

Figura 3: Foto da manifestação contra o fechamento do Bar Barulho. Foto tirada da página eletrônica (<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2007/12/404856.shtml>).



Falar que ocorre gentrificação em Brasília baseado nos fatos acima relatados é algo precipitado. Principalmente pelas diferenças estruturais e conjunturais das cidades norte-americanas e européias – que grande parte da literatura de gentrificação se baseia – e Brasília. Assim como ocorre com o conceito de gueto utilizado na pesquisa o conceito de gentrificação deve ser relativizado. Em nenhum momento estamos falando sobre um processo que ocorre em regiões ou bairros em relação às habitações.

A gentrificação é usada na pesquisa como um campo teórico distinto do campo do gueto para tentar entender a apropriação de certos espaços por determinados grupos. Essa tensão sobre a ocupação de alguns espaços sociais pode ser notada em Brasília, como o caso do fechamento do bar Barulho pôde evidenciar. Tensão criada no local de Brasília que mais se aproxima da idéia de um centro urbano, onde a arquitetura da cidade não foi capaz de manter a sua assepsia e suas linhas retas, locais como o bar Barulho no parque da cidade, o CONIC, o Setor Comercial Sul nos quais o governo tenta restaurar o projeto original do

Plano Piloto onde não se previa qualquer forma de desvio. Caracteriza-se mais como uma tentativa de tirar de locais centrais da cidade de Brasília um público indesejado, de higienizar a cidade – uma volta ao Plano Piloto original - do que criar espaços específicos para alocar/segregar essa população indesejada.

Entretanto, os locais homossexuais que foram palco da entrevista não aparecem como áreas gentrificadas pelo olhar de seus próprios frequentadores. Não foi feita uma revitalização desses locais para, a partir daí, a presença homossexual ocorrer. Isso não quer dizer que não exista um processo de gentrificação que se aproxime da cidade de Brasília. Ao contrário, um esboço do processo de gentrificação é desenhado pelas ruas mais centrais da cidade, sendo que os homossexuais são um dos grupos cuja tentativa de realocação recai sobre. Se os homossexuais estão de fato no “centro” da cidade, não o estão devido a um processo de revitalização ou reurbanização como pontuam os estudos sobre gentrificação, eles estão mais próximos daqueles locais que esses mesmos estudos de gentrificação não abordam com tanta clareza: que ora são centros estigmatizados, ora são bolsões de pobreza e ora são as *inner cities*.

## 5. Estigma

A hipótese do estigma e a hipótese do voluntarismo se basearam na contraposição de trabalhos feitos por Louis Wirth e Loic Wacquant. Ao longo da análise desses dois autores percebemos grandes distinções quanto à caracterização do gueto no que concerne o seu caráter impositivo ou voluntário, conforme já abordamos anteriormente.

A conclusão a que se chega é que esta distinção se dá pelos diferentes grupos analisados pelos autores. Wirth analisa a formação do gueto judeu e coloca que, no início, esta segregação foi uma escolha dos próprios judeus para preservar sua cultura e manter a sua unidade. Já Wacquant (2001) analisa a formação dos cinturões negros norte-americanos onde vê a segregação deles como uma imposição da sociedade na qual eles vivem.

Ou seja, para Wacquant para ser gueto há a necessidade de um banimento forçado, característica para Wirth não necessária, uma vez que ele mesmo vê a tendência assimilacionista e, portanto, o fim do gueto em seus estudos:

in countries where the contact between Jew and non-Jew has been continued for a few generations, and where no new immigration from other countries in which the Jews retained their old status taken place, the ghetto has to a large extent disintegrated (Wirth, 1964, p.93).

É importante ressaltar que tanto em Wirth quanto em Wacquant a constatação do estigma está presente entre os grupos analisados. Tanto judeus quanto negros nas respectivas sociedades sofrem preconceitos e esse é um dos motivos para se segregarem.

Ou seja, o estigma está presente em ambos os grupos, entretanto, um vê o processo de guetificação como um processo voluntário e o outro não. Como explicar essa diferença?

Uma maneira possível é estabelecer diferenças entre os dois grupos analisados, neste caso, os negros e os judeus. E, para tanto, será utilizado o trabalho de Goffman (1988) sobre estigma.

Goffman conceitua estigma como “um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (1988, p.13).

Goffman menciona três tipos de estigma diferentes: num primeiro grupo estariam as pessoas com algum tipo de necessidade especial. Num segundo estaria o que o autor chama de “culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não

naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical” (1988, p.14). E o terceiro grupo seria aquele formado pelos estigmas de raça, nação e religião.

Independentemente do grupo, de maneira geral, as pessoas que têm algum tipo de estigma possuem certa dificuldade de interagir com os chamados “normais” que Goffman define como aqueles “que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão” (1988. p.14). Nesse momento, Goffman separa o estigmatizado em duas categorias: os **desacreditados** que são aqueles em que o estigma (característica distinguível) é visivelmente percebido – cor, portadores de alguns tipos de necessidade especial - e os **desacreditáveis** quando o estigma não é imediatamente perceptível – os estigmas do segundo grupo, de maneira geral<sup>26</sup>.

A grande diferença entre essas duas categorias – os desacreditados e os desacreditáveis – é exatamente essa possibilidade de encobrimento do estigma que os desacreditáveis possuem, ou seja, a possibilidade de manipulação da informação (que faz com que o estigma seja ocultado), enquanto que para os desacreditados só lhes resta a manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais.

Esse ponto pode ser reforçado se analisarmos mais calmamente a formação do gueto judeu nas cidades norte-americanas traçada por Wirth. A formação do gueto judeu em Chicago só se deu essencialmente com a chegada da terceira onda de imigração judaica, que seriam aqueles judeus que possuíam claramente todos os caracteres do “ser judeu”. Esses caracteres, essas marcas, trouxeram consigo o estigma generalizado que criava uma única essência – lógico que artificial e estereotipada - para todos os judeus. Entretanto, aqueles que já se encontravam a mais tempo na cidade e não carregavam essas marcas visíveis tinham a opção de fugir desse estigma ou não, basicamente por ser um estigma desacreditável, ou seja, era possível ocultá-lo:

---

<sup>26</sup> A partir dessa análise, pode-se considerar que os negros – tendo em vista que a cor negra é tida como um estigma na sociedade norte-americana – entram na categoria dos desacreditados, enquanto os judeus seriam desacreditáveis uma vez que, para eles, é possível encobrir seu estigma – “ser judeu” – caso o queiram. Outro ponto que deve ser ressaltado é que apesar de Goffman situar raça e religião como pertencentes ao mesmo grupo de estigma, pensamos que seria mais interessante analisar o gueto negro não como um gueto racial, mas como um gueto de cor, pois a população negra pode ser oriunda de diversos países e até de continente. Dessa forma, o estigma de cor, sob o nosso ponto de vista, estaria ligado ao primeiro grupo – o dos estigmas visíveis – e, portanto, entrariam como desacreditados na classificação proposta por Goffman.

The Jews on the South and the North Side were becoming conscious of the growth of a ghetto on the West Side, which, though, removed from their own residential districts by considerable distance, would be regarded by Gentiles as an integral part of the Jewish community. They considered themselves even farther removed in social distance than in miles from these poor, benighted peddlers with long beards, with side-locks and long black coats. They sensed that all the progress they had made in breaking down barriers, in preventing the development of a ghetto, and in gaining recognition for themselves, as persons rather than as Jews, with their Christian neighbors might now, with the new connotation that was attached to the word Jew, come to a sudden halt (Wirth, 1928, p. 183).

Em outras palavras, esse trecho mostra exatamente a preocupação dos judeus com este estigma “essencializante” e a conseqüente formação do gueto judeu por causa deste estigma. Para alguns, a solução era se distanciar do gueto e procurar outros lugares residenciais para que a presença do estigma não fosse tão forte, ou ao menos, muitos pensavam que isso aconteceria ao se afastar do gueto.

O que queremos ressaltar aqui é que o estigma não desaparecerá se um grupo que é normalmente estigmatizado, no caso os judeus, saírem do gueto. O estigma sempre estará presente independentemente do local de habitação, pois o fim da estigmatização de um grupo depende muito mais de mudanças culturais da sociedade em geral do que de mudanças espaciais ou residenciais. Mas, o importante a ser evidenciado aqui é que a presença visível do estigma faz com o gueto surja. E os estigmatizados, dependendo da possibilidade de ocultação ou não desse estigma – desacreditados ou desacreditáveis – serão segregados impositivamente ou não.

Partindo desse ponto, os negros não têm nenhuma possibilidade de esconder o seu estigma e, portanto, a sua segregação seria impositiva na medida em que existe um preconceito na sociedade norte-americana contra as pessoas negras e uma tendência social a segregá-las. Por outro lado, os judeus têm a possibilidade de encobrir o seu estigma e, dessa forma, ocultar informações, ou seja, para eles existe a possibilidade de se passar por “normal” e fugir do preconceito social e, portanto, ser guetizado, para o judeu, é uma opção<sup>27</sup>.

Wacquant (2001) coloca de maneira bem clara como os negros são desacreditados e, portanto, não podem “se livrar” do seu estigma, enquanto os jovens das *banlieues* francesas podem esconder o seu estigma de classe exatamente porque são desacreditáveis:

---

<sup>27</sup> Em momento algum queremos dizer que seja uma opção desejável ou fácil de ser tomada, somente que essa é uma possibilidade dos desacreditáveis e não dos desacreditados.

A *banlieue* francesa é apenas uma entidade territorial que, ademais, contém uma população mista e multiétnica; para os moradores do Quatre Mille ou de qualquer outra cité, basta esconder o seu endereço para poder “ser aceito” na sociedade mais abrangente. Não é imediatamente perceptível qualquer outro marcador físico e cultural que os identifique como residentes do Cinturão Vermelho, e, através de uso de técnicas simples de administração de impressões (Goffman, 1963), eles são capazes de se livrar do estigma, ainda que de forma temporária (Wacquant, 2001, p.147).

E ao abordar os negros norte-americanos pontua: “O fato de a cor servir como marca de identidade e como princípio, de visão e divisão, prontamente disponível para interpretação e uso no espaço e na interação pública (Feagin, 1991) torna praticamente impossível para os moradores livrarem-se do estigma que a residência no gueto traz” (Wacquant, 2001, p.147). E para ilustrar essa diferença do estigma entre os moradores do gueto negro e os moradores da *banlieue* francesa ele coloca duas situações:

Assim, os adolescentes das *banlieues* pobre de Paris vão sempre “passear” nos distritos mais conceituados da cidade para fugir de seus bairros e para curtir a badalação. Ao atravessar espaços que não apenas simbolizam e como também abrigam as classes altas, os suburbanos podem viver por algumas horas uma fantasia de inclusão social e participar, embora desempenhando o papel de outro, da sociedade mais abrangente (Calogirou, *apud*, Wacquant, 2001, p.147).

A segunda ilustração diz respeito aos negros norte-americanos:

Por exemplo, não se pode entrar à vontade nos bairros brancos adjacentes, pois ‘a presença de um jovem negro evoca a imagem de alguém perigoso, destrutivo ou desviante’ (Monroe e Goldman, 1988, p.27; Anderson, 1991, sobretudo p.163-7), a ponto de ele ser imediatamente seguido e parado, ou sistematicamente perseguido, pela polícia (Wacquant, 2001, pp.147e148).

Ou seja, uma vez que exista um preconceito social, os desacreditados não têm como escapar do estigma, enquanto os desacreditáveis podem através de manipulação de informações se passar por “normais”, temporariamente ou em algumas esferas de sua vida, caso o queiram. Em resumo, para os negros norte-americanos não há escapatória.

Tendo em vista todas as considerações tecidas acima e passando a considerar a sexualidade como categoria de análise, consideramos plausível situá-la como desacreditável, segundo a distinção de Goffman entre desacreditados e desacreditáveis, quando a sexualidade em questão vai de encontro às “imposições sociais”, como é o caso da homossexualidade.

A sexualidade, a princípio, não pode ser atribuída automaticamente às pessoas, apesar de usualmente existir a expectativa de que todos sejam heterossexuais, uma vez que

este tipo de sexualidade está intimamente ligado a uma suposta “normalidade” e “naturalidade”. Entretanto, não é possível identificar, *a priori*, quem é heterossexual ou não. Deste modo, podemos considerar a homossexualidade, uma vez que este é o pólo estigmatizado da sexualidade, como uma “característica” capaz de ser encoberta.

Neste sentido está a citação de Wacquant quando argumenta que “maior parte das pessoas gays podem ‘passar’ e não precisam ficar restritas à interação com os seus’, e ninguém é forçado a residir em áreas de concentrações de instituições gays” (Murray *apud* Wacquant, 2004, p.162). Ou seja, ser homossexual, assim como ser judeu, faz parte da categoria dos desacreditáveis.

Tal prova é a usual expressão “sair do armário” que indica que tal pessoa decidiu não mais esconder a sua homossexualidade, o seu estigma. Portanto, assim como os judeus, os homossexuais teriam a oportunidade de não revelar aquilo que os estigmatizaria, sendo assim, o processo de segregação pode ser considerado uma opção e não necessariamente uma imposição.

Ainda neste sentido, Eve Sedgwick (2007) apresenta uma argumentação que vai ao encontro de tudo o que foi colocado acima, entretanto pontuado as especificidades dos gays em relação aos judeus:

O racismo, por exemplo, baseia-se num estigma que é visível, salvo em alguns casos excepcionais (casos que não são irrelevantes, mas que delineiam as margens, sem colorir o centro da experiência racial). O mesmo vale para as opressões fundadas em gênero, idade, tamanho, deficiência física. Opressões étnicas/culturais/religiosas, como o anti-semitismo, são mais parecidas [com os homossexuais], pois o indivíduo estigmatizado tem pelo menos alguma liberdade de ação – embora, o que é importante, não se possa garantir quanta –sobre o conhecimento das outras pessoas acerca de sua participação no grupo: poder-se-ia ‘sair do armário’ como judeu ou cigano, numa sociedade urbana heterogênea, de maneira mais inteligível do que se poderia ‘sair’ como, digamos, mulher, negro, velho, usuário de cadeiras de rodas ou gordo. De qualquer maneira, uma identidade judia ou cigana (por exemplo) e, portanto, um segredo ou armário judeu ou cigano seriam diferentes das versões distintamente gays dessas coisas em sua clara linearidade ancestral, nas raízes (por mais tortuosas ou ambivalentes) da identificação por meio da cultura originária que cada indivíduo tem (no mínimo) na família (Sedgwick, 2007, p.32).

### **5.1. O estigma dos entrevistados**

Para entender a noção que os entrevistados têm do estigma não existe uma pergunta específica no roteiro de entrevista. O que existe são perguntas que de uma forma ou de outra tentam captar como os entrevistados se posicionam em relação à sua sexualidade e a



homossexualidade em geral. Neste sentido, está a pergunta “o que você acha das pessoas se assumirem?” Pois, como dissemos no tópico acima, ao considerarmos a homossexualidade um estigma e, dentro da classificação proposta pelo Goffman, desacreditáveis, o ato de se assumir pode implicar, de maneira abrangente, ser desacreditado, ou seja, lidar diretamente com o preconceito e, conseqüentemente, com o estigma.

Entretanto, assumir a homossexualidade não é um ato único, muitas vezes as pessoas assumem a sua sexualidade para alguns grupos enquanto para outros, não. Neste sentido, estão as perguntas que tentam identificar para que grupos o entrevistado declarou a sua sexualidade: amigos, família e colegas de trabalho. De modo geral, a análise das respostas dadas pelos entrevistados que entrarão neste bloco não serão de uma pergunta específica do roteiro, pois cada entrevistado “revelava” em um local diferente da entrevista as colocações que mais no interessam sob o ponto de vista do estigma.

#### 5.1.1. Preconceito

Num primeiro momento e numa tentativa de sistematizar os dados das entrevistas, iremos analisar as respostas dadas a pergunta “Você já sofreu algum tipo de preconceito?” Para análise dessa pergunta não levaremos em consideração aquelas pessoas que se declararam heterossexuais (Marcela, Lúcio e Rafael).

Das 23 entrevistas feitas com pessoas que se declararam homossexuais ou que tinham relações homoafetivas, 12 responderam que já sofreram preconceitos e 11 responderam que não.

Entre os doze que responderam que já sofreram preconceitos, cinco descreveram o preconceito como algum tipo de agressão verbal: piadinhas, xingamentos na rua ou comentários. Entre esses cinco, dois relataram essas situações como não importantes. Nas palavras de André, *Preconceito, preconceito não. Já de coisas pequenas, de pequenos comentários, de algumas coisas, mas nada muito sério, não. Nada que tivesse me abalado ou...* [sic]. Da mesma forma, Juliana pontua *Não diretamente assim. Não nada muito pesado. Mas já. Assim tive ‘ah...sapatão’, passando na rua assim com a minha namorada ou alguma coisa do tipo e a pessoa falar coisas pejorativas do tipo: ‘vem cá que eu te ensino o que que é bom’, coisas do tipo* [sic].

Quatro dos entrevistados que já sofreram preconceito descreveram situações de preconceito dentro da própria família, seja no seu sentido nuclear ou mais amplo. Tânia relata que *“você ouviu historinhas que se você tivesse lá as historinhas não seriam contadas. Aquelas insinuações. Então, são coisas que no primeiro momento você finge que não ouviu, aí em outros momentos você fica meio que se sentindo mal, mas no terceiro momento você já vai... já começa a colocar as suas idéias [sic].”*

Somente em um caso o preconceito de familiares relatado pelos entrevistados teve uma ação concreta, no sentido de ultrapassar as palavras e o discurso. Foi o que informou Jessica Luxo *“Um ex-cunhado soube que eu era drag queen e confundiu toda minha cabeça. E entrou com um processo discriminatório pra pegar minha sobrinha que morava comigo e com a minha irmã [sic].”* As demais declarações das entrevistadas foram bastante pontuais como Larissa quando declara que *“minha mãe tem nojo de mim [sic]”* e Maria Paula quando diz que *“a mãe da minha ex-namorada me detesta....quer que eu morra [sic].”*

Outros três entrevistados descreveram situações concretas de preconceito. Mauro não conseguiu uma promoção no trabalho por ter sua sexualidade “revelada” por outra colega que pretendia a mesma vaga e por ter um chefe *“preconceituoso, filho de militar e evangélico assim bem cabeça fechada, visão fechada, pouca visão, deu preferência a ela à mim [sic].”* Tiago relata que simplesmente dois clientes pararam de comprar na loja onde trabalha e ele atribui esse fato aos clientes acharem que ele é homossexual. Já Cristiane, informou que foi impedida de demonstrar afeto em locais públicos.

O único entrevistado que declarou ter sofrido algum tipo de agressão física foi Lucas, entretanto, sua declaração é bastante peculiar *“Eu já fui apedrejado, eu já passei por várias situações assim que é dos extremos, né? Mas a gente tem que relevar porque como nós temos nossos direitos, as outras pessoas também tem, né? A gente deve respeitar o direito de cada um [sic].”*

Entretanto, para entender melhor a questão do estigma é interessante a análise do discurso daqueles que afirmam que nunca sofreram preconceito e a razão por isto nunca ter acontecido.

Como já foi dito anteriormente, foram onze as pessoas entrevistadas que disseram nunca ter sofrido preconceito. Destas, uma se declarou bissexual, e duas apesar de declararem se relacionar homoafetivamente com outras mulheres não se declaram como

gays ou lésbicas. Cássia esclarece *Eu tenho uma companheira, não sei se eu sou gay* [sic]. Ao passo que Patrícia ao ser perguntada se os seus amigos sabiam que ela era gay, é enfática na resposta *não, eu não me coloco assim* [sic].

Cinco dos entrevistados que nunca sofreram qualquer tipo de preconceito relacionam esse fato de alguma forma com a sua própria atitude. Esses cinco entrevistados conhecem pessoas que já sofreram preconceito ou consideram Brasília, em alguma medida, uma cidade onde o preconceito está presente, entretanto, afirmam que não sofreram preconceito pelo fato de: serem reservados, de saberem se comportar, de serem discretos, entre outros.

Eduarda ao responder a pergunta se ela já tinha sofrido preconceito diz: *Não, de preconceito não. Até hoje não. Eu acho que tem pra quem quer trabalhar, né, para quem tem um estilo bem diferente, uma mulher bem masculinizada para entrar hoje num mercado de trabalho, que ela não estude, que ela não tenha concurso público é bem difícil. Eles não vêem competência, eles vêem aparência também* [sic].

Cláudia já detalha mais o porquê dela nunca ter sido vítima de preconceito *eu acho que também assim é a questão de você se comportar nos lugares que não devem, não são..eu acho que tem respeito, né? Assim como a gente quer o respeito, eu acho que tem que respeitar também. Ai eu respeito então não tem problema, nunca tive* [sic]. Fábio, da mesma forma, também enxerga a existência do preconceito com um determinado tipo de comportamento:

*depende da forma como você se apresenta pro mundo. Se você é uma pessoa que de repente mexe com as pessoas na rua, que faz várias coisas desse tipo, com certeza o preconceito vai ser maior, você vai ser rotulado 'ah, o viadinho ta passando na rua'. Caso não seja assim, eu acho que não, não* [sic].

Luiz e Camilo explicam o porquê de não terem sofrido preconceito e, diferentemente das respostas acima, pontuam uma característica própria e não dos outros. Nas palavras de Luiz *Não, eu sou muito discreto. Eu sou uma pessoa que não gosto de chegar dizendo que eu sou gay* [sic]. Já Camilo, primeiramente responde unicamente que não sofreu preconceito, mas que conhece pessoas que já sofreram. Posteriormente, quando pedido para exemplificar as situações de preconceito que ele já viu acontecer, esclarece e enfatiza o seu caso: *Ah, duas amigas minhas ficando, aí reclamaram com elas, skin heads*

*já correram atrás de amigos meus, mas comigo especificamente não. Mesmo porque eu sou mais reservado [sic].*

O ponto a ser ressaltado de todos os entrevistados que tiveram acima as suas respostas descritas é não terem sofrido preconceito pelo fato de, em última instância, não se colocaram como homossexuais. Ou seja, de serem desacreditáveis e nas situações de interações sociais manipularem a informação para não deixar que a sua sexualidade transpareça, em outras palavras, é ser muito discreto, é ser mais reservado, é a forma que você se apresenta ao mundo, é a questão de você saber se comportar nos lugares que não são homossexuais, etc. Esse ponto também é ressaltado por Tânia e Maria Paula, que declararam já ter sofrido preconceito. Ao falar sobre a existência de preconceito em Brasília, Tânia destaca:

*(...) Então eu acho que isso é um pouco dissolvido nessa realidade, mas não que o preconceito não exista. Ele só é um pouco mais velado, escondido, dissolvido. Os pontos de fuga eu acho que em Brasília são maiores. Pontos de fuga assim, as pessoas conseguem se libertar, se liberar um pouco mais. Vivenciar outras coisas de uma maneira mais anônima, então isso acaba sendo um pouco mais tranquilo. Claro que é óbvio se você colocar lá um casal homossexual se beijando na rua ou se um cara sai vestido de mulher, com certeza vai sofrer preconceito ou vai ser agredido se não for morto. Então, o preconceito é muito forte ainda em todos os lugares [sic].*

Da mesma forma, Maria Paula especifica claramente *eu acho que existe (o preconceito) se é expresso de uma forma visível, se não for visível eu acho que existe uma aceitação [sic].* Aqui podemos questionar se realmente é uma aceitação, uma vez que essa suposta aceitação não tem um objeto, dado que esse objeto não é visível.

Somente duas entrevistadas que se declararam gays e que nunca sofreram preconceito, não fizeram, em nenhuma parte da entrevista, alusão a questões comportamentais.

Ney também foi enfático ao declarar que nunca havia sofrido preconceito, especialmente em Brasília, que ele considera uma cidade bastante plural: *Eu nunca tive esse problema, pelo contrário, assim, Brasília é o lugar, assim, que eu mais me sinto tranquilo em relação a minha sexualidade [sic].* Mais adiante ele ainda esboça uma definição das pessoas que sofrem preconceito *na verdade o preconceito não é nem pela sexualidade da pessoa. Eu acho que é por algumas atitudes, imagino, que eu não sei quais. Eu não sei falar disso não, porque eu realmente não tenho experiência com preconceito, não sei, nem comigo, nem com outras pessoas. Não sei te falar disso [sic].*

Entretanto, mais adiante na entrevista, ele se lembra de uma situação em que ele foi vítima de preconceito. Nas suas palavras:

*Ah, ta aí uma história. Dois caras que estavam lá embaixo (do Café Cancun) viram a gente se beijando lá em cima e não gostaram. Aí, ele pegou o copo que ele tava com cerveja, acho que tava pela metade de cerveja e ele jogou, assim, pra cima. Então, a gente saiu... Respingou cerveja na gente. A gente olhou lá pra baixo, eram dois caras. E ficaram olhando pra gente, tipo assim, querendo tomar satisfação: 'ó, vocês não tem que fazer isso aí[sic].*

Será que nesta situação ele teve as atitudes que não soube explicar no momento anterior? E a partir de sua fala, podemos arriscar que atitudes seriam essas. Seria exercer a sua homossexualidade em locais não destinados a isso, como por exemplo, o Café Cancun no qual se passou a situação acima? Ney afirma não esconder a sua sexualidade de ninguém, nem no trabalho, onde afirma que todos o tratam com naturalidade, ele esclarece mais sobre esse ambiente que ele vive *mas eu acho que o meio em que eu vivo é um meio que não tem muito espaço para isso, né? São pessoas mais politizadas, então não cabe. Nem cabe preconceito [sic].*

Entretanto, a partir do momento em que ele sai desse meio mais politizado e exerce de fato a sua sexualidade ele sofre preconceito. Apesar de que ele alega não ter nenhum tipo de restrição de locais para exercer a sua sexualidade, *eu beijo na boca em qualquer lugar. Beijo. Em qualquer lugar que eu tenha vontade eu beijo. Só que eu nunca encontro alguém que tenha a mesma coragem que eu. Mas eu já encontrei e já fiz isso aqui em Brasília. Por exemplo, eu já beijei na boca numa festa no Café Cancun (...) [sic].* A partir daí, ele começa a relatar essa história e se lembra que exatamente nessa ocasião ele presenciou uma atitude preconceituosa. Coincidência?

#### 5.1.2. O beijo na boca ou o motivo de freqüentar locais gays

Um ponto interessante é entender o que significa exercer de fato a sua sexualidade. No exemplo acima de Ney é beijar na boca, pois com este ato ele afirma com todas as letras a sua homossexualidade, pois está beijando a boca de outro homem.

Na verdade, a importância do beijo na boca surgiu em outras quatro entrevistas como o motivo pelo qual as pessoas freqüentariam locais gays ou gls. Na de Ney, já citada anteriormente, ele explica que o fato de freqüentar lugares gays está relacionado a possibilidade de paquerar: *então, você vai poder paquerar, você vai poder ficar mais à vontade com essas pessoas. Então, para mim essa é a única coisa que é mais vantagem de*

*ir num lugar gay, por exemplo, se você está a fim de paquerar [sic] e mais adiante ele ressalta literalmente: mas a coisa mais importante de todas é que você pode beijar na boca. Esse é o mais importante de todos: você pode beijar na boca [sic].*

Da mesma forma, Juliana responde *ta em casa, se sentir bem, se sentir tranqüila, sem medo dar um beijo na boca da minha namorada, sem medo de abraçar um amigo meu gay, sei lá, de ter carinho, de fazer coisas que.....de namorar, de estar com a minha namorada, poder namorar tranquilamente, sem ninguém para encher meu saco [sic].* Cristiane, durante a entrevista, relata que só tem freqüentado ambientes gays ultimamente e quando questionada do porquê deste fato, responde como se fosse o motivo mais óbvio: *pelo fato de eu ser gay! Eu saio, eu quero ver uma mina legal, eu quero ficar, eu quero beijar na boca. Eu quero me sentir a vontade pra isso [sic].* Fábio segue a mesma linha de raciocínio *encontrar os amigos, rir bastante, acho que é isso. Não tem muita... quando a gente está solteiro dá uma olhada, procura alguma coisa, beija na boca se for o caso. É isso, essa liberdade [sic].*

Outros onze entrevistados não citaram especificamente o beijo na boca como o motivo de freqüentar locais gays ou gls, mas descreveram motivos semelhantes como poder abraçar os amigos e poder paquerar, como foi colocado por Camilo e Luiz, respectivamente, ou descreveram de forma mais “abstrata” como poder se expressar melhor ou se sentir mais a vontade.

José descreve de uma forma clara o porquê de freqüentar locais gays *eu acho que é uma questão de me sentir bem, porque como eu já disse, num lugar gay em me sinto à vontade, quando eu to num lugar que não é gay eu to... policio muito mais as minhas atitudes porque um olhar pode ser mal interpretado, imprevistos acontecem, uma colocação sei lá, então eu me policio mais e num lugar gay eu me sinto completamente a vontade(...) [sic].*

Outros oito entrevistados (Roberta, Tiago, Cristiane, Lucas, Patrícia, André, Eduarda e Adriana) respondem de forma semelhante, ou ressaltando a liberdade que se tem ao freqüentar esses locais ou o fato de sentirem mais a vontade, que, no final das contas, significa a mesma coisa: poder ser você mesmo e não esconder sua sexualidade. As declarações de Roberta e Lucas sintetizam isso de alguma forma: *é um lugar que eu me sinto bem, onde eu posso me sentir a vontade, falar o que eu sinto, o que eu penso [sic],*

(...) *é tudo de bom. Pelo menos você pode se soltar, ser o que você é realmente, sem colocar nenhuma máscara no rosto* [sic].

Um fato que nos chamou a atenção foi a declaração de três entrevistadas de relacionarem o fato de freqüentarem lugares gays para encontrarem uma namorada ou uma parceira. Não que os homens entrevistados não levantaram essa questão como Fábio, Luiz e o próprio Ney que pontuaram que freqüentam tais lugares para paquerarem e beijar na boca, mas há uma diferença significativa de termos usados. Cláudia justifica a sua presença no Barulho da seguinte forma *Olha, pra mim agora, é que eu to solteira, então eu to a procura, sério mesmo, eu to a procura de alguém, eu acho que só nos lugares assim que eu....eu não vou me aventurar num bar que não é e me encantar com uma pessoa que não é* [sic]. Já Maria Paula é mais objetiva *significa encontrar pessoas que tenham as mesmas afinidades que eu, ou talvez uma facilidade de encontrar uma parceira, uma companheira* (...) [sic]. E, por sua vez, Larissa é quase ríspida em sua resposta: *ah, eu to a procura de uma namorada* [sic] – fato também intimamente relacionado ao poder exercer a sua sexualidade.

Podemos perceber dois pontos importantes sobre o estigma na fala dos entrevistados considerando o que foi posto até agora. Inicialmente notamos uma distinção entre “eu que não sofro preconceitos” e “os que sofrem preconceitos”. No sentido de, “os outros que sofrem preconceitos” o fazem ou por escolherem voluntariamente essa situação por motivos de não saber se portar nos devidos lugares, ou por anunciarem automaticamente a sua sexualidade, conforme será elaborado mais adiante. O “eu que não sofro preconceito” sabe muito bem manipular as informações em determinados espaços, aproveitando o fato de ser desacreditável, não revelando o seu estigma e, conseqüentemente, não sofrendo qualquer tipo de preconceito.

Entretanto, o segundo ponto vem à tona ao elucidarem o porquê de freqüentarem lugares homossexuais: são nesses locais onde eles não necessitam manipular qualquer tipo de informação porque são lugares onde o ser desacreditado é o pano de fundo do porquê estarem ali, é quase a inteligibilidade do local. Lógico que também existem variações do poder ser desacreditado, uma vez que os espaços da cidade de Brasília diferem em seus níveis de tolerância. Apesar dessas diferenças, esses locais oferecem a possibilidade de ser

desacreditado. Porque poder beijar na boca, no caso de um homossexual, é a expressão máxima do ser desacreditado.

Vale a pena ressaltar que as considerações tecidas acima não representam a totalidade da opinião dos entrevistados - pois Ana Júlia e Mauro declaram que freqüentavam locais gays ou gls pelo estabelecimento em si, e não pelo “rótulo” dado ao estabelecimento – mas é uma percepção que se fez recorrente na fala dos entrevistados e que nos chamou a atenção.

### 5.1.3. Ser ou não ser?

Outro ponto que se relaciona com a noção de estigma, e já colocado anteriormente, é o que os entrevistados disseram sobre o se assumir ou, na linguagem da nossa pesquisa, ser desacreditado. Entretanto, as falas dos entrevistados trazem muitas nuances do que é se assumir: é não viver uma mentira, é dizer necessariamente para todo mundo que você é homossexual, é ser simplesmente verdadeiro? E, a partir de todos esses questionamentos, não é possível aplicar tão diretamente o termo desacreditado para quem se diz assumido, devido exatamente a essas mesmas nuances.

Dos 26 entrevistados, onze disseram de uma forma ou de outra que é uma questão bastante pessoal, que tem prós e contras e que, portanto, deve ser uma decisão bastante consciente da pessoa, tanto é que, a partir do momento em que ela se assumir algumas coisas necessariamente vão mudar. A resposta de Cristiane é bastante eloqüente:

*Eu acho que... eu não isso o termo coragem porque eu acho que é um termo muito arcaico. Você tem que ter coragem de matar alguém, você tem que ter coragem de roubar, eu acho que não é coragem. Eu acho que é alguma coisa similar, só que de uma forma que, sei lá, eu acho que a pessoa ela tem a consciência, é essa é a palavra – consciência. Porque, de certa forma, você desencadeia uma série de coisas, você perde amizade, e você perde parente e você vive um eterno boato, entendeu? (...) Então eu acho que quem se assume tem que ter a consciência de que o preconceito existe e que você vai ter que lutar contra isso eternamente. [sic].*

Camilo, Lucas e Mauro, ao responderem essa pergunta o fizeram baseados em suas próprias experiências pessoais e positivas e à exceção de Mauro somente responderam isso.

Outros sete entrevistados afirmaram que as pessoas devem se assumir. Desses sete, cinco eram mulheres e dois homens – sendo estes dois homens exatamente os que se identificaram como heterossexuais. Entre os motivos pelos quais as entrevistadas disseram que as pessoas devem se assumir existe *a necessidade das pessoas se acostumarem com as*



*diferenças* (Juliana), *mostrar ao mundo quantos somos* (Larissa), sendo que as demais<sup>28</sup> não explicitaram um motivo especial.

O depoimento dos dois homens heterossexuais sobre o fato de que as pessoas devem se assumir pode ser lido como uma colocação distante, pois, uma vez que são heterossexuais, eles não vivenciam o preconceito e muitas vezes até consideram que o mesmo não existe – que foi o caso de Rafael inicialmente, sendo o preconceito uma das características mais importantes para tomar a decisão de se assumir ou não.

Um ponto que deve ser ressaltado é o fato de não podermos relacionar diretamente as declarações sobre o que os entrevistados acham do “se assumir” e o modo que lidam com a sua própria sexualidade. Num primeiro momento, é bastante razoável pensar que se alguém afirma que os outros devem se assumir, essa pessoa deve ser assumida, senão em todas as esferas da sua vida, pelo menos na maioria delas. Entretanto, observamos quase que situações inversas. Patrícia mesmo declara: *Acho legal a pessoa se aceitar sim, achar que deve se assumir. Não tenho nada contra, acho legal. Eu não vou negar, eu realmente não abri meu livro pra ninguém [sic].*

Da mesma forma que, Cláudia e Juliana que afirmaram com todas as letras que as pessoas devem se assumir, relatam que no ambiente de trabalho não revelaram a sua homossexualidade. Ao passo que para José, que em sua fala não transparece essa obrigação de se assumir, pelo contrário, ele é contrário a esse tipo de atitude, sua orientação sexual é conhecida tanto por amigos, como família e colegas de trabalho. Lógico que existem casos nos quais essa associação pode ser feita, como no caso de Larissa, e no de Luiz, entretanto, deve ser pontuado que essa não é a regra.

Na verdade, de acordo com Sedgwick (2007) a questão do sair do armário ou do se assumir é uma constante não só da vida dos homossexuais, mais principalmente na deles:

mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimos que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica, ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que, como Wendy em *Peter Pan*, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos de parte das pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (Sedgwick, 2007, p.22).

---

<sup>28</sup> Clarice, Adriana e Patrícia

Ou seja, na vida de um homossexual não há somente um ato de assumir, ou de sair do armário, mas isso é uma prática recorrente, característica essa diretamente relacionada ao fato de ser desacreditável, existe uma tensão constante na manipulação de informações e que a cada novo encontro o “armário” é instituído, já que a heterossexualidade é a sexualidade dominante e presumível. E um outro ponto interessante que deve ser ressaltado é o que de fato significa o “se assumir” e a que tipo de homossexual ele está vinculado.

Outros seis entrevistados têm suas falas giram sobre àquelas nuances anteriormente citadas. As falas de Maria Paula e de Francisco transitam entre os conceitos de verdade e mentira. Para Maria Paula se assumir é importante porque *viver uma mentira não alimenta[sic]*, enquanto que para Francisco o que ele considera importante é *as pessoas serem verdadeiras [sic]*.

Ney e Tânia têm argumentações semelhantes ao dizer que as pessoas devem se assumir, mas no instante seguinte voltam atrás. Nas palavras de Ney, *eu acho que tem que se assumir, assim, não é obrigado a chegar e dizer pra todo mundo que você é gay, mas eu acho que você não tem que se esconder [sic]*. Já Tânia argumenta “(...) *bem, eu acho que tem que dizer né, porque ....Não que tem. Ninguém tem nada. Lembrando Foucault na sociedade confessada, a gente não tem que dizer, mas acho que se você quer dizer, se você se sente bem dizendo e se faz mal esconder, tem que ser dito. Aliás, não precisa ser escondido, não é que tenha que ser dito. Não precisa ser escondido [sic]*.”

Nos trechos acima descritos, podemos assinalar um primeiro par de oposições em relação a se assumir: dizer X não esconder. Os dois entrevistados ressaltam essa diferença – a sexualidade não deve ser dita, mas não deve ser escondida.

As falas de Ana Júlia e de Luiz, apesar de não utilizarem as mesmas palavras remetem ao mesmo par de oposição das falas de Ney e de Tânia. Ana Júlia afirma: *Eu acho que as pessoas têm que se assumirem. Se não se assumirem elas não vão ser felizes. (...) você não precisa ficar com uma coisa estampada na testa dizendo eu sou gay, mas você tem que agir com a coerência daquilo que você é [sic]*. Luiz é enfático em assinalar a não necessidade de dizer a sua sexualidade *eu tenho amigos que brigam: ‘ah, você tem que tentar e chegar e dizer que eu sou gay’*. *Pra que isso? Acho que é uma coisa.....vocês vão notar que eu sou gay. Não preciso ficar anunciando, não tem necessidade [sic]*. E mais

adiante na entrevista ele pontua *eu acho que a pessoa tem que ser o que ela é. Você não precisa esconder não e ficar fazendo teatro nem nada. Se você quer....* [sic].

Nesses trechos, a oposição se faz entre **ser o que você é X anunciar a sua sexualidade**. Aqui o que é enfatizado é que não existe a necessidade de anunciar a sua sexualidade, nas palavras de Ana Júlia, *andar com uma coisa estampada na testa dizendo eu sou gay*, entretanto, deve-se agir coerentemente com aquilo que você é, ou seja, homossexual. Em outras palavras, não se deve esconder ou agir de maneira diferente àquilo que você seja.

A partir desses apontamentos, outra questão que surge é o que seria de fato anunciar a sua sexualidade, estaria ligado meramente à fala ou características próprias dessas pessoas também entrariam no rol da anunciação? Outra vez, as declarações de Luiz são pertinentes *eu não gosto de gente afetada. Acho que não tem necessidade de você ser afetado. Agora assumir? Você quer? Faz bem pra seu...pra você se assumir e falar, tudo bem* [sic].

Apesar de Luiz tentar distinguir o fato de ser “afetado” do de ser assumido, acredito que a relação ainda possa ser estabelecida. Pois ser afetado, é portar visivelmente as características do subconsciente coletivo do que é um homem homossexual. Outro ponto curioso é que não há a necessidade de portar as características visíveis ou estigmatizantes dos homossexuais – ser afetado - e existe, ao mesmo tempo, a necessidade de você não se esconder, e de alguma forma esses dois pontos não se encontram ao longo da fala de Luiz, são coisas distintas. O que vale a pergunta: qual tipo de homossexual não precisa ser anunciado e qual precisa, necessariamente, ser escondido?

Talvez sejam exatamente esses “afetados” que sofram mais preconceito, como Ney mesmo pontuou que o preconceito não é tanto pela sexualidade, mas por alguns tipos de comportamentos. E a versão feminina dos afetados, talvez seja como Eduarda exemplifica mulheres bem masculinizadas, que segundo ela, também têm uma possibilidade maior de sofrer preconceitos. Talvez, para essas pessoas, não exista a possibilidade de anunciar, uma vez que a homossexualidade já está inscrita e anunciada em seus corpos. Estes seriam propriamente os desacreditados, entretanto, durante a entrevista não houve nenhum entrevistado que se colocou dessa maneira, sendo mais recorrente eles colocarem essas pessoas como os diferentes deles, como Luiz o fez, como os “outros”.

## 6. Conclusão

Foram 26 entrevistas gravadas ao longo da pesquisa nos três locais selecionados. E buscou-se entrevistar pessoas que divergiam entre si, para tentar captar ao máximo a diversidade dos frequentadores de lugares majoritariamente homossexuais em Brasília. Apesar de a nossa intenção ter sido a de entrevistar homossexuais que frequentam tais lugares, sabemos que nem todas as pessoas que frequentam esses lugares se definem como tal. Desse modo, entrevistamos três pessoas que se declararam como heterossexuais.

A tabela abaixo apresenta o quadro geral dos entrevistados com as informações mais objetivas, como escolaridade, profissão, local onde mora, etc.

Tabela 3: Informações gerais dos entrevistados.

Informações Gerais								
Local da Entrevista	Nome	Idade	Local onde mora	Profissão	Trabalha	Local de Trabalho	Nível de Escolaridade	Mora..
Barulho	Tiago	23	Sobradinho	Balconista	Sim	Asa Norte	2o grau	Amigos
Barulho	Juliana	25	Guará	Analista	Sim	Asa Norte	Superior incompleto	Com mãe
Barulho	Patricia	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu	--	--	Superior	Familiar/ parceiro
Barulho	Larissa	21	Asa Sul	Estudante	--	--	Superior incompleto	Mãe e madrinha
Barulho	Camilo	26	Asa Norte	Contador	Sim	Funcef	Superior	Pais
Barulho	Cristiane	22	Núcleo Bandeirante	--	Não	--	Superior incompleto	Pais (mas foi casada dois anos)
Barulho	Lúcio	21	Asa Sul	Cozinheiro	Sim	--	-	Sozinho
Barulho	Lucas	32	Asa Norte	Cozinheiro	Sim	--	Médio	Sozinho
Barulho	Clarice	30	Sudoeste	Contadora	--	--	Superior	Sozinho (foi casada a nove anos)
Beirute Norte	Cássia	46	Asa Norte	Professora	Sim	--	Superior	Com companheira
Beirute Norte	Marcela	44	Lago Norte	Orientadora Educacional	--	--	Superior	Não perguntei
Beirute Norte	Jéssica Luxo	38	Tagatinga	Autônomo	Sim	--	Médio	Sozinho
Beirute Norte	Rafael	50	Asa Norte	Engenheiro Agrônomo	Sim	--	Superior	Sozinho (separado e tem duas filhas)
Beirute Norte	Fábio	25	Guará	Cabeleireiro	Sim	--	Superior Incompleto	Sozinho, mas morava com o namorado
Beirute Sul	Francisco	62	Asa Sul	Formado em direito/ Produtor Cultural	Não	--	Superior	Irmão (Está em trânsito)
Beirute Sul	Adriana	28	Asa Norte	Cantora	Sim	Escritório de contabilidade	Superior incompleto	Pais
Beirute Sul	Maria Paula	29	Lago Norte	Estudante	Sim	Berlitz	Superior	Pais
Beirute Sul	Roberta	Não respondeu	Sobradinho	vendedora	Sim	--	Médio	Pais (mas até o ano passado era casada com uma mulher)
Beirute Sul	Fernando	23	Asa Norte	Músico	Sim	Oquestra Teatro Nacional	Superior	Sozinho
Savana	Tânia	35	Lago Sul	Educadora Social	Sim	Governo	Superior	Amigas
Savana	Ney	36	Asa Sul	Engenheiro Agrônomo	Sim	Governo	Superior	Amigo
Savana	Ana Júlia	--	Lago Norte	Estudante	Sim	Em casa	Superior incompleto	Amigos
Savana	José	44	Asa Norte	Arquiteto	Sim	Câmara	Superior	Com companheiro
Savana	Luiz	Não respondeu	Setor Hoteleiro Sul	Professor universitário	Sim	Unb	Pós- Graduação	Com companheiro
Savana	Eduarda	33	Asa Norte	Comerciante	Sim	--	Superior incompleto	Não perguntei
Savana	Mauro	41	Asa Norte	Funcionário Público	--	--	Pós- Graduação	Sozinho

Fonte: A autora

A partir desta tabela podemos perceber que a idade varia de 21 a 62 anos, sendo que quase a metade dos entrevistados – onze deles – tem até 30 anos de idade. Considerando o local de moradia, e considerando o Plano Piloto como Asa Norte, Asa Sul, Lago Norte, Lago Sul e Sudoeste, veremos que dos 25 entrevistados que responderam a essa pergunta, 19 moram no Plano Piloto, o que representa 76% da nossa amostra. Os outros seis se dividem entre Guará (2), Núcleo Bandeirante, Sobradinho (2) e Taguatinga. Desses seis que não moram no Plano Piloto, três foram entrevistados no Barulho e três no Beirute – sendo dois no da Asa Norte e um no da Asa Sul – dados que acabam por reiterar a “fama” do Café Savana de só ser freqüentado pela elite de Brasília, ou seja, os habitantes do Plano Piloto.

A escolaridade varia de segundo grau completo até o nível de pós-graduação. Sendo que a maioria dos entrevistados, 84% tem, no mínimo, superior incompleto. Mais uma vez verificamos que os níveis mais baixos de escolaridade – os de nível médio – estão entre os freqüentadores do Barulho (2) e os outros dois entre os freqüentadores do Beirute. As profissões dos entrevistados também são bastante diversificadas. Entrevistamos professores, uma cantora, engenheiros agrônomos, músico, servidor público, estudantes, não existindo uma profissão que tenha aparecido mais de três vezes no rol das entrevistas.

Diferentemente da escolaridade e do local da moradia onde havia uma concentração de informações, não foi observada nenhuma predominância no sentido de saber se o entrevistado habita com alguém e qual a sua relação com esse alguém: 35% moram com a família – entendida como família sanguínea (pais, parentes) –, 35% moram sozinhos e dentre estes 8,5% moram sozinhos em decorrência de separação, ou seja, antes moravam com cônjuges ou companheiros. Do rol de entrevista, 17% declararam que moram com amigos e 13% afirmaram que moram com companheiros ou companheiras.

A diversidade dos entrevistados refletiu-se na heterogeneidade de respostas, o que impossibilita generalizações ou a possibilidade de indicar a forma como todos entrevistados se posicionaram em relação a algo, pois ela inexistente. Entretanto, o que iremos apontar abaixo são algumas percepções das entrevistas que mais nos chamaram a atenção e que trazem desdobramentos para o nosso tema.

É interessante notar a percepção dos entrevistados sobre o espaço do qual eles fazem parte, principalmente por estarmos tratando do Plano Piloto e dentro deste espaço, dos bares/cafés que eles freqüentam.

Brasília, como já foi dito anteriormente, é uma cidade peculiar devido a sua arquitetura e ao projeto de criação, o que faz com que exista uma certa indefinição entre os conceitos de espaços públicos e privados, principalmente quando nos referimos às superquadras.

De uma maneira geral, os entrevistados revelaram que um dos principais motivos para freqüentarem locais gays era o fato de, nesses locais, poderem exercer de fato a sua sexualidade, poderem expressar o que os estigmatiza: o seu afeto. Esse fato significa, por si só, a ampla consciência dos entrevistados de que não podem ou não devem exercer a sua sexualidade em qualquer lugar da cidade, pelo contrário, existindo locais específicos para isso: locais onde as pessoas se permitem ser desacreditadas.

Dessa maneira, podemos resgatar o conceito utilizado por Lim (2006) sobre *compound space* que, segundo o próprio autor, é um conceito derivado da noção do panóptico de Foucault que, por sua vez, apropriou-se de um termo utilizado por Bentham:

The role that laws plays is therefore crucial in analyzing how the dominant application of disciplinary technologies effects homosexuals' 'techniques of the self' and consequently maintains a heterosexual sense-of-place. Such disciplinary technologies are best conceptualized by Foucault's (1979) 'panoptic effect'. Originally, Foucault's analysis of the panopticon (following Bentham) is contingent of the precondition of spatial confinement, since it is only when spaces are confined that observation, judgment and punishment can be easily facilitated. Extending this analysis, Hannah (1997) calls such spatial control 'compound discipline', wherein disciplinary power is exerted within a compound space. In addition, Hannah's definition of 'compound space' is expanded to include places without stringent barriers to entry and exit. However, Hannah's claim that the public and private status of compound space will affect disciplinary effectiveness does not hold in Singapore's context, because even private spaces can be scrutinized, intruded upon and 'disciplined' (Lim, 2006, p.133).

Do trecho acima podemos ressaltar dois pontos importantes. O primeiro é o conceito de *compound space* que pode ser muito bem utilizado em Brasília. A exemplo de Cingapura onde os espaços privado e público se confundem, Brasília também apresenta esse tipo de imprecisão – entretanto, de maneira distinta.

Em Cingapura, o autor argumenta que é comum o Estado exercer seu poder de polícia em relação aos homossexuais em espaços privados – como festas particulares,

saunas, para prender os que lá estavam presentes – fato permitido por lei, uma vez que a homossexualidade não é permitida naquele país. Vindo daí a intromissão e vigilância do público no privado. Já em Brasília, a vigilância física é menos presente, não é uma prática constante de o Estado brasileiro fazer esse tipo de incursões – apesar delas existirem. Entretanto, isso não significa que essa vigilância não exista, ou que não tenha sido internalizada pela própria população da cidade.

Exemplos dessas internalizações podem ser verificados nas falas de alguns dos entrevistados, já reproduzidas anteriormente:

*Eu já fui apedrejado, eu já passei por várias situações assim que é dos extremos, né? Mas a gente tem que relevar porque como nós temos nossos direitos, as outras pessoas também tem, né? A gente deve respeitar o direito de cada um [sic].*

*Eu acho que também assim é a questão de você se comportar nos lugares que não devem, não são...eu acho que tem respeito, né? Assim como a gente quer o respeito, eu acho que tem que respeitar também. Aí eu respeito então não tem problema, nunca tive [sic].*

O que podemos perceber é que a heterossexualidade ou matriz heterossexual, como diria Butler, é tão introjetada que até os próprios homossexuais consideram que a sociedade tem o direito de censurá-los ou mesmo puni-los por não se conformarem às regras dominantes ou não se restringirem aos seus espaços. Em outras palavras, o que faz muitos homossexuais procurarem espaços “próprios” é o preconceito ou melhor, o medo de sofrer preconceito.

Esse fato nos liga ao segundo ponto anteriormente referido à citação de Lim (2006): as tecnologias do “eu”. O “se comportar nos lugares que não são”, ou seja, o comportar-se nos espaços majoritários da cidade significa não deixar transparecer a sua homossexualidade, o seu estigma e isso pode ser feito por meio das tecnologias do “eu”.

As tecnologias do “eu” nada mais são do que a manipulação de informações a respeito da própria pessoa. E as pessoas que precisam manipular constantemente informações a respeito do seu “eu”, em última instância, podem ser consideradas como desacreditáveis. Ou seja, em grande parte das interações sociais os homossexuais devem respeitar certos espaços da cidade e se comportarem, o que quer dizer, se comportarem como heterossexuais, o que é esperado, e não frustrar as expectativas dos demais – fato só possível aos desacreditáveis e não aos desacreditados.

Desta maneira, a hipótese do estigma e, conseqüentemente, a hipótese do voluntarismo podem ser confirmadas, uma vez que grande parte dos entrevistados relatou que freqüentam locais homossexuais para fins específicos como, por exemplo, paquerar. E, acima de tudo, quando os entrevistados esclarecem as práticas preconceituosas, cuja máxima pode ser extraída da fala de Ney, apesar dele não terminar o raciocínio: *na verdade o preconceito não é nem pela sexualidade da pessoa. Eu acho que é por algumas atitudes, imagino, que eu não sei quais* [sic].

Dessa forma, acaba-se tomando por base o indivíduo e não o fato social em si. Ou seja, esse tipo de argumentação esvazia o potencial coletivo de questionar as normas vigentes, pois todo o peso acaba se concentrando em um único indivíduo que se torna desviante, o que não deixa de ser uma forma de psicologizar condições sociológicas.

O esvaziamento das possibilidades do poder questionador da homossexualidade também aparece na pesquisa sobre o olhar do consumo e da *pink economy*. Os espaços homossexuais aparecem nas cidades como uma réplica ou paródia da classe média-alta heterossexual, reproduzindo ou, quem sabe, ampliando, principalmente, os padrões de consumo, o que traz para a cena o conceito de homonormatividade já explicitado anteriormente.

Fazendo uma analogia ao que Foucault (1988) argumenta no seu primeiro volume da história da sexualidade, no sentido de que a partir do momento em que as sexualidades “periféricas” vieram à tona, elas passaram a ser muito mais controladas e vigiadas do que outrora, é possível questionar se esses espaços homossexuais que têm surgido nas cidades também não trazem consigo um maior monitoramento das práticas homossexuais.

É neste sentido que Bell e Binnie (2006) falam da dessexualização destes locais, ou seja, a homossexualidade é tão controlada que ela perde aquilo que a caracteriza:

The hype about gay spending Power made gay culture ‘sexy’ in a commercial sense, while simultaneously desexualising it, and the creation of a new gay consumption spaces rests on a labour force who may be priced out a participating in those spaces as anything other than bartenders and go-go dancers (Bell & Binnie, 2006, p. 184).

Ou seja, nesses espaços encontramos uma homossexualidade aceitável ou uma homossexualidade comportada ou até mesmo domesticada, ao passo que as demais – as não domesticadas – para escapar desse controle, vão cada vez mais para as margens da sociedade. Utilizando-se da imaginação sociológica poderíamos nos perguntar se não



ocorre uma proposta de se deixar domesticar para ter acesso à visibilidade. E se essa é a proposta, até que ponto ela é válida?

Em Brasília não existe um espaço de fato homossexual, o que existem são alguns poucos estabelecimentos de lazer/entretenimento voltados para esse público ou por ele apropriados. Dessa forma, voltamos a ressaltar que os dois principais conceitos abordados na pesquisa – gueto e gentrificação – foram utilizados como opções metodológicas e não abarcam todas as dimensões dos locais estudados durante a pesquisa. Assim, talvez o conceito de tribos deva ser analisado mais profundamente para entender em que medida ele é um conceito válido para explicar a homossexualidade em Brasília ou se é usado como um artifício para esvaziar as práticas preconceituosas da cidade.

Entretanto, esse fato não nos impede de fazer algumas comparações entre os locais das entrevistas e os espaços homossexuais de outras cidades já citadas anteriormente. Considerando os três locais onde foram realizadas as entrevistas, é possível estabelecer uma distinção entre eles.

O Café Savana e o Beirute – tanto o da Asa Norte quanto o da Asa Sul – diferem em relação ao Barulho, conforme já apontado anteriormente, em relação ao comportamento de seus frequentadores. Logo, os frequentadores do Beirute e do Café Savana estariam mais perto de uma homonormatividade do que o do Barulho e, dessa forma, teriam mais visibilidade do que o bar situado no Parque da Cidade?

De fato, tanto o Beirute quanto o Café Savana são mais conhecidos que o Barulho. Esse fato pode ser relacionado à localização dos dois estabelecimentos, que se encontram no comércio, de frente para a rua, das entrequadras, enquanto que o Barulho fica situado no interior do Parque da Cidade, não sendo visível de carro na via de acesso mais próxima. Da mesma forma, o comportamento dos frequentadores do Barulho está muito mais distante em relação às regras vigentes do que os frequentadores do Café Savana ou do Beirute. Em outras palavras, a homossexualidade do Beirute e do Café Savana é uma homossexualidade muito mais asséptica ou uma homossexualidade mais assexuada do que a do Barulho.

Esse fato pode ser também revelado pelos comentários feitos na enquete do sítio Paroutudo - já citados anteriormente – de pessoas criticando vários dos comportamentos dos frequentadores do Barulho e usando deste fato para argumentar em favor do

fechamento do bar. Argumentação, de fato, utilizada pela administração do parque quando fechou o estabelecimento.

Contudo, talvez em Brasília não ocorra - como nos casos de outras cidades exemplificados anteriormente - uma troca entre domesticação – visibilidade, mas sim apenas uma permissão. Como não há nenhuma vontade do Estado em promover espaços gays na cidade, existe a necessidade de se “comportar” para conseguir ser aceito nos locais mais privilegiados da capital. Enquanto as cidades globais promovem certo tipo de homossexualidade, Brasília apenas tolera ou, na melhor das hipóteses, permite. De fato, tanto o Barulho quanto os seus freqüentadores estão mais à margem do que o Beirute e, principalmente, o Café Savana.

Ao longo da pesquisa verificamos como a literatura de gentrificação e gueto se cruza e entrecorta. Na literatura mais “clássica” esses dois conceitos não estabelecem um diálogo explicitamente, mas conseguimos relacioná-los principalmente por intermédio do estigma: a gentrificação ocorre para livrar um espaço do estigma, ao passo que o gueto se forma, principalmente, pelo estigma da população que lhe será específica. Neste sentido, podemos até estabelecer uma escala temporal onde a existência do gueto seria necessária para que a gentrificação ocorresse. Ou, como cita Wacquant, seria necessária a existência do gueto, em seguida o abandono dessa instituição pelo Estado – que o transformaria em hipergueto – que seria a deixa para que a gentrificação ocorresse.

Todavia, quando é acrescentada a figura do homossexual nesse cenário, a literatura que trata especificamente da relação entre sexualidade e territorialidade estabelece uma relação inversa: a gentrificação ocorre e somente depois é formado o gueto gay, como muitos chamam. Contudo – e como já foi pontuado anteriormente – esses espaços tratados por essa literatura como espaços gays ou mesmo guetos gays se formam principalmente pelo consumo e para o consumo, o que acaba por descaracterizar o próprio termo e o torna, simplesmente, sinônimo de um lugar freqüentado por um grupo similar ou homogêneo de pessoas – o que nos remete mais uma vez ao conceito de tribos –, relação também estabelecida por alguns de nossos entrevistados.

Neste sentido, é crucial para nossa análise entender que papel os homossexuais representam em Brasília. Exagerando a comparação feita anteriormente entre os freqüentadores do Café Savana e Beirute em relação aos do Barulho, será que poderíamos

separar os homossexuais em dois grupos? Da mesma forma que Sibalis (2006) cita o gueto selvagem e o gueto comercial, estaria o Barulho mais próximo ao gueto selvagem, dos estigmatizados e os outros dois locais ao gueto comercial e gentrificadores?

Pela ótica de nossos entrevistados, Brasília é uma cidade onde existe preconceito em relação à homossexualidade e aos homossexuais. E, segundo a pesquisa de Almeida (2007), esse fato não é um privilégio de Brasília, mas um retrato do Brasil. Neste sentido, os lugares gays da cidade não são o resultado de um processo de renovação urbana, revitalização ou gentrificação. Ou seja, não são espaços desestigmatizados, pelo contrário, a presença homossexual em Brasília, ainda estigmatiza alguns espaços da cidade, o que acaba por aproximá-los mais, neste sentido, do conceito de gueto do que o de gentrificação.

O esboço do processo de gentrificação que ocorre na cidade – se é que assim o podemos chamar – acontece para livrar espaços centrais da cidade – como o CONIC, o Barulho, por estar localizado no Parque da Cidade, o Setor Comercial Sul – de situações e populações que incomodam e os homossexuais fazem parte dessa população que “atrapalha”.

Como pontuado acima, os conceitos de gueto e gentrificação não se encaixam perfeitamente aos locais onde foram realizadas as entrevistas, entretanto, não é impossível relacioná-los à cidade de Brasília.

Pensando em Brasília como uma tentativa de uma volta para o centro do Brasil com uma classe específica de profissionais – *a service class* – como apontado no texto de Nunes (2004) isso não a aproximaria do conceito de gentrificação? Entretanto, duas perguntas devem ser feitas. A primeira questiona se realmente foi uma volta ao centro do Brasil, ou se Brasília seria mais caracterizada por uma ida ao centro? E a segunda – que está intimamente relacionada à primeira – é: a gentrificação não demanda sempre um deslocamento?

Para Brasília acontecer, alguém foi deslocado? Não havia ninguém aqui antes<sup>29</sup>. Podemos – fazendo um exercício de imaginação sociológica – até pensar que os candangos que construíram Brasília, em sua maioria nordestina, teriam feito o papel dessa categoria expulsa. Uma vez que eram eles que estavam aqui antes da burocracia estatal e que,

---

<sup>29</sup> Conforme pode ser constatado no estudo de Holanda, Kolhsdorf e Kolhsdorf, antes de Brasília, as cidades de Planaltina e Brazlândia já existiam.

literalmente, foram expulsos para as cidades satélites. Brasília toda seria fruto de um processo de gentrificação do Brasil?

Contudo, em Brasília não encontramos mistura, a arquitetura racional evita esse tipo de contato, as pessoas interagem somente com seus iguais. De fato, Brasília nos remete muito mais a imagens de paredes e muros, mesmo que invisíveis, que separam as pessoas do que a qualquer outra. Guetos diriam alguns, como disse Silva em seu artigo sobre Brasília – e como Tânia, em sua entrevista. Mas que guetos são esses, devemos nos perguntar? Aqui o movimento é o contrário: isolo-me por medo do contato, ao invés de isolar àqueles que me amedrontam. Não é a toa que chamam Brasília de ilha. Mas o estigma está do lado de fora e não de dentro.

Voltando ao exercício de imaginação sociológica, Brasília estaria o tempo todo tentando se manter fiel ao projeto do Plano Piloto, tentando ser atemporal e, neste sentido, tentando não permitir em seus espaços centrais a espontaneidade do encontro – representadas tanto pelo CONIC quanto pelo Barulho – e tolerando espaços onde o não previsto ocorra, entretanto, desde que de maneira mais despercebida possível.

## 7. Referências Bibliográficas

ALDRICH, Robert. Homosexuality and the City: Na historical overview. In: COLLINS, Alan (edit). *Cities of pleasure: sex and the urban socialscape*. New York: Routledge, 2006.

ALMEIDA, Alberto Carlos. *A cabeça do Brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, Marco Antônio Betinnne de; GUITIERREZ, Gustavo Luiz. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e as suas políticas públicas. *Conexões*, v.2. número 1. Campinas: Unicamp, 2004.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n° 4, jul/dez 2000, p.274-305.

ARÁN, Márcia; JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu* v.28, janeiro-junho de 2007, pp.129-147.

AUTHIER, Jean-Yves. A gentrificação do bairro Saint-Georges em Lyon: a convivência de mobilidades diferenciadas. In: BIDOUC-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. *Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares*. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Sociologia Urbana, do Departamento de Sociologia, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Brasília: Abril de 2006.

BELL, David & BINNIE, Jon. Authenticating Queer Space: Citizenship, Urbanism and Governance. In: COLLINS, Alan (edit). *Cities of pleasure: sex and the urban socialscape*. New York: Routledge, 2006.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. Introdução. São Paulo: Annablume, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.175-206.

CHARLSON, Freddy. *Um quarto de século servindo kibeirutes*. [online] Disponível na internet via

[http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO\\_20020328/vid\\_mat\\_280302\\_58.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020328/vid_mat_280302_58.htm).

Arquivo capturado no dia 02 de março de 2008.

CLAVER, Nuria. A ciutat Vella de Barcelona: renovação ou gentrificação. In: BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

COLLINS, Alan. Sexual Dissidence, Enterprise and Assimilation: Bedfellows in Urban Regeneration. In: COLLINS, Alan (edit). *Cities of pleasure: sex and the urban socialscape*. New York: Routledge, 2006.

CRIEKINGEN, Mathieu. A Cidade Renasce! Formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas. In: BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à*

*Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos.* São Paulo: Annablume, 2006.

DALL’ORTO, Sarah Campo. *Bar Barulho reabre as portas após passeata no parque.* [online] . Disponível na Internet via: <http://www.paroutudo.com/coberturas/20071202/>. Arquivo capturado em 02.02.2008.

D’ARC, Hélène Rivière. Requalificar o Século XX: projeto para o centro de São Paulo. In: BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos.* São Paulo: Annablume, 2006.

DIEHL, Astor Antônio e TATIM, Denise Carvalho. *Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas.* São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO (2007). *Família Brasileira*, 07 de outubro, pp.8.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a Vontade de Saber.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.227-255.

\_\_\_\_\_. Cada Macaco no seu galho? Poder, Identidade e Segmentação Mercado no Movimento Homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 21. pp. 103-115, número 60. São Paulo, 2006.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: Ltc, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar.* Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

GOLDSMITH, Larry. Forum on Gentrification Tackles Gay Responsibility. *Gay Community News*. v. 9. Iss. 29, Boston: FEB 13, 1982, p.1.

HIERNAUX-NICOLAS, Daniel. A Reapropriação de Bairros da Cidade do México pelas Classes Médias: em direção a uma gentrificação? In: BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

KNOPP, Lawrence. Sexuality and Urban Space: Gay Male Identity Politics in the United States, The United Kingdom, and Australia. In: FINCHER, Ruth & JACOBS, Jane (edit). *Cities of difference*. New York: The Guilford Press, 1998.

HOLANDA, Frederico; KOHLSDORF, Maria Elaine; KOHLSDORF, Gunter. *Brasília: da Carta de Atenas à Cidade de Muros*. [online] Disponível na Internet via: <http://www.unb.br/fau/dimpu/portugues/cidmuros.pdf>. Arquivo capturado em: 27/05/2008.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e a masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.207-225.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de. Gentrification ou Moradia Social: Estudo Comparativo do Consumo no Centro Antigo de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles (org.). *Urbanização e Mundialização: Estudos sobre a Metrópole*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LIM, Kean Fan. Where Love Dares (Not) Speak Its Name: The Expression of Homosexuality in Singapore. In: COLLINS, Alan (edit). *Cities of pleasure: sex and the urban socialscape*. New York: Routledge, 2006.



MACHADO, Marília Pacheco. *Superquadra: pensamento e prática urbanística*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Brasília: Setembro, 2007.

MAFFESOLI, Michel. Comunidade de Destino. *Horizontes Antropológicos*. Ano 12, n.25, pp.273-283, jan-jun. 2006.

MARTINEZ I RIGOL, Sérgi. Gentrification: Conceito e Método. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles (org.). *Urbanização e Mundialização: Estudos sobre a Metrópole*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MELÉ, Patrice. (Re)investir nos espaços centrais das cidades mexicanas. In: BIDOU-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

MILLS, Thomas C; STALL, Ron; POLLACK, Lance. Health-Related Characteristics of men who have sex with men: A comparison of those living in “gay ghettos” with those living elsewhere. *American Journal of Public Health*. June 2001, vol.91, n° 6 pp.981-983.

MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.9-18.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.101-128.

\_\_\_\_\_. Comentário. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.55-63.

NASH, Catherine. Toronto`s gay village (1969 – 1982): plotting the politics of gay identity. *The Canadian Geographer*, v.50, n.1 Spr.2006.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo. Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.54, n.1, 2002, pp.21-32

NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: A fantasia corporificada*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

NUNES, Brasilmar Ferreira & KUYUMJIAN, Naraina de Melo Martins. A “Sociologia” de um edifício urbano: o Conic no Plano Piloto de Brasília. [online] Disponível na Internet via <http://www.unb.br/ics/sol/urbanidades/brasilmarnara.htm>. Arquivo capturado em 26 de maio de 2008.

PATRON, Eugene J; FORREST, David W. Sobe: The making of a gay community. *The Gay & Lesbian Review*. v. 7, Iss.2, Boston, Apr 30, 2000, p.28.

PINO, Nádia Perez. A teoria *queer* e os intersex: experiências visíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, pp.149-174.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Cidade, Cidadania e Segregação Urbana. *The European Journal of Plannina* [online] Disponível na Internet via <http://www.planum.net/topics/documents/Ribeiro.pdf>. Arquivo capturado em 15/08/2007.

TORRES, João Rafael. *Viva o beijo, morra a guerra*. [online] Disponível na Internet via <http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=50444>. Arquivo capturado em 09 de junho de 2008.

SABINO, Thales. *O que você acha do fechamento do Barulho?*[online]. Disponível na Internet via <http://paroutudo.com/noticias/2007/11/13/bar-barulho-fica-fechado-temporariamente/>. Arquivo capturado em 04.12.2008.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, pp. 19-54, janeiro-junho de 2007.

SIBALIS, Michael. Urban Space and Homosexuality: The Example of Marais, Paris ‘Gay Ghetto’. In: COLLINS, Alan (edit). *Cities of pleasure: sex and the urban socialscape*. New York: Routledge, 2006.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro. BestBolso, 2008.

SILVA, Inaê Elias Magno da. *Utopia e silêncio: itinerários pedestres abortados em Brasília*. [online] Disponível na Internet via <http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/URB/URB-5-MAGNO-DA-SILVA.pdf>. Arquivo capturado em 05 de maio de 2008.

SMITH, NEIL. A Gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração urbana como estratégia urbana global. In: BIDOUC-ZAXHARIASEN, Catherine (coord). *De Volta à Cidade: Dos Processos de Gentrificação às Políticas Urbanas de “Revitalização” dos Centros Urbanos*. São Paulo: Annablume, 2006.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras & Perucchi, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos do gênero. *Psicologia & Sociedade*; 18 (3): 39-47; set/dez, 2006.

VILELA, Isabel. *Tradição chega a Asa Norte*. [online]. Disponível na Internet via <http://www.tribunadobrasil.com.br/?ned=2138&ntc=49769&sc=1>. Arquivo capturado em 24 de maio de 2008.

WACQUANT, Loic. Que é Gueto? Construindo um Conceito Sociológico. *Revista de Sociologia e Política*. Número 23: 155-164. Novembro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os condenados da cidade: estudos sobre a marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

\_\_\_\_\_. Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano. *Mana*. V.2, n.e, 1996, pp. 145-161.

WEITMAN, Sasha. Habitantes de gueto de todos os países: Uni-vos! Vocês não têm nada a perder, a não ser os muros! *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 23, novembro de 2004, pp.165-168.

WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Chicago: The University of Chicago Press, 1928.

\_\_\_\_\_. *Louis Wirth on cities and social life*. Chicago: The University of Chicago Press, 1964.

YÁZIGI, Eduardo. Funções Culturais da Metrópole: Metodologia sobre a Requalificação Urbana do Centro de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, CARRERAS, Carles (org.). *Urbanização e Mundialização: Estudos sobre a Metrópole*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

## Anexos

### Anexo I: Roteiro da entrevista semi-estruturada.

- a) Relação com o Espaço Físico
  - Há quanto tempo frequenta este bar/restaurante?
  - Porque você frequenta esse bar/restaurante? (Público/ Ambiente/ Serviço/Amigos?)
  - Existe um grupo de pessoas específico que frequenta este bar? O que você pensa das pessoas que frequentam este bar?
  - Porque você acha que essas pessoas frequentam este bar? (moda/ uma questão de identidade/ orgulho)
  - Esse bar sempre foi frequentado por essas pessoas?
  - Você consideraria esses lugares gays como guetos? Por quê?
  - O que é um gueto pra você?
  
- b) A cidade de Brasília
  - Você acha que Brasília tem boas opções para o público homossexual?
  - Que outros locais gays em Brasília você conhece? Quais você costuma ir? (Por quê?)
  - Que outros lugares de entretenimento você costuma ir?
  
- c) Movimento Social
  - Você participa de algum movimento político? (Universidades, ONGs, etc?) Qual?
  - O que você acha da militância LGBT?
  
- d) Homossexualidade e Preconceito
  - Você acredita que existe preconceito contra homossexuais em Brasília? Quais seriam as motivações para isso?
  - Você já foi vítima de preconceitos? Conte-me um pouco sobre essas situações? (Em que ambientes elas ocorreram; de que forma; como você lidou com isso?)
  
- e) Homossexualidade e *Self*
  - Seus amigos/parentes/família/colegas de trabalho sabem que você é gay/lésbica?
  - O que você acha das pessoas que são assumidas/ se assumem?
  - Você tem medo que as pessoas “descubram” que você é gay/lésbica?
  - O que frequentar lugares homossexuais significa para você?
  
- f) Identificação:
  - Idade:
  - Local onde mora:
  - Profissão:
  - Você está atualmente trabalhando? Onde?
  - Nível de Escolaridade:
  - Mora sozinho/parceiro/pais:
  - Você tem mais alguma consideração ou comentário a fazer?

Anexo II –Tabela Conceito de Guetos.

Conceitos de Gueto	
Nome	O que é um gueto para você?
José	O gueto pra mim era o que era antigamente o conic, na década de 80 quando você não parava o carro na parte de cima, ali naquela parte de cima, porque você não podia ter seu carro visto ali, você parava lá na parte de baixo, onde ficava escondido, e se eve
Luiz	Um gueto é onde se concentram só pessoas de um mesmo tipo de... professam o mesmo tipo de crença ou que acreditam nos mesmos valores ou têm as mesmas vontades, os mesmos desejos. Você restringe só pessoas com determinado, vamos dizer assim, tribo, sei lá,
Mauro	Não são lugares que só freqüentam gays? Eu acredito que aqui vêm pessoas que não são gays também, né. Gueto seria um lugar onde os gays vão e as pessoas... e os heteros talvez não vão. Então fica aquela separação... aquela coisa toda. Aí eu sou gay, não t
Ana Júlio	Nada que tenha aqui na verdade. Nada que tenha aqui na verdade. Eu não sei, não sei como descrever, mas não acho que Brasília tenha guetos, eu não sei.
Ney	Eu não sei exatamente qual é o conceito de gueto, mas o que eu tenho, o que eu sei de gueto, são locais assim que você fica meio que escondido, que funciona assim muito no... como um esconderijo, que as pessoas vão e freqüentam mais... pessoas que... como
Tânia	Sentido positivo é esse que eu acho que é um espaço onde as pessoas, né, têm mais liberdade, que as pessoas têm o lugar como referência, têm alguma segurança de ir lá e saber que não vão ser maltratadas, que não vão ser expulsos, né. Mas, por outro lado,
Eduarda	Um gueto seria um lugar de tribos. Se for olhando por esse lado, pode ser um gueto. Gueto pra mim seria um lugar de tribo, se essa é a nossa tribo, então é um gueto
Tiago	Ah vem um lugar onde rola de tudo até, por exemplo, sexo em... eu diria que ao público.
Lúcio	Periferia
Camilo	menos isso
Juliana	Gueto soa ruim, não? Acredito que gueto soa...eu tenho uma impressão tão pejorativa quando se usa essa palavra. Remete a ambiente...sei lá....drogas, alguma coisa mais baixa assim
Cristiane	Um gueto para mim é um point de cultura que as pessoas acessam independente da classe social, da raça, com uma miscigenação total, acho que é isso. É um point, não só um point assim, mas é um lugar que as pessoas acessam de, por exemplo aqui funciona quin
Larissa	São ambientes fechados onde só certo tipo de pessoa freqüenta.
Patrícia	Não foi perguntado
Lucas	Um gueto é um lugar mais fechado, onde geralmente tem as mesmas pessoas, né?
Clarice	O gueto para mim eu acho que é mais uma coisa...não sei, baixo nível, não sei, uma coisa menor....
Roberta	Rotular?
Fernando	Na minha opinião o gueto é muito onde você se restringe a um certo grupo de pessoas para escapar de um ambiente onde você não é favorecido, então você vai lá porque você sabe que lá você vai poder ser do jeito que você é. Eu sou um pouco contra isso, eu
Adriana	É um lugar de simplesmente uma tribo só. Tipo, um bar gay, só com a galera gay, não entre em lugar hetero, nem pessoas heteros, assim. Um lugar fechado só pra gay. Isso pra mim é um gueto.
Francisco	Um gueto pra mim são as pessoas que são racinizadas na sua postura não seria no seu pensamento. Não têm muita coisa na cabeça. Brincam por brincar. Eu não gosto de gueto. Não freqüento gueto.
Maria Paula	Um grupo específico de pessoas com certas características iguais.
Fábio	Pra mim, gueto é aquele lugar específico que as pessoas... é que tenham determinado objetivos se encontram. Por exemplo, lugares GLS só vão pessoas do meio GLS. Eu acho que é isso.Acho que um gueto é aquele lugar que rotula. Por exemplo, você conhece um
Cássia	Pra mim, um gueto são as pessoas que dentro da sociedade são, talvez, uma minoria. Uma pessoa que tenta ter uma voz representativa, mas que não tem pelo forte discurso de discriminação. É essa sistemática social mesmo, né, que ocorre com as pessoas.
Marcela	Eu achei até estranho você falar um gueto pra mim, porque gueto pra mim seria uma favela, onde teriam os pretos, entendeu? Agora, que virou gueto também a comunidade gay, aí eu desconheço isso. Eu não sou interada por esse lado. O maior medo meu é que meu
Rafael	Gueto deve ser um lugar que aquelas pessoas especificamente, com aquele tipo de comportamento freqüentam. Não sei. Porque gueto é uma coisa que surgiu na segunda guerra mundial cacete. Gueto é judeu. Agora é meio pejorativo. Não é gueto. Acho que é uma co
Jéssica Luxo	Bom, o gueto pra mim é um lugar escondido que quase difícil acesso, né. Que dá até medo de freqüentar, né? Bom, na opinião seria isso. Tipo um becão mesmo. Na escuridão total.

Fonte: A autora

Legenda

	Café Savana
	Beirute Asa Norte
	Bar Barulho
	Beirute Asa Sul



**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**  
INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS  
DO DISTRITO FEDERAL - BRASÍLIA AMBIENTAL



OFÍCIO Nº.138/2007 – PDSK/ IBRAM

Brasília, 19 de novembro de 2007.

Senhor Presidente,

A respeito dos questionamentos de Vossa Senhoria dirigidos à administração do parque, esclarecemos que o alvará de funcionamento do Bar Barulho está vencido desde junho de 2005, bem como o contrato de uso de área pública que poderá ser renovado após licitação realizada pelo TCDF, prevista para o início do próximo ano.

A respeito dos outros permissionários, a situação deverá ser questionada ao departamento jurídico do IBRAM (Instituto Brasília Ambiental).

Informamos que foi o Serviço de Inteligência da Polícia Civil quem flagrou a presença de menores no estabelecimento, inclusive consumindo bebidas alcoólicas, maiores informações poderá ser obtida pelo órgão responsável pelo procedimento.

A administração do parque não realizou pesquisa, mas já recebeu várias reclamações por parte dos usuários do parque devido a comportamentos de alguns frequentadores do bar.

Enfim, ressaltamos que a administração do Parque Dona Sarah Kubitschek não é homofóbica.

Atenciosamente,

Joseni da Silva Ferreira  
Gerente de Administração do Parque da Cidade

*Joseni da Silva Ferreira*  
APC - DSK/DIPAR/SUGAP/IBRAM  
Administrador - Mat. 164.884-5

Ao Senhor  
Milton Santos  
Presidente do Grupo LGBT de Brasília  
SRTVS 701, Bloco I, Sobreloja 27, Ed. Assis Chateaubriand  
70340-000 – Brasília – DF